

CAROLINA FERNANDES MARTINS

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: ESTUDO COM
ADOLESCENTES EM ESCOLAS NO
CONCELHO DE CASCAIS**

Orientador: Professor Doutor Miguel Oliveira Rodrigues

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Instituto de Serviço Social**

Lisboa

2021

CAROLINA FERNANDES MARTINS

**VIOLÊNCIA NO NAMORO: ESTUDO COM
ADOLESCENTES EM ESCOLAS NO
CONCELHO DE CASCAIS**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais: Análise e Intervenção Social, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no dia 17 de Maio de 2021, perante o júri nomeado pelo Despacho de nomeação de Júri nº 107/2021, de 30 de Março de 2021, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Doutora Fátima Gameiro

Arguente: Prof.^a Doutora Paula Ferreira

Orientador: Prof.^o Doutor Miguel Rodrigues

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Instituto de Serviço Social

Lisboa

2021

DEDICATÓRIA

A ti minha estrela do céu, porque sei que ficarias orgulhosa.
A vocês, mãe e pai, pelos sonhos que colocaram de lado para que isto fosse possível.

AGRADECIMENTOS

Durante a elaboração desta dissertação, muitas foram as pessoas que, de alguma forma contribuíram para tornar possível a sua concretização.

Aos meus pais, por todo o esforço e força que me transmitiram ao longo destes anos, por terem acreditado sempre em mim e no meu valor.

Ao meu namorado, pela compreensão de todas as minhas indisponibilidades, pelo amor e força que me transmitiu quando eu achava já não conseguir mais.

À minha família, pelo incentivo e coragem, sogros, tia Lena, irmão e sobrinhas.

À minha cunhada, por todas as horas dispensadas e ajuda na inserção dos inquéritos.

Ao Professor Doutor Miguel Rodrigues, pela orientação precisa e rigorosa, pela disponibilidade e pelo contributo científico que me dispensou.

A todos os professores, que me transmitiram indispensáveis ferramentas ao longo deste percurso, especialmente à Professora Doutora Fátima Gameiro, o meu obrigado.

A todas as colegas do mestrado, pela partilha de experiências, sobretudo à minha colega Vânia, pela ajuda e coragem que me transmitiu.

Aos meus amigos, pelos momentos de ausência e apoio imprescindível, em particular à Carolina pelo companheirismo, partilha de angústias e acima de tudo, pelo incentivo e força nesta caminhada.

Às quatro Escolas, que se disponibilizaram e me receberam numa altura tão pandémica como a que passamos atualmente, nomeadamente Escola Secundária 2/3 de Alvide, Escola Básica e Secundária da Cidadela, Escola Matilde Rosa Araújo e Escola Básica e Secundária Ibn Mucana.

Aos professores de todas as Escolas que disponibilizaram o seu tempo de aula para que fosse possível os alunos responderem aos inquéritos.

A todos os alunos envolvidos, o meu eterno obrigada, sem eles estes resultados não teriam sido possíveis.

A todas as pessoas que direta ou indiretamente fizeram parte desta investigação.

RESUMO

Segundo a literatura de referência, a violência no namoro entre os jovens é um grave problema na sociedade atual. O presente estudo que tem como objetivo estudar os níveis de legitimação da violência no namoro entre os jovens no concelho de Cascais, onde se verificou um vazio investigativo sobre a problemática. A amostra envolveu 1 026 alunos, entre os 14 e os 20 anos, composta por 53,8% do sexo masculino e 46,2% do sexo feminino. Utilizámos uma abordagem metodológica quantitativa e a recolha de dados foi realizada através do inquérito por questionário, comportando a caracterização sociodemográfica e a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). Alguns dos resultados mais relevantes obtidos evidenciam que o tipo de violência com níveis mais elevados de legitimação encontram-se associados à violência psicológica, decrescendo para a física e sexual. Relativamente à relação desta legitimação com as características dos jovens, observamos níveis de legitimação mais elevados associadas aos jovens do sexo masculino, com três ou mais retenções escolares, residentes em habitação social, inseridos em agregados familiares numerosos, com consumos de drogas, que não são vítimas de violência no namoro, e que são agressores de violência no namoro.

Palavras-chave: Violência no namoro; Legitimação; Atitudes; Adolescência.

ABSTRACT

According to the reference of violence in young couples, it's a serious problem in modern society. This study has the goal of legitimation of violence in young couples in Cascais. This council has shown a lack of studies about this problem, so I used it for my study. A sample of 1026 students aged between 14 and 20 years old, with 53,8% being Males and 46,2% being females. I gathered my Data using a quantitative methodology, and using a questionnaire with sociodemographic variables and attitudes towards dating violence scale. The most relevant results show that the highest level of legitimation are associated to psychological violence, and then, physical and sexual. Regarding the results of this legitimation, I observed higher levels in young males, with three or more failed school grades, residents in council flats, with big household numbers or living with drug addiction. These young men, who tend to legitimate intimate relationship violence, don't appear to be the victims of this type of violence, but sometimes come across as agressores themselves.

Keywords: Violence in the relationship; Legitimation; Attitudes; Adolescence.

ABREVIATURAS E SIGLAS

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

CADRI – Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes

CEF – Curso de Educação e Formação

CEJ – Centro de Estudos Judiciários

CIG – Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género

CDS - Centers for Disease Control and Prevention

CP – Código Penal

DGE – Direção-Geral da Educação

DGES – Direção-Geral do Ensino Superior

EAVN - Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro

GAAF – Gabinetes de Apoio ao Aluno e à Família

IAC – Instituto de Apoio à Criança

IBM – International Business Machines

IPSS – Instituto Particular de Solidariedade Social

ISS – Instituto da Segurança Social

LGBTI – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Trans e Intersexo

PIEF – Programa Integrado de Educação e Formação

RASI – Relatório Anual de Segurança Interna

SICAD – Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências

SGMAI – Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna

SPSS – Statistical Package for the Social Sciences

UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta

VPM – Violência psicológica masculina

VFM – Violência física masculina

VSM – Violência sexual masculina

VPF – Violência psicológica feminina

VFF – Violência física feminina

VSF – Violência sexual feminina

OMS – World Health Organization/Organização Mundial de Saúde

ÍNDICE GERAL

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO 1	
VIOLÊNCIA NO NAMORO: FATORES DE CARACTERIZAÇÃO	15
1.1. Violência no Namoro.....	16
1.2. Tipos de Violência no Namoro.....	18
1.2.1. Violência Física.....	18
1.2.1. Violência Psicológica.....	18
1.2.1. Violência Sexual.....	19
1.2.1. Violência Social.....	19
1.2.1. Violência Económica.....	20
1.3. Enquadramento Legal.....	20
1.4. Ciclo da Violência no Namoro.....	22
1.5. Fatores de Risco.....	24
1.5.1. Fatores de Risco - Individuais.....	25
1.5.2. Fatores de Risco - Estrutura Familiar.....	26
1.5.3. Fatores de Risco - Ambientais.....	27
1.5.4. Fatores de Risco - Situacionais ou Contextuais.....	28
1.6. A Adolescência.....	29
1.7. Caracterização da Violência no Namoro.....	30
1.8. Consequências da Violência no Namoro.....	32
1.9. Respostas Existentes para a Violência no Namoro.....	33
1.10. Estudos da Violência no Namoro.....	37
CAPÍTULO 2	
METODOLOGIA DA PESQUISA	41
Introdução.....	42
2.1. Problemática do estudo.....	42
2.2. Pergunta de partida.....	43
2.3. Objetivos.....	43
2.4. Hipóteses.....	44
2.5. Metodologia da investigação.....	46
2.6. População e amostra.....	47

2.6.1. Caracterização da amostra.....	47	
2.6.2. Caracterização do Concelho e Escola dos participantes.....	50	
2.7. Instrumento de recolha de dados.....	54	
2.7.1. Questionário sociodemográfico.....	55	
2.7.2. Questionário EAVN.....	58	
2.8. Procedimentos da recolha de dados.....	59	
2.9. Procedimentos estatísticos.....	60	
CAPÍTULO 3		
APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....		62
Introdução.....	63	
3.1. Apresentação e análise dos resultados.....	63	
3.2. Avaliação global da escala e subescalas dos níveis de legitimação face à Violência no Namoro.....	63	
3.2.1. Apresentação dos resultados.....	64	
3.2.1.1. Análise e discussão dos resultados.....	64	
3.3. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no namoro na subescala VPM.....	66	
3.3.1. Apresentação dos resultados.....	66	
3.3.1.1. Análise e discussão dos resultados.....	69	
3.4. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no namoro na subescala VFM.....	70	
3.4.1. Apresentação dos resultados.....	70	
3.4.1.1. Análise e discussão dos resultados.....	73	
3.5. Influência das características sociodemográficas dos jovens, os níveis de legitimação face à Violência no namoro na subescala VSM.....	74	
3.5.1. Apresentação dos resultados.....	74	
3.5.1.1. Análise e discussão dos resultados.....	77	
3.6. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no namoro na subescala VPF.....	78	
3.6.1. Apresentação dos resultados.....	78	
3.6.1.1. Análise e discussão dos resultados.....	81	
3.7. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no namoro na subescala VFF.....	82	
3.7.1. Apresentação dos resultados.....	82	
3.7.1.1. Análise e discussão dos resultados.....	85	

3.8. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no namoro na subescala VSF.....	86
3.8.1. Apresentação dos resultados.....	86
3.8.1.1. Análise e discussão dos resultados.....	89
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	90
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	95

APÊNDICES

Apêndice I - Questionário sociodemográfico.....	II
Apêndice II - Autorização da autora do Questionário EAVN.....	IV
Apêndice III - Autorização da direção das Escolas.....	VI
Apêndice IV - Autorização aos Encarregados de Educação.....	XI

ANEXOS

Anexo I - Questionário Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)...	XIII
--	-------------

QUADROS

Quadro 1 - Identificação dos conteúdos e ligações entre a pergunta de partida, hipóteses, objetivos do estudo.....	45
Quadro 2 - Descrição das subescalas da EAVN.....	58

TABELAS

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica - Amostra.....	49
Tabela 2 - Pontuações totais da escala e subescalas globais.....	64
Tabela 3 - VPM de acordo com os dados sociodemográficos dos jovens.....	68
Tabela 4 - VFM de acordo com os dados sociodemográficos dos jovens.....	72
Tabela 5 - VSM de acordo com os dados sociodemográficos dos jovens.....	76
Tabela 6 - VPF de acordo com os dados sociodemográficos dos jovens.....	80
Tabela 7 - VFF de acordo com os dados sociodemográficos dos jovens.....	84

Tabela 8 - VSF de acordo com os dados sociodemográficos dos jovens.....	88
--	----

FIGURAS

Figura 1 - Ciclo da Violência no Namoro.....	24
---	----

Figura 2 - Mapa das Freguesias do Concelho de Cascais.....	54
---	----

INTRODUÇÃO

O presente estudo, denominado por “Violência no namoro: Estudo com Adolescentes em Escolas no Concelho de Cascais” estende-se à problemática da violência no namoro em jovens adolescentes, relacionando-a com as atitudes dos jovens face à violência física, psicológica e sexual.

A violência no namoro gera mudanças nos indivíduos e na relação entre o casal, acabando por afetar todos os sistemas aos quais pertencem (Dourado & Noronha, 2014). Desta forma, deve ser considerada, como sendo violência, todo o ato intencional que, de alguma forma, coloque em causa a integridade física e/ou psicológica, impossibilite a satisfação das necessidades básicas, impeça o acesso aos direitos de outrem, falta de suporte social, ou mesmo que instiguem a morte um indivíduo (Brown, 2008; Gehring & Vaske, 2015; Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009; Organização Mundial de Saúde [OMS], 2016).

Nesta sequência, a violência no namoro, tendo em conta a sua terminologia, é um tipo de violência que não difere essencialmente em relações conjugais, pelo que, face à legislação portuguesa, este tipo de prática é punida enquanto crime de violência doméstica (Direção Geral de Saúde [DGS], 2014).

A violência nas relações íntimas juvenis foi, durante algum tempo, colocada para segundo plano no setor da investigação e sua intervenção. O difícil acesso dos investigadores à população juvenil, a definição do conceito e sua operacionalização, são algumas das dificuldades sentidas e tornando-se obstáculos à visibilidade social desta problemática. Até aos anos 80, a dimensão e graveza deste fenómeno eram desconhecidas, até ao ano 1981, ano em que surge um estudo pioneiro na área da violência na intimidade juvenil, desenvolvido por Makepeace (Caridade & Machado, 2013).

Em Portugal, começa a verificar-se uma maior compreensão sobre a gravidade e a proporção do problema da violência no namoro a partir do início da década de 1990. Pese embora o interesse social e científico por esta problemática, como vimos nos últimos anos alguns estudos sobre os vários comportamentos violentos entre jovens casais que contribuíram para a discussão do problema, no entendimento da prevenção desse fenómeno (Beserra et al., 2016; Guerreiro et al., 2017; Neves, 2020; União Mulher Alternativa e Resposta [UMAR], 2019).

A ausência de investigações sobre este tema pode ser fundamentada pela ideia de que o namoro não é um lugar para perpetração de violência. A ideia de que a violência só acontece

em relacionamentos mais estáveis é um equívoco, pois também acontece em relacionamentos de namoro comuns entre adolescentes (Bittar & Nakano, 2017).

O tema da violência no namoro entre adolescentes é um tema parcialmente recente na literatura científica, pois é na adolescência que os jovens são propensos para correr riscos e aventurarem-se, procurando praticar comportamentos de adultos, apesar de não serem (Alves, 2016). Desta forma, este tema, aos poucos, tem sido alvo de grande pertinência nos estudos internacionais com dois intuitos principais: melhorar experiências afetivo-sexuais entre os jovens e prevenir a violência conjugal (Beserra et al., 2016; Bittar & Nakano, 2017).

A violência no namoro constitui um problema social e é merecedor de atenção em si mesmo, reconhecendo a grande importância da escola e dos pais na socialização e civilização dos jovens, tendo uma conjuntura privilegiada para o aparecimento e a sinalização de comportamentos violentos.

Acontece que alguns dos casos de violência no namoro acabam por se prolongar na vida conjugal, tornando-se possivelmente em violência doméstica, e é aqui, que faz surgir a precisão da prevenção primária da violência, nomeadamente ao nível da violência nas relações de intimidade (Guerreiro et al., 2015).

Neste sentido, torna-se indispensável uma análise aprofundada das complexidades da problemática, com especial atenção nas vertentes pouco investigadas, como a que este estudo se propõe. Desta forma, o estudo tenciona aprofundar a análise sobre o fenómeno da violência no namoro em jovens adolescentes, estudando a perpetração da violência física, psicológica ou sexual nos jovens e a possível influência das características sociodemográficas, numa região onde se deparamos com a inexistência de estudos sobre a problemática, nomeadamente o Concelho de Cascais.

Tendo como objeto de estudo o envolvimento juvenil em relações de intimidade violentas, a **pergunta de partida** que encaminhará os objetivos deste estudo é:

- De que forma as características dos jovens influenciam as suas atitudes de legitimação face à violência no namoro, a nível psicológico, físico, sexual?

O **objetivo geral** do estudo visa:

- Comparar as atitudes de legitimação face à violência no namoro segundo as características sociodemográficas dos jovens.

A população do estudo é composta por 1 026 alunos de quatro escolas do Concelho de Cascais, nomeadamente, a Escola Secundária 2/3 de Alvide, a Escola Básica e Secundária

Matilde Rosa Araújo, a Escola Básica e Secundária da Cidadela, e a Escola Básica e Secundária Ibn Mucana.

Como instrumento de recolha de dados utilizamos o inquérito por questionário, construído com base na pergunta de partida, hipóteses e os objetivos do estudo. Para o tratamento dos dados utilizámos o programa «Statistical Package for the Social Sciences» (SPSS), tendo como técnica a análise estatística e a correlação de variáveis, para estruturação dos resultados. O questionário utilizado denomina-se de “Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). Este é composto por 76 itens, divididos por seis subescalas, sendo três relativas as atitudes face à violência masculina (Violência Psicológica Masculina (VPM); Violência Física Masculina (VFM); Violência Sexual Masculina (VSM), e três subdimensões de atitudes face à violência feminina (Violência Psicológica Feminina (VPF); Violência Física Feminina (VFF); Violência Sexual Feminina (VSF). Os itens são avaliados segundo uma escala de Likert. O instrumento indica que pontuações com valores mais elevados significa uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos.

Relativamente à estrutura, este trabalho reparte-se em três capítulos, o enquadramento teórico, a apresentação da parte metodológica, e a análise e discussão dos resultados. Na parte concetual, exposta no primeiro capítulo, apresentamos os aspetos mais relevantes relativos à adolescência e à violência no seu sentido mais amplo e circunscrito à violência no namoro, onde também analisamos através de uma revisão da literatura os principais autores e investigadores da área em estudo. Ainda nesta fase, consta com pormenor, o quadro concetual, que detém as principais conceções pertencentes a esta problemática.

Quanto à fase metodológica, fundamentada no segundo capítulo, são caracterizadas as diversas fases do plano de investigação, abrangendo a referência às questões éticas da investigação. Apresentamos a pergunta de partida, os objetivos, as hipóteses, o método de pesquisa, a população, o contexto do estudo, a caracterização da amostra, descrição dos instrumentos de recolha de dados e os procedimentos deste trabalho. Encontramos definidas as técnicas empregues na recolha dos dados, relativamente à apresentação, análise e discussão dos resultados, bem como a verificação das hipóteses da investigação.

O terceiro capítulo debruça-se sobre a apresentação, análise e discussão dos resultados alcançados a partir do estudo empírico, procurando responder aos objetivos e hipóteses apontadas. Por fim, encontramos as conclusões do nosso estudo.

Com a elaboração deste trabalho, acreditamos compreender melhor o fenómeno da violência nas relações de namoro e, neste seguimento, movimentar para o terreno todos estes conhecimentos, podendo contribuir para uma formação mais atenta e completa junto dos jovens.

CAPÍTULO 1

VIOLÊNCIA NO NAMORO: FATORES DE CARACTERIZAÇÃO

1.1. Violência no namoro

Ao longo do tempo, o termo violência sofreu diversas definições e meios de atuação. No século XX a violência doméstica passou a usufruir de uma grande visibilidade aos olhares da comunidade científica e da sociedade devido à questão multidimensional social que abrange (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). O impacto da violência doméstica tornou-se vasto, acabando por se refletir nas vítimas, nas pessoas que lhes são próximas, mas também na comunidade, sistema de saúde e serviços sociais e judiciais (Machado, Hines & Matos, 2018). Atualmente, a violência assume-se como uma problemática a nível mundial, por isso deve ser vista com grande importância (OMS, 2020).

No ano 2013, o crime de Violência Doméstica passa a conter a violência no namoro. Violência no namoro é violência doméstica: Violência doméstica é também incorrer maus tratos sejam eles físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, proibir a sua liberdade e ofensas sexuais, a pessoa de outro ou do mesmo sexo, com quem se tem, ou tenha tido, uma relação amorosa (Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG], 2021¹).

No mundo, são assinaladas ao ano, mais de 1,3 milhões de mortes consequentes da violência, em todas as suas formas, corresponde assim, a 2,5% da mortalidade global (OMS, 2014).

A violência e os comportamentos humanos acompanham a história da Humanidade há bastante tempo, esta, surge sob diversas maneiras em distintas civilizações. Hoje em dia, o conceito de atos violentos envolve um conjunto de atitudes considerados censuráveis e deploráveis, pois têm um grande impacto negativo na qualidade de vida e na saúde dos indivíduos, populações, às vezes, em casos de limite, conduz até à morte (DGS, 2014).

A violência no namoro tem sido vista como um grave problema de saúde pública e social, bem como um ato de violência pontual ou contínuo, num contexto de uma relação de namoro (Centers for Disease Control and Prevention [CDS], 2016; CIG, 2021²; OMS, 2016). Neste seguimento, a violência é vista como a prática do uso de força física ou do poder intencional, que pode ser dirigido contra si próprio, contra um indivíduo ou contra um grupo (OMS, 2009). Desta forma, quando são praticados atos violentos, seja de que tipo for numa relação e que tenha início na fase de namoro, esta é propensa a durar anos, aumentando a

¹ CIG - Violência no Namoro. Acedido em 03 de janeiro de 2021 em <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/violencia-no-namoro/enquadramento/>

² CIG - Violência no Namoro. Acedido em 03 de janeiro de 2021 em <https://www.cig.gov.pt/area-portal-da-violencia/violencia-no-namoro/enquadramento/>

frequência e o grau de gravidade das situações (Duarte, 2011). Quer-se com isto dizer que as relações violentas que tenham início na fase de namoro podem ocorrer durante o casamento onde acabam por ser qualificadas pelo controlo e privação da autonomia da mulher ou do homem (Aguinha, 2013).

A violência no namoro apresenta impactos sobretudo ao nível do foro psicológico, físico e sexual dos adolescentes e jovens adultos, fundamentado por parte de diversos estudos internacionais (Carter-Snell, 2015; Exner-Cortens, Eckenrode & Rothman, 2013; Foshee et al., 2013; Soares, Lopes & Njaine & 2013), e nacionais (Caridade & Barros, 2018; Santos, Caridade & Cardoso, 2019) Esta forma de violência ocorre quando esta é cometida pontualmente ou continuamente por um dos parceiros ou ambos (Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV], 2018).

No contexto português, relativamente à especificidade da violência no namoro, esta aparece hoje como um tema debatido e analisado, tanto a nível público como a nível académico, bem como um fenómeno social e jurídico, tendo já uma grande visibilidade e interesse por parte dos meios de comunicação (Gama, Veríssimo & Tomás, 2017).

A violência nas relações amorosas não conhece barreiras geográficas, estratos sociais, faixas etárias, religiões, etnias e ocorre em todos os casais (hetero e homossexuais) (Baptista, 2013). Quando se envolve crimes de violência no namoro estas situações de violência também são praticadas no âmbito de relações amorosas heterossexuais ou homossexuais/lésbicas, que podem de igual forma abranger agressões físicas, psicológicas, emocionais e/ou verbais, ameaças, perseguição, controlo, vitimação sexual, entre outras (Neves et al., 2020). Nesta linha de pensamento, a violência nas relações íntimas de namoro abrange um problema geral, que afeta grande parte da população, acabando por frequentar uma figura de género, pois a maioria das vítimas são mulheres e os homens quem pratica os atos violentos (CIG, 2019; Veríssimo et al., 2013).

Ao analisarmos o Relatório Anual de Segurança Interna (RASI) referente ao ano de 2019, observamos que a violência doméstica assume o seu valor mais elevado desde o ano 2010, com um crescimento de 11,4% (+ 3 015 casos). Porém, podemos perceber que 14% das vítimas tem menos de 16 anos e 11% tem entre 16 e 24 anos. Existiu um aumento significativo entre o ano 2018 e o ano 2019. No ano 2018 registaram-me 3 919 (12,2%) vítimas com menos de 16 anos, valor esse que aumentaria para 5 132 (13,7%) casos em 2019. O mesmo aconteceu para as vítimas com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos, onde em 2018 registava 3

015 (9,4%) vítimas e no ano 2019 aumentou para 4 103 (10,9%) (Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna SGMAI], 2020).

1.2. Tipos de Violência no Namoro

Sabemos que nos dias que correm, os jovens adolescentes envolvem-se em relacionamentos amorosos, que infelizmente, por vezes acabam por vivenciar de alguma forma algum tipo de violência. Neste seguimento, existem vários tipos de violência no namoro, nomeadamente a violência física, psicológica, sexual, social e económica (Moura, 2012; SGMAI, 2016). Estes tipos de violência culminam na maioria das vezes através do uso do poder que se traduz em agressão física, psicológica, sexual, social ou económica, e o desfecho pode mesmo ser o homicídio (Paulino & Rodrigues, 2016).

A violência física é, maioritariamente reconhecida em quase todos os crimes de violência, porém a violência psicológica identifica-se como uma realidade silenciosa. A violência social, económica e sexual acontecem com menor prevalência, mas não são menos importantes. A violência social e económica estão assentes em estratégias para possibilitar o controlo sobre as vítimas. A violência sexual pode deixar marcas para a vida, pois efetivamente é uma das violências mais graves cometidas pelos agressores (CIG, 2019; Paulino & Rodrigues, 2016).

Nos pontos seguintes analisamos as tipologias mais frequentes de forma detalhada, complementando com alguns exemplos da violência física, psicológica, sexual, económica e social, sendo que a física, psicológica e sexual se apresentam como as tipologias de violência chave representadas neste nosso estudo.

1.2.1. Violência Física

O objetivo da violência física é magoar, causar danos físicos ou orgânicos podendo ou não deixar marcas. Inclui muitas formas de agressão corporal que pode ou não deixar sinais ou lesões (UMAR, 2019). Exemplos como puxar o cabelo, empurrar, morder, pontapear, apertar alguma parte do corpo, esfaquear, entre outros (APAV, 2020; Paulino & Rodrigues, 2016). A violência física pode associar-se a ameaças à vida da vítima por parte do agressor tendo como principal objetivo incitar dor ou injúria à vítima (APAV, 2014; CIG, 2019; Félix, 2012).

1.2.2. Violência Psicológica

A tipologia da violência psicológica envolve ameaças, prática de injúrias, insultos, destruição de objetos de valor afetivo, perseguições, humilhações, no caso da violência no namoro por jovens adolescentes, acontece também o agressor ameaçar que se suicida caso a vítima o abandone (Barbosa, 2014; Félix, 2012; Filipe, 2013; Lameira, 2013; Manuel, 2014; Monteiro, 2015; Paulino & Rodrigues, 2016). Este tipo de violência pretende humilhar ou embaraçar a vítima com intenção de a afetar, torna-la obediente e isola-la de outros indivíduos, partir ou danificar objetos com a intenção de causar medo (APAV, 2020; Ferreira, 2013). Na fase da adolescência, principalmente das relações principiantes amorosas há uma propensão para que, quer a vítima, quer o agressor desprezem a violência nestas relações juvenis, contudo é evidente o impacto que incitam ao nível psicológico e emocional, mais evidente no sexo feminino (OMS, 2014).

1.2.3. Violência Sexual

A violência sexual nas relações de intimidade dá-se, comumente, sob a forma de coação, abuso ou violação. A literatura diz-nos que é uma forma de violência pouco reconhecida e denunciada, principalmente nas relações de intimidade (UMAR, 2019). Este tipo de violência refere-se a atos de cariz sexual não autorizados pelo companheiro, alguns exemplos são a violação, exposição a práticas sexuais com terceiros ou exibição forçosa a pornografia (CIG, 2019). Forçar à prática de relações sexuais; acariciar sem o consentimento da outra pessoa (APAV, 2020).

Existe muitas vezes algum tipo de pressão aquando encontros amorosos para que a vítima tenha relações sexuais, ou para que tenha relações sexuais mais vezes do que deseja (Byers & Sears, 2010; Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009).

1.2.4. Violência Social

A violência social traduz-se em atos que o agressor utiliza para promover o isolamento da vítima, tratando-se de afastar a vítima da sua rede social e familiar. No caso da violência no namoro em jovens adolescentes, o agressor afasta a vítima de convívios com amigos e às vezes

até da família deixando perturbações emocionais profundas (Paulino & Rodrigues, 2016; Rodrigues & Sousa, 2018). O controlo é uma forma de violência que quando está presente numa relação amorosa, revela-se em comportamentos como: proibições de sair sem o/a companheiro/a; de estar ou falar com um/a amigo/a; proibir de vestir determinada peça de roupa; obrigar o/a companheiro/a fazer algo que não quer, entre outros (Centro de Estudos Judiciários [CEJ], 2018; UMAR, 2019).

1.2.5. Violência Económica

A violência económica caracteriza-se pela inibição de acesso ao dinheiro por parte do agressor ou mesmo o acesso a bens de necessidade básica (alimentação, aquecimento). O agressor tenta que, caso a vítima tenha emprego e um bom sustento financeiro, que o seu salário fique na sua posse total (Paulino & Rodrigues, 2016). Negação de acesso ao dinheiro, negação do acesso ao trabalho, negação de frequentar cursos escolares ou ações de formação e de ter acesso à educação global (CIG, 2019; Lopes, 2013).

1.3. Enquadramento Legal

Quando se debruçamos sobre o contexto legal da problemática da violência no namoro em Portugal, percebemos que se encontra intrinsecamente inserido no crime de violência doméstica, e, obrigatoriamente, remete-nos aos conteúdos do Código Penal Português.

Foi com a Lei n.º 7/2000, de 27 de maio³, que surge a implementação da natureza do crime de maus tratos nas relações entre cônjuges e análogas às dos cônjuges, passando a ser um crime público.

Será, no entanto, cerca de sete anos depois que são introduzidas alterações significativas, com a Lei n.º 59/2007, de 4 de setembro⁴, compreendendo a autonomização do tipo legal de crime e denominando-o de «Violência Doméstica», presente no artigo 152º do Código Penal.

Um dos mais importantes diplomas legais na prevenção e apoio à vítima de violência doméstica, cognominado como “lei mãe” da violência doméstica, surge com a Lei n.º 112/2009,

³ Lei n.º 7/2000 - Diário da República, I Série-A, n.º 123, de 27 de maio de 2000.

⁴ Lei n.º 59/2007 - Diário da República, I Série, n.º 170, de 4 de setembro de 2007.

de 16 de setembro⁵. A mesma viria a estabelecer o regime jurídico aplicável à prevenção da violência doméstica, à proteção e à assistência das suas vítimas. Importantes alterações no seu círculo tem ocorrido, encontrando-se atualmente na sua décima alteração, presente no Decreto-Lei n.º 101/2020, de 26 de novembro⁶ (que procede à criação de uma licença especial para reestruturação familiar e do respetivo subsídio, no âmbito do crime de violência doméstica).

Após esta importante alteração, surge a Lei n.º 19/2013, de 21 de fevereiro⁷, a qual viria a proceder a nova transformação do seu artigo 152º. Esta alteração promoveu o seu alargamento de conteúdos neste crime, nomeadamente a abrangência das relações de namoro, ainda que sem coabitação, e a pessoa do mesmo sexo. Este artigo estabelece no seu n.º 1 que:

“Quem, de modo reiterado ou não, infligir maus tratos físicos ou psíquicos, incluindo castigos corporais, privações da liberdade e ofensas sexuais: a) Ao cônjuge ou ex-cônjuge; b) A pessoa de outro ou do mesmo sexo com quem o agente mantenha ou tenha mantido uma relação de namoro ou uma relação análoga à dos cônjuges, ainda que sem coabitação; c) A progenitor de descendente comum em 1.º grau; ou d) A pessoa particularmente indefesa, nomeadamente em razão de idade, deficiência, doença, gravidez ou dependência económica, que com ele coabite; é punido com pena de prisão de um a cinco anos (...)”.

Por ser determinando como um crime que envolve uma importante responsabilidade social pela legislação portuguesa, declara assim que o seu arquivamento não se encontra sujeito apenas pela retirada da queixa por parte da sua vítima. A posição e situação de fragilidade e de exposição ao controle do agressor, é assim assumido pela legislação, invocando que o papel do Estado e da sociedade, através do Ministério Público, detém o poder avaliativo da gravidade das ofensas e das necessidades, determinando igualmente os tipos de medidas a adotar judicialmente (Rodrigues, 2017).

Lançamos aqui um breve olhar sobre a correlação que podemos encontrar presente entre o crime de violência doméstica/no namoro e a responsabilidade dos seus intervenientes, particularmente em função da idade. Em contexto nacional encontramos a idade mínima para a responsabilidade civil aos 18 anos (artigo 130º do Código Civil), no entanto, é a partir dos 16

⁵ Lei n.º 112/2009 - Diário da República, I Série, n.º 180, de 16 de setembro de 2009.

⁶ Decreto-Lei n.º 101/2020 - Diário da República, I Série, n.º 231, de 26 de novembro de 2020.

⁷ Lei n.º 19/2013 - Diário da República, I Série, n.º 37, de 21 de fevereiro de 2013.

anos que se assume uma responsabilidade criminal. Neste contexto, os menores de 16 anos são designando de sujeitos processuais inimputáveis em razão da idade (Artigo 19º do Código Penal (CP), ou seja, um a criança/jovem abaixo dos 16 anos de idade que cometa crime, declara-se que cometem “facto qualificado na lei penal como crime”, encontrando-se assim excluídos do âmbito da lei penal e passam a estar sujeitos a uma jurisdição especial⁸.

1.4. Ciclo da Violência no Namoro

A violência no namoro que aqui desenvolvemos, não sofre uma “repentina e inesperada” ameaça à sua segurança (CEJ, 2016).

Neste caso, é pertinente os profissionais conhecerem as dinâmicas da violência, os seus efeitos, suas consequências, pois estas dinâmicas são as ferramentas certas para apoiar corretamente as vítimas (Paulino & Rodrigues, 2016). Neste enquadramento, o profissional deve ter a perceção que nem todas as vítimas passam pelo ciclo da violência, logo, o ciclo da violência é um fator importante, mas nem sempre útil a todas as situações (Ibidem).

O ciclo da violência explica como e porquê das vítimas se deixarem permanecer numa relação violenta, sem conseguir sair dela (Gaspar, 2016). Este ciclo é uma continuidade no tempo, repete-se sucessivamente por meses ou anos, podendo a fase da tensão ser cada vez menos e a fase do ataque violento tornar-se cada vez mais intensa (APAV, 2014).

O ciclo da violência no namoro é então composto por 3 fases: primeiramente o aumento da tensão, de seguida o ataque violento e por fim, dá-se a lua-de-mel. Na imagem seguinte (Imagem 1), podemos visualizar as três fases para o ciclo da violência.

A fase do aumento da tensão é a fase do domínio sobre a mulher, esta cria um ambiente de perigo para a vítima, pois é culpabilizada por qualquer coisa que diga ou faça (Couto, 2013).

⁸ O sistema de justiça juvenil português compreende três distintos níveis de intervenção, em razão da idade: *Menos de 12 anos de idade* - Lei de Promoção e Proteção de Crianças e Jovens em Perigo. Lei n.º 147/99 - Diário da República, I Série-A, n.º 204, de 1 de setembro de 1999. Alterada pela Lei n.º 142/2015 - Diário da República, I Série, n.º 175, de 8 de setembro de 2015, e pela Lei n.º 23/2017 - Diário da República, I Série, n.º 99, de 23 de maio de 2017; *Entre 12 e 16 anos de idade* - Lei Tutelar Educativa. Lei n.º 166/99, de 14 de setembro. Diário da República, I Série I-A, n.º 215, de 14 de setembro de 1999. Alterada pela Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro. Diário da República, I Série, n.º 10, de 15 de janeiro de 2015. Declaração de Retificação à Lei n.º 4/2015, de 15 de janeiro, Retificação n.º 9/2015, de 03 de março. Diário da República, I Série, n.º 43, de 03 de março de 2015); *16 ou mais anos de idade* - Código de Processo Penal., sendo que a lei contempla um Regime Penal Especial a aplicar a jovens adultos entre os 16 e os 21 anos de idade (Regime Penal aplicável a Jovens Delinquentes. Decreto-Lei n.º 401/82, de 23 de setembro. Diário da República, I Série, n.º 221, de 23 de setembro de 1982).

Tudo servirá para o agressor ficar chateado, como a limpeza da casa, confeção das refeições, crises de ciúmes, ausentar-se de casa sem avisar para onde vai.

Neste período não existe uma duração definida. Por vezes a vítima acaba por evitar fazer qualquer coisa porque irá causar discórdia e discussão (APAV, 2011; CEJ, 2016; Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). Quando o agressor não consegue colocar em prática técnicas de negociação aquando momentos de divergência e de conflito acaba por optar por tomar atitudes de controlo sobre a vítima, dando assim um momento de tensão (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009).

A fase da explosão é a fase onde ocorre a agressão ou o ataque violento. O agressor descarrega toda a tensão acumulada durante a primeira fase na vítima através de ataques físicos e/ou psicológicos e/ou sexuais, vendo-a apenas como um objeto. A vítima acaba por aceitar a violência sem contrariar uma vez que não vê outra forma de resposta, apesar dos maus-tratos começarem a ser frequentes e cada vez mais intensos (Couto, 2013; Machado, 2010). É ainda nesta fase que o agressor tenta desculpabilizar os seus atos, fazendo referência a possíveis razões para as suas atitudes, podendo atribuir uma certa responsabilidade à vítima (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009).

A fase da lua-de-mel é a fase do arrependimento. Após as agressões, o agressor pede desculpa pelos atos violentos cometidos, mostrando-se redondamente arrependido, sugerindo de imediato a conciliação entre o casal (APAV, 2014; Machado, 2010). O agressor envolve a vítima de carinho e atenção fazendo-a acreditar que as agressões não voltarão a acontecer. Às vezes, o agressor tenta direcionar-se para a família e amigos chegados, contando o sucedido, dizendo que terá sido um ato isolado. Desta forma, a vítima acha que o agressor mudou pois sente uma força positiva. Esta fase tende a desaparecer com a repetição dos ciclos e o agravamento da violência podendo às vezes levar até à morte da vítima (APAV, 2014; Magalhães, 2010).

Estas três fases formam um ciclo, sucedendo-se umas às outras vezes sem conta (Machado, 2010). Concluimos assim, que o ciclo da violência é propenso a repetir-se com mais intensidade e em curtos espaço-tempo, suportando lesões cada vez mais graves (Couto, 2013).

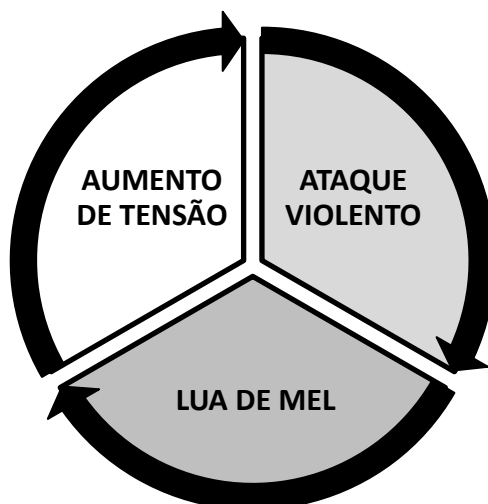


Figura 1 - Ciclo da Violência no Namoro

Fonte: Elaboração própria/2021, adaptado de Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG], (2019, p. 27)

1.5. Fatores de Risco

A violência carrega consigo um problema complexo, e por isso ela não se consegue explicar num só fator de risco, pois pode cooperar para o aparecimento de uma situação violenta. Pelo contrário, a violência resulta de uma conjunção de diversos fatores de risco e de proteção também, pois estes prevalecem de diferentes formas - o indivíduo, as suas relações, a comunidade e a sociedade (APAV, 2020).

Encontramos neste tema uma grande variedade de investigações que têm tido interesse no sentido de nomear os fatores de risco que contribuem para a violência e a perpetração destes nas relações amorosas (Caridade & Machado, 2006). São vários os fatores de risco ligados à violência nas relações de intimidade aos quais a sociedade em geral, e não apenas as vítimas, deve estar atenta (CIG, 2019).

Nesta problemática sensível, o começo dos comportamentos e/ou atitudes desajustadas compõe diferentes fatores, por isso, consideramos que perceber a violência no namoro se torna não num único modelo explicativo onde prevê uma visão envolta da problemática, mas sim na aceitação de um modelo que integra vários fatores tolerantes, complexos e abrangentes, quer sejam eles familiares, individuais, interpessoais, ambientais, situacionais ou contextuais, que estão ligados reciprocamente aos comportamentos da violência no namoro (Caridade & Machado, 2013).

Segundo a Direção Geral de Saúde, os fatores de risco podem ser também identificados como Relacionais, Macrossociais, Biológicos e Individuais (DGS, 2014).

Importa referir que os fatores de risco não são a causa direta da violência no namoro, no entanto podem aumentar a probabilidade de um individuo se tornar violento (Ribeiro & Sani, 2009). Desta forma, cada um de nós compreende as experiências em concordância com as suas crenças e aceitações. Apesar destas se encontrarem ocultas, poderá existir uma situação que as ative e que por sua vez adequa a resposta do individuo, tanto emocional como comportamental (Pires et al., 2017).

Existem por isso inúmeros comportamentos que se deve ter em a atenção quando suspeitamos da existência de violência no namoro, nomeadamente se o jovem recusa comer, tem vômitos, evita socializar com amigos, comete vandalismo e roubo, automutilação, tenta o suicídio, entre outros (CIG, 2019).

1.5.1. Fatores de Risco - Individuais

Os fatores de risco individuais podem estar relacionados com a violência interparental, práticas parentais mal tratantes, abuso sexual na infância (Caridade, 2011). Podem variar também por baixa nível de autoestima reduzido, dificuldades económicas, depressão, dependência emocional, insegurança e isolamento social (CIG, 2019).

A literatura diz-nos que as crianças ou jovens que assistem à violência entre o casal gera uma grande gestão emocional, por vezes bastante difícil. Causa perturbações ao nível psicológico pois estes fatores muitas vezes impossibilitam dar atenção às crianças e jovens e por esta razão dá-se o desequilíbrio afetivo (Strecht, 2008). Neste sentido, uma criança impulsiva e ativa tem mais probabilidade de se tornar agressiva do que uma criança passiva e tranquila (Fernandes & Seixas, 2012).

Por outro lado, existe alguma discussão quando ao fator “idade”, pois as diferenças de idade e a relação que esta pode observar na execução da prática de alguma agressão e/ou vitimação nas relações amorosas, podem causar alguma controvérsia (Caridade, 2011). Na mesma linha de pensamento, a literatura mostra-nos também que apesar de não existirem diferenças consideráveis ao nível do abuso emocional e sexual, os indivíduos mais novos têm mais probabilidade de praticarem e sofrerem violência física (Antunes & Machado, 2012).

Embora as vítimas de violência no namoro sejam tanto do sexo feminino como do masculino, tem vindo a ser fundamento que o género feminino é mais propenso para sofrer

danos físicos, com impacto psicológico, bem como violência sexual, do que o género masculino (Caridade & Machado, 2008). Nesta perspetiva, é sem dúvida observável que uma grande percentagem de estudos na temática observa que, tal como na fase adulta, na adolescência, a violência surge como uma forma de diversificar o homem da mulher, mostrando que o ser superior da relação é sempre o sexo masculino (Filho, 2017; Herculan et al., 2020).

Os fatores socioeconómicos e de género surgem assim como variáveis que, apesar de apresentarem em alguns estudos correlações distintas na análise dos impactos, surgem como fatores de grande relevância na análise do tema. Nesta perspetiva, encontramos uma maioria de estudos nos quais referem que adolescentes de estatutos socioeconómicos desfavorecidos, tendem a manifestar comportamentos mais agressivos (Araújo, 2013). A conjugação do género com o contexto socioeconómico pode assim apresentar e influenciar, não só na existência de violência no namoro, como no tipo de violência praticada (Manuel, 2014). Maioritariamente encontramos estudos que defendem que os indivíduos com um nível socioeconómico mais baixo, demonstram ter uma maior tendência para a prática de comportamentos violentos (Antunes & Machado, 2012; Matos, Gonçalves & Gaspar, 2005). Em contrapartida, segundo um estudo realizado com estudantes do ensino secundário e universitário, mostram que o fator socioeconómico não tem qualquer influência tanto na prática de agressões, como na vitimação dos indivíduos (Castro & Ruiz, 2004).

1.5.2. Fatores de Risco - Estrutura familiar

Em relação à família, mais concretamente à estrutura familiar, os estudos revelam que características como a presença de consumos de álcool e abuso de substâncias, bem como a ausência prolongada maternal, conflitos excessivos conjugais e a frequência de estilos parentais punitivos, se encontram relacionados com o risco aumentado de violência sexual na infância e adolescência (APAV, 2017).

Este fator tem gerado alguma discórdia, pois é um dos fatores mais referenciados no que diz respeito à categoria familiar, isto significa que a violência existe na família de origem (Pinto, 2011).

Os comportamentos e práticas parentais devem ser vistos como um fator de risco no caso de não serem apropriados (Araújo, 2013). Acresce assim a probabilidade de o jovem se envolver numa relação violenta caso assista a práticas violentas entre os pais ou existir um historial de abuso na infância (Félix, 2012).

Os comportamentos e práticas parentais devem assim ser vistos como um fator de risco no caso de não serem apropriados (Araújo, 2013). Acresce assim a probabilidade do jovem se envolver numa relação violenta se este assistir a práticas violentas entre os pais, ou existir um historial de abuso na infância (Félix, 2012).

No que diz respeito à transmissão de crenças e valores, os fatores familiares apresentam uma grande influência. A família é uma referência fundamental onde as crianças e jovens seguem como exemplo. Quando não existem apoios, regras ou se encontram perante uma autoridade que umas vezes permite que façam tudo e outras castiga, revela que há riscos familiares. Encontram-se assim identificadas várias causas que podem ser possíveis para deteriorar o ambiente familiar, nomeadamente a pobreza, violência doméstica, alcoolismo, toxicod dependência, entre outras (Barros, 2010; Borges, Heine & Dell' Aglio, 2020; Fernandes & Seixas, 2012).

1.5.3. Fatores de Risco - Ambientais (grupo de pares)

Nos fatores de risco ambientais inclui-se a influência dos pares, pois estes podem ser responsáveis não só pela transmissão de valores, mas também de comportamentos relacionais que são aprendidos através da observação, visto que predispõe os jovens a reproduzirem os comportamentos (Borges, Heine & Dell' Aglio, 2020; Pinto, 2011). Nos dias de hoje, os jovens veem-se expostos a situações de violência nas suas escolas e comunidade, acabando por esta exposição ser vista como outro fator de risco para a violência nas relações de intimidade (Pinto, 2011).

A escola é vista como um local privilegiado onde as equipas multidisciplinares exploram esta problemática, com o objetivo de identificarem os fatores de risco e protetores. O grupo de pares e a família são vistos como fatores influentes e dominantes na vida e na saúde do adolescente. A importância do grupo de pares na vida do adolescente serve para alterar e encaminhar os adolescentes para tomadas de decisões responsáveis, por exemplo, acerca dos efeitos do álcool (Andreas & Jackson, 2015; Davenport et al., 2012; Rodrigues et al., 2018).

Quando o indivíduo inicia a sua vida escolar é lá que ocupa grande parte do seu tempo, partilhando vivências e valores com os(as) seus(suas) amigos(as) e é por isso que o grupo de pares é, também, um dos fatores que tem mais influência no comportamento futuro do indivíduo, dado que é estimulado a aplicar determinados valores e atitudes através da análise do comportamento dos outros (Barros, 2014). Jovens com amigos e/ou colegas que pratiquem

ou tenham tendência para praticar violência nos seus relacionamentos amorosos, claramente que aumentam a probabilidade dos amigos recorrerem a esse tipo de práticas (Narayan, Englund & Egeland, 2013; Reyes et al., 2011).

O isolamento é um fator de risco muitas vezes imposto pelo parceiro durante a relação, muitas vezes não é reconhecido como tal. O impedimento de ter contactos sociais com os pares são alguns dos sinais de risco para a violência, acabando por ser confundido com demonstrações de amor do parceiro (Callahan, Tolman & Saunders, 2003). Várias raparigas adolescentes chegam mesmo a confundir ciúme com amor e observam a violência como um ato de amor por parte dos seus parceiros (Caridade & Machado, 2006).

1.5.4. Fatores de Risco - Situacionais ou contextuais (consumo de tabaco, álcool e drogas)

O consumo em excesso de álcool e drogas é outro fator que contribui para a delinquência e os comportamentos agressivos, potenciando agressões (Borges, Heine & Dell' Aglio, 2020; Brooks-Russell, Foshee & Ennett, 2013; Carrilho, 2018; Foshee et al., 2013).

Os resultados de vários estudos assinalam que em muitos países da Europa, Américas e Pacífico Ocidental, o consumo de álcool inicia-se antes dos 15 anos de idade e que o predomínio deste consumo em estudantes desta idade varia entre 50% a 70%, e, por si só, a diferença entre rapazes e raparigas é mínima (OMS, 2018).

Por ser verdade, o consumo de álcool e drogas, é também um fator de risco que está associado à vítima e à execução de violência contra o companheiro/a (Félix, 2012). Os jovens masculinos consumidores de álcool têm mais probabilidade de ser violentos. Por outro lado, os jovens que consomem esta substância em grande quantidade têm uma grande possibilidade de passar por situações de violência na sua relação de namoro (Ibidem). Por vezes, associam-se a rapazes violentos com mais facilidade ou a companheiros que também consumam substâncias abusivas (Araújo, 2013).

Alguns autores dizem que o adolescente quanto mais cedo iniciar o consumo de álcool, maior será a probabilidade de experimentar outro tipo de consumos, observando-se casos em que apesar de se iniciar apenas pelo consumo de álcool, existe a probabilidade de rapidamente progredir para o consumo de substâncias ilícitas (Beckman et al., 2017; Fernández-Artamendi et al., 2013; Lammers et al., 2015; Lavikainen et al., 2011; Lo, weber & Cheng, 2013; Neto et al., 2015; Rodrigues et al., 2018; Strøm et al., 2015).

O excesso de álcool, segundo vários estudos sobre a violência no namoro, também surge como um indicador muito frequente, sendo considerado um possível fator que pode levar até à agressão (Capaldi et al., 2012).

Em Portugal, segundo alguns estudos recentes, o consumo prematuro de bebidas alcoólicas apresentam dados elevados e preocupantes (Serviço e Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências [SICAD], 2015). A fase da experimentação tende a ocorrer na fase da puberdade. Esta, é uma fase crucial no processo de desenvolvimento bio-psico-social do adolescente, uma vez que o álcool destrói o funcionamento cerebral e cognitivo que se encontra em pleno crescimento. (Hammond, Mayes & Potenza, 2014). Um estudo comprovou que o consumo de álcool e drogas pelos adolescentes aumenta o risco quer de cometer atos violentos, quer de vitimação (Caridade, 2011).

1.6. A Adolescência

É no início do séc. XX que o fenómeno da adolescência começa a surtir interesse no conhecimento científico. Stanley Hall foi considerado o mentor da psicologia da adolescência, assinalava esta fase como a fase em que os jovens nascem novamente (Sampaio, 1994). Assim sendo, a adolescência trata-se de um período onde se desenvolvem conhecimentos, aprende-se a gerir emoções e relações amorosas, adquirem-se valores e qualidades que servirão para no futuro assumir o papel de adulto (OMS, 2018).

O início da adolescência é, portanto, definido pela puberdade, onde se trata de um processo lento e gradual, estranho para o adolescente por um lado, mas fascinante e deprimente por outro. Nesta fase os adolescentes demonstram criatividade e capacidade de formular opiniões difíceis e elaboradas, embora às vezes, os adolescentes se tornem vulneráveis e facilmente ingressam em consumos como o tabaco, álcool e outras substâncias (Machado, 2015).

Segundo uma pesquisa etimológica da palavra adolescência, descobriu-se que deriva da palavra latina *adolescere*, *adolevi*, *adultus* e “(...) significa crescer e atingir a maturidade (...) Parece, pois, que adulto será a forma verbal derivada de adolescente, o que pode significar que adolescência não é apenas uma fase de transição, mas a essência da vida humana” (Ibidem, p.14).

Cronologicamente a adolescência constrói-se entre os 10 e os 19 anos e os adolescentes representam aproximadamente uma sexta parte da população mundial. Ao nível das alterações

que os jovens podem sofrer, elas são ao nível físico, hormonal, psíquico, emocional, cognitivo e social (OMS, 2018).

Desta maneira, todas as alterações físicas e corporais têm consequências diretas na imagem e na satisfação do adolescente com o seu próprio corpo, pelo que é preciso que seja feita uma aceitação da sua nova imagem corporal, capacidade reprodutiva e da sua energia sexual ocorrente como fatores que constituem a sua identidade (Conti, Gambardella & Frutuoso, 2005).

O comportamento e o sistema da construção de identidade é também afetado pelo contexto sociocultural e histórico, influências sociais, crenças e representações da sociedade em que o adolescente cresce, a família e a escola (Medeiros, 2015). Na mesma linha de pensamento, os adolescentes enfrentam então vários desafios, muitos deles para corresponder às exigências impostas pela sociedade, o que por vezes os leva a ficarem expostos a determinadas situações de risco que podem comprometer-se a eles e à sua saúde, por exemplo, o consumo do álcool ou drogas (OMS, 2019). O consumo de álcool por parte dos jovens é uma das substâncias mais psicoativas com mais consumo pelos jovens em Portugal, encontrando-se por exemplo, disponível em espaços de lazer e convívios (Direção Geral de Educação/ Direção Geral da Saúde [DGE/DGS], 2017).

O período da adolescência é então o período em que os jovens começam a incrementam a construção de relações fora do contexto familiar, iniciando-se assim a procura nas relações com os pares, procurando autonomia e dando início às relações amorosas (Caridade & Machado, 2006; Duarte & Lima, 2006; Ventura, 2014).

Em suma, a adolescência é uma fase onde começam a surgir os maiores danos físicos e psicológicos, pois a ausência de carência afetiva, a pouca experiência, o anseio pela independência e a confiança nos pares, influenciam o espaço de resolução e de resposta no que diz respeito à violência, desenvolvendo assim a possibilidade de se envolver em relações violentas (Monteiro, 2013).

1.7. Caracterização da Violência do Namoro na adolescência

A violência no namoro apresenta-se como um fenómeno que tem despertado um crescente interesse entre os investigadores, seja num cenário internacional ou nacional, nomeadamente pelos significativos impactos negativos que causam nos vários atores

envolvidos, sejam diretos ou indiretos, sendo mesmo descrito como um problema de saúde pública (Silva et al., 2020)

As primeiras relações amorosas assinalam-se geralmente no período da adolescência, momento em que normalmente ocorrem as primeiras violências na intimidade (Caridade & Machado, 2013), levando a que a violência no namoro possa ser caracterizada por todas a agressão psicológica, verbal/emocional, relacional, física e/ou sexual que decorre no contexto de um relacionamento entre parceiros sentimentalmente envolvidos (Ahonen & Loeber, 2016; Silva, et al., 2020). A violência nos relacionamentos íntimos, seja ela física, psicológica ou sexual inicia-se assim com maior evidência a partir desta fase da adolescência, mas existem estudos que demonstram que esta pode permanecer até à idade adulta dos indivíduos (Caridade & Machado, 2013; OMS, 2012).

É por isso que é na fase da adolescência que se deve apostar na prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis, nomeadamente para evitar que os jovens enveredem na prática de atos violentos, uma vez que a maioria dos jovens adolescentes, mesmo que não namorem nem tenham ainda experimentado namorar, esperam ansiosamente pelo início dessa experiência (Saavedra, 2010).

O crescimento das relações que os jovens determinam uns com os outros até chegarem às relações de namoro é progressivo. No início, os jovens começam por ter encontros casuais, relações que não chegam a ser públicas, depois passam pela fase das relações abertas, onde se tornam mais intensas e fortes, e, por fim, acabam por chegar à fase em que estabelecem uma relação a dois (Ayers & Davies, 2011).

Na fase da adolescência, a inexperiência e o próprio desconhecimento do que é uma relação afetivo-sexual saudável ou pela ignorância do conceito de violência, são indicadas pela literatura por uma fase em que sentem dificuldades na identificação dessas situações de violência, acabando por aceitar determinadas atitudes como demonstrações de amor e/ou ciúme (Oliveira et al., 2014). O que acaba por acontecer, em alguns casos, é que a imaturidade dos jovens e as reações que têm dentro das relações acabam por ser irrefletidas e impulsivas (Ayers & Davies, 2011).

Estudos realizados no contexto escolar dizem-nos que a violência constitui um grave problema ao nível das relações interpessoais e no desajustamento psicossocial, muitas vezes circunspectos no contexto da violência no namoro (Carvalhosa, Moleiro & Sales, 2009).

1.8. Consequências da Violência no Namoro na adolescência

As consequências que ocorrem no decorrer da violência entre parceiros íntimos não têm limites e variam de pessoa para pessoa, podendo ser maiores ou menores consoante o tempo de duração da relação (Silva, 2015). Estas podem manter-se no decorrer de várias gerações, e nelas se podem incluir danos físicos, psicológicos, relacionais e em alguns casos pode ocorrer violência extrema, lesões graves, incapacitação da vítima, ou chegar até à morte (CIG, 2016; Leitão et al., 2013). As consequências da violência no namoro, além das referidas manifestações ao nível físico e psicológico, podem igualmente assumir impactos negativos ao nível académico e profissional (Caridade & Machado, 2006).

Outros autores sublinham que todos estes danos acima referidos podem causar perturbações ao nível do sono, distúrbios cognitivos, ataques de pânico, sentimentos de vergonha e culpa, comportamentos depressivos (Manita, Ribeiro & Peixoto, 2009). Ao nível físico, as consequências variam entre pequenas lesões e cortes ou no plano mais extremo, traumatismos, equimoses, fraturas, distúrbios (Leitão, 2013; Offenhaure & Buchalter, 2011).

Neste entendimento, as consequências causadas pela violência envolvem sinais de alerta que, caso sejam identificados atempadamente por amigos, família ou adultos de confiança, podem ajudar a prevenir atitudes violentas, diminuindo o impacto da vitimação e terminar com lesões físicas, tristeza, falta de concentração, dificuldade em dormir, desconfiança perante outros, autoestima reduzida, entre outros (APAV, 2015).

Quanto ao meio escolar, quando existência de violência no mesmo, tende a diminuir a concentração e a vontade de estudar ficam pendentes, de maneira a que fica bastante difícil para as vítimas evitarem de se cruzar com os agressores e ignorarem as reincidências. Acontece várias vezes deixarem de ir às aulas e às atividades escolares com medo de se encontrarem com o agressor, que posteriormente podem assumir como consequência a avaliação escolar negativa em comparação com a avaliação de outros jovens estudantes (Dahlberg & Krug, 2007). Existem mesmo posições que levam ao abandono escolar destas vítimas (Barroso, 2008; Shorey, Stuart & Cornelius 2011; Temple & Freeman, 2011).

Um estudo realizado com estudantes do ensino secundário em que estes tinham passado por alguma experiência anteriormente de violência nas suas relações íntimas, comprovou que algumas das consequências que este tipo de abuso pode ter sobre a população mais jovem, envolvem situações de ansiedade, desordem de stress, isolamento, insucesso escolar, e até ideação suicida (Caridade & Machado, 2006).

Um estudo elaborado no contexto português apurou que as vítimas de violência nas relações de intimidade mostram níveis bastante elevados de dificuldade ao nível psicológico, em comparação com as não vítimas. Com a realização deste estudo puderam perceber que o abuso emocional, o padrão contínuo da violência e a permanência da violência mútua, são os casos que contribuem mais para as consequências negativas para a saúde mental (Simas, 2011).

Podemos concluir assim, que a exposição à violência no namoro emerge em resultados prejudiciais, e em muitos casos tem tendência para permanecer em idade adulta, visto que as vítimas de violência no namoro são três vezes mais propensas de serem repetidamente alvo de abusos em relacionamentos futuros (Temple & Freeman, 2011).

1.9. Respostas existentes para a Violência no Namoro

A prevenção da violência nos relacionamentos de intimidade durante algum tempo foi posta para segundo plano, valorizando apenas a sua intervenção. Atualmente já são conhecidos programas que promovem a prevenção dirigida à população juvenil, no sentido de prevenção primária do problema (Saavedra, 2010).

Inúmeros especialistas reforçam que a educação é a forma mais favorável de prevenção, especialmente através de programas de intervenção que possibilitem chegar a um vasto número de jovens e transmitir estratégias apropriadas para a resolução de conflitos, sem terem de recorrer ao uso da violência (Matos et al., 2006).

Intervir com os jovens é essencial, pois é na fase da adolescência que eles começam a passar pelas primeiras relações amorosas e é aqui que se deve reforçar a relevância de desconstruir crenças que acabem por legitimar comportamentos violentos (Mendes & Cláudio, 2010). Os jovens devem ser entendidos como agentes ativos de mudança, habilitados a reter novos conhecimentos, desfazer possíveis mitos, refletirem sobre as consequências dos seus comportamentos. Assim, é fundamental atuar com os jovens para mudarem atitudes, crenças e valores associados a papéis sexuais, tanto de mulheres como de homens (Guerreiro et al., 2015; Leitão et al., 2013; Neves et al., 2020).

As instituições de ensino, as famílias e as redes sociais são um veículo privilegiado para passagem de informação junto dos/as mais jovens, o que tem permitido perceber situações de vitimação que não são identificadas através de denúncias formais (Ibidem).

No meio escolar, torna-se essencial que hajam intervenções direcionadas aos jovens, com o objetivo de promover a prevenção da violência (DGS, 2015). Consequentemente, a

escola consiste numa instituição onde procura promover valores como a educação e cidadania, é também responsável por desenvolver e executar ações que possibilitem aos jovens a consciencialização para o problema, desmistificando padrões que possam contribuir para a perpetuação da violência no namoro (Caridade, Pereira & Soeiro, 2018).

Apesar de serem poucos os estudos em torno dos agentes educativos (pais, professores e outros profissionais do meio escolar) estes podem desempenhar um papel decisivo no tipo de resposta e estratégia de intervenção a adotar face a algum tipo de abuso, trabalhando como agentes de mudança (Charmaramanetal, 2013; Khubchandani et al., 2017). É importante que exista por parte do corpo docente uma perceção e gestão dos aspetos associados ao quotidiano, assim como a permanência de ambientes positivos. Desta forma, constrói-se e reconstrói-se um quadro de afetividade e o professor que apresente competências de perceção apercebe-se com mais facilidade do estado emocional dos alunos e adequa o seu comportamento (Valente, Monteiro & Lourenço, 2019). Nesta sequência, os professores participam ativamente no dia-a-dia dos jovens e, portanto, têm um papel fundamental na prevenção e no reconhecimento dos casos de violência. Contudo, deve sublinhar-se que o papel que a escola e os respetivos professores adotam na violência no namoro, foca-se somente na identificação de casos (Caridade, Saavedra & Machado, 2012; Donat, 2016).

No que diz respeito ao apoio formal versus informal, estes têm sido alvo de discórdia. Por um lado, considera-se que o pedido de apoio informal oferece apoio e suporte emocional (Hedge, Sianko & McDonell, 2017). Por outro lado, considera-se que o pedido de apoio junto de determinados contextos sociais (escola, por exemplo) fomenta a hipótese de os adolescentes procurarem os serviços de apoio, minimizando assim, o risco de suicídio (Whitlock, Wyman & Moore, 2014). A configuração do apoio e suporte social, seja informal ou formal, revela-se fundamental na gestão e cessação das práticas abusivas em que os adolescentes/jovens se encontram envolvidos/as e nas consequências/efeitos que possam advir para o seu bem-estar (Caridade, 2018). É de salientar que parece existir alguma insegurança em relação ao recurso aos sistemas formais de apoio, motivada por fatores como a privacidade, aplicação correta das leis e sentenças que podem ocorrer através da divulgação, que às vezes promovem uma revitimização (Nichols et al., 2018). Quando o pedido de ajuda é levado em frente, verifica-se que a divulgação informal (amigos, familiares, comunidade) tem prioridade sobre a divulgação formal (Forças de Segurança, Instituições) (Sabina & Ho, 2014).

Desta forma, o Gabinete de Apoio ao Aluno e à Família (GAAF) é um gabinete que tem como principal objetivo apoiar crianças, jovens e suas famílias. Este gabinete passa pela

diminuição de abandono, absentismo e violência escolar. Realizou-se no ano 2019/2020 um relatório com o apoio do Instituto de Apoio à Criança (IAC), onde promove a promoção de situações de violência, mais concretamente sexual e no namoro.

A maioria dos adolescentes não procura ajuda para a violência no namoro por questões de privacidade ou falta de conhecimento dos recursos existentes. Quando decidem procurar ajuda, esta recai sobre os amigos e familiares e não de profissionais especializados na área como já referido acima. Muitas vezes os jovens não identificam o comportamento do parceiro/a como abusivo, preferem desculpa e entender o comportamento, receiam ficar sozinhos, acreditam que o companheiro vai mudar, entre outros (APAV, 2020). As autoridades policiais, escolas, centros de saúde, hospitais e outras estruturas de apoio são entidades que podem e devem apoiar e informar as vítimas, seus familiares e amigos (Ibidem).

Outras instituições como organizações da sociedade civil (organizações não governamentais, organizações não governamentais de mulheres, instituições particulares de solidariedade social, fundações ou outras instituições sem fins lucrativos) que sejam legalmente estabelecidas, das quais colaborem com a ação do Estado na prevenção e combate à violência contra mulheres e violência doméstica e nos demais organismos públicos. A APAV, a UMAR, e a Associação Plano i, são algumas das instituições de maior referência nacional que apoiam o combate contra a violência doméstica, onde nela se insere a violência no namoro (CIG, 2020).

A APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima, é uma organização particular de solidariedade social sem fins lucrativos fundada no ano 1990, em Portugal. Esta instituição tem como missão o apoio à vítima de crime, seus familiares e amigos/as, prestando serviços de qualidade, gratuitos e confidenciais. Centra-se no utente e nas suas escolhas, promove justiça e práticas construindo resoluções de conflitos. Conta com uma rede ampla de voluntários durante várias horas por semana, formados especificamente de forma a estar aptos para atender as vítimas que necessitam de apoio. A APAV apoia vítimas de todo o tipo de crime: violência doméstica, maus tratos, ameaças, crimes sexuais, rapto, roubo, crimes que contribuam contra a propriedade e discriminação racial e muitos outros. Uma pessoa que peça auxílio nesta instituição, pode contar com apoio ao nível emocional, prático, jurídico, social e psicológico (APAV, 2021)⁹.

A UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta, foi fundada no ano 1976 e desde então luta pelos direitos das mulheres. É uma organização não governamental (ONG) sem fins

⁹ APAV - Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. Acedido em 05 de janeiro de 2021 de (https://apav.pt/apav_v3/images/pdf/Folha_Informativa_APAV.pdf).

lucrativos e que tem, como filosofia de intervenção, a defesa e a promoção dos Direitos das Mulheres e da Igualdade de Género. Ao longo de todo este percurso, a UMAR conseguiu unir várias gerações de mulheres abrindo espaços às mais jovens e atualizar a sua intervenção com novas e “velhas” causas, como a contraceção, o aborto e a luta contra a violência doméstica. Há 15 anos que a prevenção primária junto de crianças e jovens tem vindo a ser uma das áreas prioritárias da UMAR. No ano 2019, esta instituição participou num projeto chamado ART'THEMIS+ que desenvolveu uma intervenção junto de escolas localizadas em vários distritos de Portugal Continental (Portugal, Braga, Coimbra, Lisboa e Madeira) com o objetivo de promover a Educação para os Direitos Humanos e Igualdade de género (UMAR, 2021¹⁰; UMAR, 2019).

A Associação Plano i, é uma associação não governamental com estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) fundada por cinco mulheres, todas elas ligadas à área da igualdade de género, direitos humanitários e psicologia. Visa dar respostas a um conjunto de questões sociais da atualidade, particularmente a desigualdade, a discriminação, a violência, a exclusão e a pobreza. Desenvolve ações para combater o acesso limitado à educação, saúde, participação cultural, social, cívica e política de pessoas e grupos socialmente frágeis, como as crianças, as mulheres, pessoas lésbicas, gays, bissexuais, trans e intersexo (LGBTI), comunidades imigrantes e ciganas, entre outras. É uma das principais associações em Portugal a trabalhar o tema da violência no namoro. Atualmente desenvolve estudos como o “observatório da violência no namoro”, “UNI+ (Programa de prevenção” e “combate à violência no namoro no ensino superior, estudo nacional sobre a violência no namoro em contexto universitário”, entre outros (Associação Plano i, 2021)¹¹.

É portanto na adolescência que se deve intervir, transmitindo segurança, crenças, valores, reflexões a vários níveis, para que desta forma se atue perante os jovens e a violência não seja um meio para atingirem os seus fins. A comunidade escolar, principalmente os professores, e a família são agentes que podem e devem proporcionar mudanças e equilíbrio emocional, uma vez que por diversas vezes os jovens evitam solicitar ajuda aos demais competentes na área. Concluímos assim, que ao nível de atuação destas três organizações o seu foco principal não é de todo, a violência no namoro, pois nenhuma desenvolve o seu trabalho exclusivamente no combate à violência no namoro, no entanto, a organização que mais se aproxima na defesa deste tema é a Associação Plano i. Sabemos que estão a ser desenvolvidas

¹⁰ UMAR – União de Mulheres Alternativa e Resposta. Acedido em 05 de janeiro de 2021 de <http://www.umarfeminismos.org/index.php/quemsomos>.

¹¹ Associação Plano i. Acedido em 05 de janeiro de 2021 de <https://www.associacaoplanoi.org/inicio/>.

nas escolas e faculdades ações de sensibilização por partes destas organizações, nomeadamente pela Associação Plano i para o combate à violência no namoro (Semedo, 2019).

1.10. Estudos da violência no namoro: desenvolvimentos recentes

Será somente em 1981 que surge a primeira investigação sobre o fenómeno da Violência no Namoro, tendo sido realizado no contexto do ensino superior (Makepeace, 1981). Este estudo revelou que um/a em cada cinco estudantes universitários/as era afetado/a por algum tipo de violência e que 61% dos/as estudantes conhecia casos de relações de namoro abusivas. Após a realização deste estudo, deu-se um aumento de investigações nesta área (Caridade, Saavedra & Machado, 2012). Em Portugal, apenas no início do século XXI é que começaram a aparecer as primeiras investigações sobre a problemática (Santos, 2013).

Inúmeros estudos produzidos ao nível internacional (Hamby & Turner, 2013; Jennings et al., 2017; Straus, 2004) e no contexto português (Caridade, Machado & Martins, 2010; Neves et al., 2016; Santos, Caridade & Cardoso, 2019;) viriam chamar a atenção para indicadores de prevalência alarmantes e que asseguram a necessidade de tomar medidas preventivas e interventivas neste âmbito.

Um dos primeiros estudos de maior relevância em contexto português envolveu 4 667 jovens, com idades entre os 13 e os 29 anos, 1 970 do sexo masculino (42,2%) e 2 692 do sexo feminino (57,7%). Os objetivos deste estudo foi determinar a prevalência de abuso físico e emocional em relacionamentos de namoro juvenis, e aprofundar as atitudes sobre formas de violência. No estudo participaram alunos do ensino regular, profissional e universitário. Para a sua concretização, foram respondidos 2 questionários, um comportamental e um sobre atitudes. Podemos observar que 56,6% dos jovens relataram que se encontravam num relacionamento. Os resultados indicaram que 25,4% relatou ter sofrido pelo menos um ato violento pelo parceiro (abuso físico - 13,4%; abuso emocional - 19,5%). Relativamente às atitudes, percebemos uma indiferença sobre o uso da violência, o sexo feminino afirmou sofrer algum tipo de abuso superior ao sexo masculino. No que diz respeito à perpetração e à vitimação, estas foram relatadas por alunos mais velhos. O estudo pôde perceber que os fatores de risco envolvidos na perpetração da violência eram a educação e as atitudes em relação ao parceiro (Caridade, Machado & Martins, 2010).

Em 2012 decorreu um estudo exploratório que envolveu 629 estudantes do ensino secundário, de ambos os sexos, em que 273 (43,4%) são do sexo masculino e 356 (56,6%) do

sexo feminino, com idades compreendidas entre os 14 e os 20 anos. Com o objetivo de analisar a prevalência da violência dos adolescentes, reconhecer que estratégias eram utilizadas para a resolução de conflitos abusivos e positivos do próprio e do parceiro, incluindo a procura em analisar crenças e atitudes dos adolescentes no que diz respeito à violência física, psicológica e social nas relações de intimidade. A autora utilizou o Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescentes (CADRI) e a Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN). Os principais resultados ostentaram que 4,2% dos adolescentes não detêm comportamentos abusivos nas relações. O tipo de violência mais observado foi a violência emocional/verbal e a menos, foi a física. Os adolescentes que consomem drogas e álcool acusam praticar mais comportamentos violentos do que aqueles que nunca consumiram (Cristóvão, 2012).

Na região do grande Porto, foi elaborado um estudo no decorrer do ano letivo 2012/2013, onde incluiu 894 adolescentes através da realização de um questionário com 10 questões onde tencionavam avaliar a prevalência das diferentes formas de violência e a sua identificação. Os autores verificaram que 35% dos adolescentes já tinham sido vítimas de pelo menos uma das 10 formas de violência descritas (proibição de sair por parte do/a companheiro/a; forçar a fazer algo que não quer; pegar no telemóvel sem autorização; chamar nomes durante uma zanga; agressões físicas com marcas; agressões físicas sem marcas; proibir de falar com amigos; ameaças; humilhação e proibições de vestir peças de roupa). Cerca de 33% das raparigas e 36% dos rapazes, refere ter sido vítima de pelo menos uma das formas de violência (Guerreiro et al., 2015).

Em 2016, decorreu um relevante estudo com o objetivo de identificar a prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal e as variáveis: idade, sexo e tempo de namoro. Este conteve uma amostragem de 1 268 estudantes de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 16 e os 24 anos de idade, 63,6% eram do sexo feminino e 36,4% do sexo masculino, a média de idade foi de 16,56 anos. Os alunos pertenciam a várias escolas secundárias dos quatro distritos da Região Central de Portugal. Neste estudo foi utilizado o método de questionário onde contém dados sociodemográficos e de comportamento de vitimização e perpetração de violência no namoro. A média de tempo de namoro foi aproximadamente 11,33 meses e 5,9% do total dos adolescentes referiram ter-se envolvido em situações de violência no namoro. Ambos os sexos relataram uso de violência física. Na violência psicológica, o sexo masculino é o maior perpetrador e vítima. Os resultados deste estudo apresentaram diversos comportamentos, tais como: puxar os cabelos com força

(F= 98,6% Não; 1,4% Sim) (M= 95% Não; 5,0% Sim); dar uma bofetada (F= 90,2% Não; 9,8% Sim) (M= 93,5% Não; 6,5% Sim); dar pontapés e cabeçadas (F= 99% Não; 1% Sim); (M= 97,5% Não; 2,5% Sim) (Besserra et al., 2016).

Também na perspetiva de estudos com maior relevância e atualidade, em 2020 foram apresentados os resultados sobre a violência no namoro em contexto universitário, realizado por um grupo de investigadores e que geograficamente abrangeu inúmeras universidades de todas as zonas do país, tendo decorrido na janela temporal entre fevereiro de 2017 e fevereiro de 2020. Com uma amostra significativa, constituída por 3 256 participantes, 79% do sexo feminino e com idade média de 22,26 anos, e 21% do sexo masculino com uma média de idade de 23,27 anos. Denominado de “Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas - 2017/2020”, detinha, entre outros, como objetivos gerais a análise da proporção da violência praticada e sofrida nas relações de namoro, e, descrever os comportamentos de violência no namoro sofridos e perpetrados por estudantes. Através da metodologia quantitativa, utilizaram como instrumento de recolha de dados o inquérito por questionário. Alguns dos resultados mais relevantes observados mostraram que 53,9% dos participantes já foram sujeitos a pelo menos um ato de violência no namoro (53,6% do sexo feminino, e 55,2% do sexo masculino). Indicaram que 35% dos participantes já praticaram pelo menos um ato de violência no namoro (33,4% do sexo feminino, e 40,7% do sexo masculino). Relativamente ao tipo de violência mais prevalente, a violência psicológica surge em primeiro lugar, seguida da violência social, da violência física e, por fim, da violência sexual (Neves et al., 2020).

Num projeto de estudo realizado pela UMAR no ano 2019 e 2020, onde participaram 4 598 jovens, 2577 (56%) do sexo feminino e 1975 (43%) do sexo masculino, do 7º ao 12º ano do ensino regular e profissional, inerentes a escolas de todos os distritos e regiões autónomas do país, sendo a média de idades dos/as participantes de 15 anos. Foi elaborado um questionário constituído por 15 questões agrupadas em 6 categorias de formas de violência. Ao nível da legitimação da violência no namoro, existe uma percentagem de jovens que não reconhece comportamentos violentos apresentados no questionário como formas de violência no namoro. Desta forma, a legitimação média das várias formas de violência, por região geográfica, situa-se entre os 10% (Viseu) e os 27% (Faro). Em relação aos indicadores de vitimação autorreportados, estes foram analisados somente em relação às respostas dos/as jovens que indicaram estarem ou já terem estado numa relação de namoro. Assim, verificou-se que 6% dos jovens (Bragança) e 16% (Açores, Aveiro e Setúbal) já vivenciou alguma situação violenta. A

prevalência das diversas formas de violência nas relações de namoro, bem como o não reconhecimento destes comportamentos abusivos revelam que, independentemente do contexto geográfico, é fundamental trabalhar a consciencialização sobre esta problemática social. Esta investigação ajuda a compreender os contornos da violência no namoro na vida dos/das jovens em Portugal nomeadamente no que respeita à sua prevalência e à legitimação (UMAR, 2021).

De uma forma conclusiva, fazendo um breve resumo sobre os estudos descritos anteriormente, podemos observar que a problemática da violência no namoro entre jovens adolescentes e sua prevenção ainda tem um longo caminho pela frente, pois apesar das percentagens de violência praticada serem relativamente baixas, não podemos ignorar que existem. Podemos também compreender que o género feminino é quem mais sofre de vitimação e o género masculino quem a perpetua. A violência verbal/psicológica é a violência que de uma forma geral, as vítimas reportam ser o tipo de violência mais sofrida.

CAPÍTULO 2

METODOLOGIA DA PESQUISA

Introdução

Os fenómenos existentes sobre o mundo desde sempre que despertaram um grande interesse ao homem, por isso, investigar é uma atividade de caráter cognitivo que assenta num sistema disciplinado, flexível e objetivo de pesquisa, que contribui para explicar e compreender os fenómenos sociais (Coutinho, 2014).

Este capítulo abarca todo o trabalho de pesquisa envolvido ao longo dos últimos meses, onde reúne um conjunto bibliográfico e documental da problemática relativamente ao estudo, explicando todas as condutas realizadas ao longo deste tempo, terminando, posteriormente, na fase prática de recolha e análise dos dados. Desta forma, encontramos nesta fase do trabalho, a pergunta de partida e objetivos, a metodologia da investigação, a caracterização da amostra e instrumentos da recolha de dados.

2.1. Problemática do estudo

A violência no namoro tem sido alvo de preocupação por parte da comunidade científica internacional, e, igualmente no contexto nacional, nomeadamente pelos impactos negativos no que diz respeito às vítimas na realidade Portuguesa (Fernandes, 2013; González, 2007; Monteiro, 2013; Santos, 2013; Teixeira, 2015), e por se expor recentemente como um fenómeno comum e constante (Monteiro, 2013; Teixeira, 2015). Nos últimos anos, a violência entre parceiros íntimos e especialmente a violência que ocorre entre jovens namorados (estudantes do secundário e universitários) tem aumentado consideravelmente, contribuindo para um problema social grave (Shorey, Cornelius & Bell, 2008; Shorey et al., 2014; Straus, 2004).

As consequências e as atitudes negativas que a violência no namoro trás para os jovens adolescentes que namoram ou já namoraram, encontram-se comprovadas na literatura. Neste âmbito, torna-se decisivo olhar para as características individuais dos jovens adolescentes, tendo em conta as suas características sociodemográficas, os fatores individuais, familiares, ambientais, situacionais ou contextuais, entre outros, tendo em consideração que estes interagem em si, bem como os fatores protetores e de superação existentes.

É, neste contexto que surge o nosso trabalho, tendo como intenção analisar de que forma é que as características sociodemográficas dos jovens podem influenciar as atitudes em relação à violência no namoro, seja a nível psicológico, físico ou sexual. Atendendo à informação disponível nos dias que correm e à sociedade atual e exigente que temos, analisar e discutir esta problemática considera-se prioritária para a construção de valores que levem os jovens a não

incidirem na perpetração da violência, e, por outro lado, desconstruir ideias erradas que estes jovens possuam, nomeadamente, a ausência do pedido de ajuda.

Desta forma, a prevenção da violência no namoro deve ser uma preocupação primordial de todos os indivíduos da sociedade, sendo que o meio escolar assume um veículo privilegiado para passagem de informação junto dos mais jovens, promovendo uma cidadania estruturada, colaborando com os encarregados de educação, o poder local e as entidades competentes, na promoção e prevenção da violência no namoro (Neves et al., 2020; Raimondo et al., 2012).

Trata-se portanto de um estudo pertinente, por diversas razões. Encontramo-nos perante um tema atual e fundamental para ser investigado, pois nem sempre determinados atos violentes são vistos como tal (Guerreiro et al., 2015). Da pesquisa efetuada percebemos que não existem estudos neste âmbito no contexto da realidade de Cascais, concelho onde se realiza, tornando-se assim uma das maiores motivações para produzir esta investigação, e porque a investigadora reside e conhece este concelho.

2.2. Pergunta de partida

A pergunta de partida enfatiza grande importância, dado que é o fio condutor do trabalho de investigação (Tuckman, 2012). Esta deve conter três particularidades essenciais: clareza, exequibilidade e pertinência (Quivy, 2005). Assim, elaborado o enquadramento teórico numa primeira parte e definida a problemática do estudo, recordamos então a nossa **pergunta de partida**:

- De que forma as características dos jovens influenciam as suas atitudes de legitimação face à violência no namoro, a nível psicológico, físico, sexual?

2.4. Objetivos

Relembramos que o presente estudo foi desenvolvido em função do seguinte objetivo geral:

- Comparar as atitudes face à legitimação da violência no namoro segundo as características sociodemográficas dos jovens.

Objetivos Específicos:

Contribuindo para a realização da pesquisa, definiram-se os seguintes objetivos específicos:

- Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à Violência Psicológica Masculina, segundo as características sociodemográficas dos jovens.
- Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à Violência Física Masculina, segundo as características sociodemográficas dos jovens.
- Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à Violência Sexual Masculina, segundo as características sociodemográficas dos jovens.
- Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à Violência Psicológica Feminina, segundo as características sociodemográficas dos jovens.
- Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à Violência Física Feminina, segundo as características sociodemográficas dos jovens.
- Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à Violência Sexual Feminina, segundo as características sociodemográficas dos jovens.

2.3. Hipóteses

Definimos um conjunto de hipóteses, que permitam uma resposta à nossa pergunta de partida, cruzando-se conceitos e variáveis imprescindíveis neste estudo, tal como debatido no enquadramento teórico, desenvolvemos as seguintes hipóteses do estudo, que possam vir a confirmar-se ou não (Tuckman, 2012).

- **Hipótese 1:** Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da **Violência Psicológica Masculina**, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens.
- **Hipótese 2:** Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da **Violência Física Masculina**, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens.
- **Hipótese 3:** Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da **Violência Sexual Masculina**, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens.
- **Hipótese 4:** Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da **Violência Psicológica Feminina**, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens.
- **Hipótese 5:** Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da **Violência Física Feminina**, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens.
- **Hipótese 6:** Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da **Violência Sexual Feminina**, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens.

De forma a ficar mais perceptível os conteúdos e conjugações presentes do inquérito por questionário, anteriormente apresentados, elaboramos o quadro que se segue.

Quadro 1 - Identificação dos conteúdos e ligações entre a pergunta de partida, hipóteses, objetivos do estudo

Pergunta de partida: De que forma as características dos jovens influenciam as suas atitudes de legitimação face à violência no namoro, a nível psicológico, físico, sexual?		
Hipóteses funcionais (6)	Objetivos específicos (6)	Objetivo geral (1)
1 - Encontramos diferenças de atitudes de legitimação face à violência psicológica masculina , segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens	1 - Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à violência psicológica masculina, segundo as características sociodemográficas dos jovens	Comparar as atitudes de legitimação face à violência no namoro segundo as características sociodemográficas dos jovens.
2 - Encontramos diferenças de atitudes de legitimação face à violência física masculina , segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens	2 - Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à violência física masculina, segundo as características sociodemográficas dos jovens	
3 - Encontramos diferenças de atitudes de legitimação face à violência sexual masculina , segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens	3 - Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à violência sexual masculina, segundo as características sociodemográficas dos jovens	
4 - Encontramos diferenças de atitudes de legitimação face à violência psicológica feminina , segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens	4 - Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à violência psicológica feminina, segundo as características sociodemográficas dos jovens	
5 - Encontramos diferenças de atitudes de legitimação face à violência física feminina , segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens	5 - Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à violência física feminina, segundo as características sociodemográficas dos jovens	
6 - Encontramos diferenças de atitudes de legitimação face à violência sexual feminina , segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens	6 - Analisar as diferenças de atitudes de legitimação face à violência sexual feminina, segundo as características sociodemográficas dos jovens	

Fonte: elaboração própria/2021

2.5. Metodologia da investigação

Neste capítulo é apresentado o enquadramento metodológico onde referenciamos o conjunto de etapas que percorremos e que refletem a trajetória desenvolvida ao longo do trabalho empírico, respeitando a metodologia científica.

A fase da metodologia é determinante para o desenvolvimento do estudo, pois é nesta fase onde se estabelece a forma como a investigação vai ser concebida e que faculta a obtenção de respostas (Fortin, 2009a). É também nesta fase que se define um conjunto de operações que permitem alcançar os objetivos preliminarmente propostos. Neste sentido, a metodologia deve ser concreta, assegurando a credibilidade dos resultados, uma vez que concebe a escolha do desenho apropriado ao problema de investigação, a incorporação dos participantes e a utilização de instrumentos de medida fiáveis e válidos (Fortin, 2009a; Sarmiento, 2008).

A escolha do método de investigação encontra-se relacionada com a problemática do estudo e as questões de investigação que conduzem e acompanham todo o processo investigativo, por isso, recorremos a uma metodologia quantitativa (Fortin, 2009b; Linhares, 2013).

O uso de uma abordagem quantitativa procura explicar um fenómeno pela medida das variáveis e pela análise de dados numéricos (Gatti, 2004). Este tipo de abordagem utiliza instrumentos uniformizáveis, permitindo assim uma execução sólida, na identificação e apresentação de dados, a partir da recolha de medidas quantificáveis de variáveis, na análise referente à amostra de uma população. O facto de ser objetiva e determinável, viabiliza a recolha e análise de uma grande quantidade de dados, tornando-os comparáveis e possibilitando uma interpretação, executada pelo investigador, partindo de estudos anteriores. A linguagem matemática é aplicada num estudo quantitativo, em especial quando são utilizadas questões fechadas, de resposta única ou seleccionável, tal como sucede nos nossos inquéritos por questionário. A utilização de escalas nas afirmações proporciona ainda direccionar as respostas dos inquiridos (Rodrigues, 2017).

A escolha do método é bastante relevante, tendo por base os referenciais teóricos principais ao desenvolvimento do trabalho científico (Punch, 2011). Na execução de um estudo de natureza quantitativa, a teoria encaminha a investigadora, que observa e analisa a realidade, a partir de uma amostra, e enuncia problemas e hipóteses, com variáveis a testar estatisticamente. Neste sentido, as hipóteses formuladas, levando em conta a representatividade, possibilitam a generalização dos resultados obtidos para a população (Sousa, 2010).

2.6. População e amostra

O termo população, em termos estatísticos, diz respeito a um determinado conjunto de pessoas que podem ser juntáveis e sobre as quais pretendemos generalizar (Marôco, 2014).

Não sendo possível trabalhar com a totalidade das escolas inseridas no concelho de Cascais, nem com todo o público-alvo, focar-nos-emos em quatro escolas inseridas na Vila de Cascais, abrangendo toda a sua população escolar que frequentam o 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, no ano letivo de 2020/2021.

Para a colaboração nesta investigação, foram definidas as variáveis comuns com as seguintes características:

- Alunos que frequentem o Ensino Secundário em Estabelecimento de Ensino público do concelho de Cascais.
- Alunos com autorização de participação por parte do seu Encarregado de Educação.

2.6.1. Caracterização da amostra

Neste estudo foi utilizada uma amostra constituída por 1 026 participantes. Apesar de terem participado 1 210 jovens, foram excluídos os questionários que não se encontravam totalmente completados, sendo que o número referido compreendeu todos os questionários integralmente válidos.

Segundo os dados mais atuais disponíveis, alusivos a 2020, as 19 Escolas Secundárias de Cascais possuíam 38 538 alunos a frequentar este grau de ensino (PORDATA, 2021)¹², valores que nos mostram que a amostra do nosso estudo, de 1 026 alunos, representou cerca de 3% desta população em específico no contexto deste concelho. Estreitando esta perspetiva de análise, perante os 1 537 alunos do ensino secundário que frequentam as quatro escolas secundárias que participaram no nosso estudo, indica-nos que participarão no nosso estudo por cerca de 67% do seu total¹³.

Por forma a uma melhor caracterização sociodemográfica dos nossos grupos de amostra, apresentamos de seguida as 13 variáveis que contruímos, onde se incluem oito variáveis assumidamente caracterizantes desta noção, e cinco fatores associados e interligados diretamente com os objetivos do nosso estudo, envolvendo consumos e condições da problemática em estudo (Tabela 1).

¹² Dados dos Alunos matriculados nos ensinos pré-escolar, básico e secundário: total e por nível de ensino, referente a 2019/2020 de Cascais (PORDATA, 2021). Acedido em 02 de janeiro de 2021 em <https://www.pordata.pt/Municipios/Alunos+matriculados+nos+ensinos+pr%C3%A9+escolar++b%C3%A1sico+e+secund%C3%A1rio+total+e+por+n%C3%ADvel+de+ensino-166>.

¹³ Dados disponibilizados pelo Doutor Pedro Lara, Chefe de Divisão de Planeamento e Gestão de Rede - Departamento de Educação da Câmara Municipal de Cascais. Fornecidos em janeiro de 2021.

Relativamente ao sexo, observamos que é, apesar de com pouca diferença, maioritariamente masculina, com 53,8%, e, a restante amostra, com 46,2%, são do sexo feminino.

Analisando as idades da nossa amostra de jovens, observamos que variam entre os 14 e os 20 anos, e possuem uma média de 16 anos. Divididos em dois grupos etários, definido pelo limite da menoridade/maioridade civil, encontramos uma maior prevalência no grupo etário entre os 14 e 17 anos (83,7%), e num patamar muito inferior, surgem os jovens com idades compreendidas entre os 18 e os 20 anos (16,3%).

No que respeita ao ano escolar em que atualmente se encontram, face à predefinição do estudo que abrangeu alunos do ensino secundário, compreendemos que ao nível do 10º ano, existe uma frequência de 36,6%, ao nível do 11º ano, podemos perceber uma frequência de 35,3% e ao nível do 12º Ano, frequentam 28,1%.

Em resposta às retenções escolares, uma maioria dos jovens indicou que nunca reprovou no seu percurso escolar (70%). Num patamar inferior, com 22%, encontramos jovens que reprovaram apenas uma vez com 7,7% que reprovaram duas vezes e, com uma percentagem residual, 1,3%, surgem os jovens com maior prevalência de retenções, com três ou mais vezes.

Quanto à tipologia habitacional, observamos que maioritariamente, 50,4%, dos jovens residem em habitação própria, 27,6% reside no regime de renda, 20,6% habitam com outros familiares ou amigos, e, por fim, 1,5% em habitação social.

Relativamente à zona de residência, estes jovens maioritariamente residem em zonas urbanas (79,5%), em zona semiurbana residem 16,5%, e, 4% em zona rural.

Em relação ao número do agregado familiar, que optamos por dividir em dois grupos (2 a 4 pessoas; 5 a 9 pessoas), encontramos um maior predomínio no agregado entre 2 a 4 pessoas (75,5%), e, num nível mais abaixo, surge o agregado entre 5 a 9 pessoas (24,5%).

No âmbito da remuneração familiar mensal, encontramos seis prevalências que correspondem a remunerações familiares mensais que compreende desde o valor inferior ao salário mínimo nacional (635 €) até à igual ou superior a 3 001 €. Observamos que a remuneração que mais prevalece é entre os 1 001 € e 2 000 € (36,5%), decrescendo para o valor acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000 € (21,2%), seguindo-se os casos com valores entre os 2 001 € e 3 000 € (17,7%), posteriormente surge o salário mínimo (11,8%), e, com proporções menores, os casos com maior remuneração, de mais de 3 001 € (8,7%), e a remuneração abaixo do salário mínimo (4,1%).

No que diz respeito ao consumo de tabaco, verificou-se que 87,7% dos jovens não têm esse hábito, e 12,3% dos jovens são fumadores ou têm esse hábito.

No que se refere ao consumo do álcool, 74,2% indicaram que não consomem nem têm esse hábito, com 25,8% dos jovens a referir que consomem e/ou tinham por o hábito consumir.

No que se concerne ao consumo de drogas, a maioria, com 93,9% apontou que não consumiam nem tinham esse hábito, e, a restante amostra com 6,1% dos casos, indicaram que consumiam ou tinham esse hábito.

No que corresponde a serem ou terem sido vítimas de violência no namoro, 93,8% responderam negativamente, e 6,2% dos jovens afirmam ser ou terem sido.

Em relação aos jovens serem ou terem sido agressores de violência no namoro, 98,9% indicaram que não, com um ínfimo número de casos, 1,1%, a responder que são ou já foram agressores.

Tabela 1 - Caracterização Sociodemográfica: Amostra

Variáveis	Participantes (n=1026/100%)
Sexo	
Feminino	474 (46,2%)
Masculino	552 (53,8%)
Idade (Grupos etários)	
14 - 17 Anos	859 (83,7%)
18 - 20 Anos	167 (16,3%)
Ano escolaridade a frequentar	
10º Ano	376 (36,6%)
11º Ano	362 (35,3%)
12º Ano	288 (28,1%)
Reprovações	
Nenhuma	718 (70,0%)
Uma vez	226 (22,0%)
Duas vezes	69 (6,7%)
Três ou mais vezes	13 (1,3%)
Habitação	
Habitação própria	517 (50,4%)
Renda	283 (27,6%)
Familiares/amigos	211 (20,6%)
Social	15 (1,5%)
Residência	
Urbano	816 (79,5%)
Semiurbano	169 (16,5%)
Rural	41 (4,0%)
Agregado familiar (número)	
2 – 4	767 (75,5%)
5 – 9	249 (24,5%)
Remuneração familiar mensal	
Abaixo do salário mínimo (-635€)	42 (4,1%)
Salário mínimo (635€)	121 (11,8%)
Acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000€	217 (21,2%)

Entre 1 000€ - 2 000€	375 (36,5%)
Entre 2 001€ - 3 000€	182 (17,7%)
Mais de 3 001€	89 (8,7%)
Consumo de tabaco	
Sim	126 (12,3%)
Não	900 (87,7%)
Consumo de bebidas alcoólicas	
Sim	265 (25,8%)
Não	761 (74,2%)
Consumo de drogas	
Sim	63 (6,1%)
Não	963 (93,9%)
Vítima de Violência no Namoro	
Sim	64 (6,2%)
Não	962 (93,8%)
Agressor de Violência no Namoro	
Sim	11 (1,1%)
Não	1 015 (98,9%)

P25, Percentil 25; P75, Percentil 75

Observando a caracterização sociodemográfica da amostra dos jovens e fazendo uma análise geral, podemos observar que o sexo masculino é o mais predominante (53,8%), com a maioria a se encontrar entre 14 e 17 anos (83,7%). Ao nível escolar, frequentam maioritariamente o 10º Ano (36,6%), e nunca reprovou (70%). A maioria reside em habitação própria (50,4%), e, com uma percentagem bastante acentuada, habitam em zona urbana (79,5%). Relativamente ao agregado familiar, denotamos uma maior prevalência de agregados compostos por 2 a 4 pessoas (75,5%), onde o valor da remuneração familiar mensal mais prevalente é entre os 1 001 € e os 2 000 € (36,5%). Ao nível dos consumos, a maioria dos jovens não tem hábitos de consumos de tabaco (87,7%), álcool (74,2%), ou drogas (93,9%). Em relação à vitimação, 93,8% indicaram que não são nem foram vítimas de violência no namoro, e 98,9%, que não são nem foram agressores desta tipologia criminal.

2.6.2. Caracterização do Concelho e Escolas participantes

O concelho onde se inserem as Escolas que participaram no nosso estudo é o concelho de Cascais, nascido a 1364¹⁴, viria a sofrer várias alterações ao nível de construções, sobretudo hospitais, bairros, estradas, casas, entre outros. Este concelho divide-se por quatro freguesias, nomeadamente, Alcabideche, Carcavelos e Parede, Cascais e Estoril, e São Domingos de Rana¹⁵. Segundo os dados mais atuais sobre o concelho, a população residente comporta 212

¹⁴ Dados do Município de Cascais (2021). Acedido em 3 de janeiro de 2021 em <https://www.cascais.pt/livro/cascais-650-anos-territorio-historia-memoria-1364-2014>.

¹⁵ Dados do Município de Cascais (2021). Acedido em 3 de janeiro em <https://www.cascais.pt/junta-de-freguesia/freguesia-de-alcabideche>.

094 habitantes e contém 97,4 km² ao nível da superfície. No que diz respeito à população, 16% dos jovens tem menos de 15 anos, 63,7% tem entre os 15 anos e os 64 anos e, a percentagem de idosos é de 20,3% (PORDATA, 2021)¹⁶.

Em relação a projetos educativos proporcionados pela Câmara de Cascais, eles são: A Voz dos Jovens, que é uma atividade organizada e dirigida para e com os alunos do ensino secundário (delegados de turma) do ensino público e particular, e o Orçamento Participativo Jovem, em que apenas alunos da escola podem participar, realizando-se sessões de partilha de ideias para a escola e comunidade envolvente, usando um valor orçamental financiado pela Câmara¹⁷.

De acordo com a caracterização das escolas envolvidas na amostra, que foram quatro, encontramos de seguida a sua caracterização, nomeadamente número de alunos, turmas, anos letivos, cursos e tipologia, que constituem cada escola.

Iniciamos por descrever que, ao nível escolar do concelho de Cascais, nomeadamente número de escolas, este disponibiliza 110 ao nível do pré-escolar, 81 do 1º ciclo, 31 do 2º ciclo do ensino básico, 27 escolas ao nível do 3º ciclo do ensino básico, e 19 escolas ao nível do ensino secundário (PORDATA, 2021)¹⁸. Os dados mais recentes sobre o número de alunos matriculados no ensino secundário deste concelho, grau de ensino onde se encontrava a população alvo do nosso estudo, mostra-nos a existência de 38 538 alunos (PORDATA, 2021)¹⁹.

Assim, as quatro escolas que fizeram parte do nosso estudo compreenderam a Escola Secundária 2/3 de Alvide, a Escola Básica e Secundária Matilde Rosa Araújo, a Escola Básica e Secundária da Cidadela, e a Escola Básica e Secundária Ibn Mucana.

A Escola Secundária 2/3 de Alvide encontra-se inserida no Agrupamento de Escolas de Alvide, inaugurada em 1986 e situa-se na freguesia de Alcabideche. Esta escola é formada por oito pavilhões, inseridos numa vasta zona verde e um campo exterior. Ao nível educativo, esta

¹⁶ Dados dos Estabelecimentos nos ensinos pré-escolar, básico e secundário: por nível de ensino, referente a 2019/2020 de Cascais (PORDATA, 2021). Acedido em 02 de janeiro de 2021 em <https://www.pordata.pt/Municipios/Quadro+Resumo/Cascais-252138>.

¹⁷ Dados disponibilizados pelo Doutor Pedro Lara, Chefe de Divisão de Planeamento e Gestão de Rede - Departamento de Educação da Câmara Municipal de Cascais. Fornecidos em janeiro de 2021.

¹⁸ Dados do município de Cascais (PORDATA, 2021). Acedido em 02 de janeiro de 2021 em <https://www.pordata.pt/Municipios/Estabelecimentos+nos+ensinos+pr%C3%A9+escolar++b%C3%A1sico++secund%C3%A1rio+por+n%C3%ADvel+de+ensino-213-1086>.

¹⁹ Dados dos Alunos matriculados nos ensinos pré-escolar, básico e secundário: total e por nível de ensino, referente a 2019/2020 de Cascais (PORDATA, 2021). Acedido em 02 de janeiro de 2021 em <https://www.pordata.pt/Municipios/Alunos+matriculados+nos+ensinos+pr%C3%A9+escolar++b%C3%A1sico++secund%C3%A1rio+total++por+n%C3%ADvel+de+ensino-166>.

escola dispõe oito projetos direcionados aos alunos, como o desporto escolar, o clube da robótica, eco-escolas, Erasmus+, ComerBem.com, Educação para a Saúde, e Mary's Meal²⁰. Este estabelecimento de ensino é público, e no presente ano letivo 2020/2021, é composto por 766 alunos, em que, 191 frequentam o 2º ciclo, 327 frequentam o 3º ciclo e Cursos de Educação e Formação (CEF), 248 frequentam o ensino secundário, sendo que, 144 frequentam o ensino regular, e 104 o ensino profissional. O agrupamento soma assim um total de 36 turmas, sendo que nove integram o 2º ciclo, 15 o 3º ciclo e CEF, e 12 integram o ensino secundário. Em termos de ofertas formativas ao nível do ensino secundário, esta escola integra ao nível Científico-Humanístico os cursos de Ciências e Tecnologias e Línguas e Humanidades. Ao nível profissional, a escola integra os cursos de Animador Sociocultural e Técnico de Gestão de equipamentos informáticos²¹.

A Escola Básica e Secundária Matilde Rosa Araújo, inserida no Agrupamento de Escolas Matilde Rosa Araújo, foi construída no ano letivo 1985/86 e encontra-se localizada na freguesia de São Domingos de Rana. Esta escola é composta por cinco pavilhões independentes e um campo exterior. Ao nível educativo, dispõe de quatro projetos dirigidos aos alunos, como o projeto de Autonomia e Flexibilidade Curricular, o projeto “Ciência vai à Escola”, o projeto Escola iNova, e o projeto de Educação para a Saúde²². Este estabelecimento de ensino é igualmente público, possui neste ano letivo atual 934 alunos. Destes, 300 frequentam o 2º ciclo, 444 o 3º ciclo e o Programa Integrado de Educação e Formação (PIEF)²³ e 190 o ensino secundário sendo que, deste último grau, 90 frequentam o ensino regular e 100 o ensino profissional. Num total de 41 turmas existentes nesta escola, 13 agregam o 2º ciclo, 19 o 3º ciclo e PIEF²⁴, e nove agregam o ensino secundário. Em termos de ofertas formativas ao nível do ensino secundário, esta escola integra ao nível Científico-Humanístico os cursos de Ciências

²⁰ Dados da Escola Secundária de Alvide (2021). Acedido em 03 de janeiro de 2021 em <http://aealvide.com/escola-secundaria-23-de-alvide/>.

²¹ Dados disponibilizados pelo Doutor Pedro Lara, Chefe de Divisão de Planeamento e Gestão de Rede - Departamento de Educação da Câmara Municipal de Cascais. Fornecidos em janeiro de 2021.

²² Dados da Escola Matilde Rosa Araújo (2021). Acedido em 03 de janeiro de 2021 <https://www.agmra.pt/index.php/informacoes/historia-do-agrupamento#>.

²³ PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação): É uma medida socioeducativa, de carácter temporário e excepcional, a adotar depois de esgotadas todas as outras medidas de integração escolar. Programa destinado a jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos (Regulamento de constituição e funcionamento de turmas com PIEF, 2018). Acedido em 03 de janeiro de 2021 em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/EBasico/PIEF/pief_net.pdf.

²⁴ PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação): É uma medida socioeducativa, de carácter temporário e excepcional, a adotar depois de esgotadas todas as outras medidas de integração escolar. Programa destinado a jovens com idades compreendidas entre os 15 e os 18 anos, à data 1 de setembro. (2021) Acedido em 03 de janeiro de 2021 em https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/EBasico/PIEF/pief_net.pdf.

e Tecnologias, e Línguas e Humanidades. Ao nível profissional, integra os cursos de Técnico de Eletrónica Médica, e Técnico de Mecatrónica Automóvel²⁵.

A Escola Básica e Secundária da Cidadela encontra-se inserida no Agrupamento de Escolas da Cidadela, tendo sido edificada em 1993 e situa-se na freguesia de Cascais. A escola é composta por vários pavilhões, refeitório, bar, campo exterior, entre outros. Ao nível educativo, para o atual ano letivo, disponibiliza seis-projetos, nomeadamente, o projeto Guia, Clubes Ciências Viva, Gabinete de Apoio à Saúde, Mentorias, Erasmus+, e Desporto Escolar²⁶. Igualmente esta escola pública é composta por 1 070 alunos, na qual, 246 frequentam o 2º ciclo, 379 frequentam o 3º ciclo e 445 frequentam o ensino secundário, sendo que neste grau, 258 frequentam o ensino regular, e 187 o ensino profissional. Encontramos assim, um total de 47 turmas, sendo que 10 fazem parte do 2º ciclo, 15 do 3º ciclo, e 22 fazem parte do ensino secundário. Em termos de ofertas formativas ao nível do ensino secundário, esta escola integra, ao nível Científico-Humanístico, os cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Sócio - Económicas, e Línguas e Humanidades. Ao nível profissional, integra os cursos de Técnico Multimédia, Técnico de Operações de Turismo, e Técnico de Animação de Turismo²⁷.

A Escola Básica e Secundária da Ibn Mucana, inserida no Agrupamento de Escolas Ibn Mucana, foi construída no ano 1989 e encontra-se localizada na freguesia de Alcabideche. A escola é composta por vários pavilhões de salas de aula, incluindo de informática, campo exterior, biblioteca, laboratórios de Física/Química e de Biologia/Geologia, entre outros. Ao nível educativo, esta escola reúne sete projetos e clubes, bem como, os clubes da música, o clube Europeu, o Cantinho da Ciência, o Atelier da Cerâmica, Erasmus+, Artenarede, e os livros de Artista²⁸. Também como escola pública, constitui-se, no presente ano letivo de 2020/2021, por 1 926 alunos. Destes, 491 frequentam o 2º ciclo, 784 frequentam o 3º ciclo e PIEF, e 651 frequentam o ensino secundário. Neste último grau, 477 frequentam o ensino regular, e 174 frequentam o ensino profissional. Num total que perfaz 77 turmas, sendo que 19 fazem parte do 2º ciclo, 32 do 3º ciclo, e 26 fazem parte do ensino secundário. Em termos de ofertas formativas ao nível do ensino secundário, esta escola integra ao nível Científico-Humanístico os cursos de Ciências e Tecnologias, Ciências Sócio – Económicas, Línguas e Humanidades, e

²⁵ Dados disponibilizados pelo Doutor Pedro Lara, Chefe de Divisão de Planeamento e Gestão de Rede - Departamento de Educação da Câmara Municipal de Cascais. Fornecidos em janeiro de 2021.

²⁶ Dados da Escola Secundária da Cidadela (2021). Acedida em 03 de janeiro de 2021 <https://aecedadela.pt/agrupamento/ebs-cidadela-sede/>.

²⁷ Dados disponibilizados pelo Doutor Pedro Lara, Chefe de Divisão de Planeamento e Gestão de Rede - Departamento de Educação da Câmara Municipal de Cascais. Fornecidos em janeiro de 2021.

²⁸ Dados da Escola Ibn Mucana (2021). Acedido em 03 de janeiro de 2021 em <https://www.ibn-mucana.pt/index.php/o-agrupamento/eb-2-3-sec-ibn-mucana>.

Artes Visuais. Ao nível profissional, integra cursos de Técnico de Turismo, Técnico de Gestão Desportiva, Técnico de Gestão de Transportes, e Técnico de Museografia e de Gestão de Património²⁹.

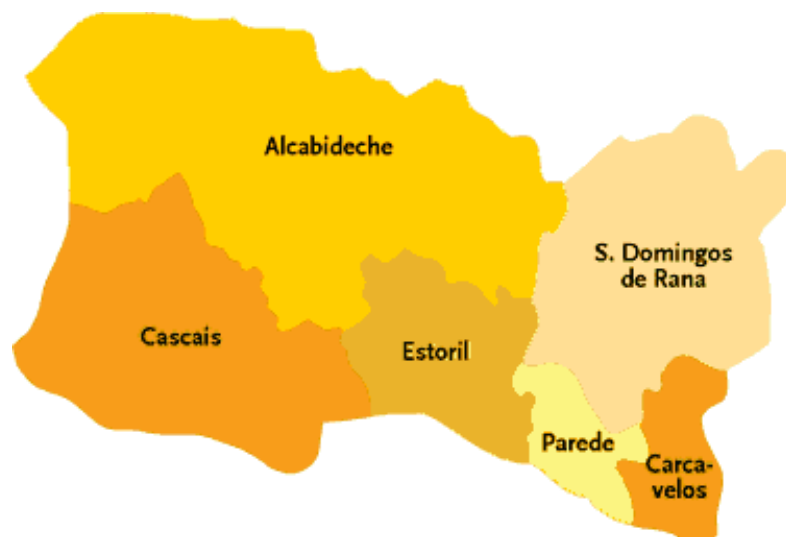


Figura 2 - Mapa das Freguesias do Concelho de Cascais

Fonte: Câmara Municipal de Cascais³⁰

2.7. Instrumento de recolha de dados

Uma das etapas mais determinantes para quem pretende realizar uma pesquisa, é a definição exata das técnicas da recolha de dados e das técnicas de análise dos dados (Fortin, 2009b).

A seleção do instrumento a aplicar no presente estudo foi efetuada tendo em conta a problemática em estudo, a tipologia e abrangência da sua amostra, isto é, evidenciar o tema da violência no namoro, com o objetivo de analisar a influência das características

²⁹ Dados disponibilizados pelo Doutor Pedro Lara, Chefe de Divisão de Planeamento e Gestão de Rede - Departamento de Educação da Câmara Municipal de Cascais. Fornecidos em janeiro de 2021.

³⁰ Dados do Município de Cascais (2021). Acedido em 03 de Janeiro de 2021 em https://www.google.com/search?q=mapa+freguesias+de+cascais&client=firefox-b-d&sxsrf=ALeKk03b0fwGkKvyz6P2eN5yQmie7l0OKA:1610736776912&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=2ahUKEwioiaiLzp7uAhWFBGMBHQetCt0Q_AUoAnoECBAQBA&biw=1536&bih=750.

sociodemográficas dos jovens na perpetração da violência, seja ela física, psicológica ou sexual, tanto no sexo feminino, como no sexo masculino.

Para a realização deste estudo, utilizámos o referido inquérito por questionário, que se divide em dois distintos. Um primeiro, o questionário sociodemográfico, composto por 13 variáveis e, o segundo, o questionário “Inventário de Conflitos nas Relações de Namoro entre Adolescente” (EAVN).

O inquérito por questionário requer uma construção com questões breves, claras e objetivas, de maneira a permitir respostas às questões enunciadas de forma exigente e que nos possibilite verificar as hipóteses predefinidas (Hill & Hill, 2012). Este instrumento adequa-se melhor a pesquisas onde existe um número de população-alvo elevada, podendo permitir uma análise descritiva da realidade ao traçar o perfil dos fatores que influenciam o processo (Câmara, 2013).

Em síntese, as características gerais de uma perspetiva quantitativa podem ser para comprovar teorias e hipóteses, para elaboração de estudos sobre grandes amostras de sujeitos, e também pode beneficiar o aumento do conhecimento e permitir prever, explicar e controlar fenómenos (Coutinho, 2014).

Neste sentido, ambos os questionários foram criados para ser objeto de autoadministração, sendo constituídos maioritariamente por questões fechadas, com a única exceção a remeter para a indicação numérica da idade e do número de pessoas que compunham o agregado familiar.

Ambos os questionários se iniciam com um texto informativo aos inquiridos, explicando o tema central do estudo, a sua finalidade e utilização da informação recolhida, garantido o total anonimato. Nos dois pontos seguintes, caracterizamos e discriminamos os questionários utilizados no nosso estudo.

2.7.1. Questionário Sociodemográfico

O propósito do questionário sociodemográfico envolve a priorização de construtos que caracterizem adequadamente o perfil sociodemográfico da amostra (Franco et al., 2003), neste caso dos alunos, tendo em conta os objetivos e a problemática em que o nosso estudo se debruça.

Como a sua designação aponta, este questionário abrange um conjunto de variáveis sobre a sua caracterização pessoal e familiar, e sobre características que envolvem o contexto da problemática, com o objetivo de conhecer e qualificar a amostra. Tendo em conta a população alvo, correlacionando com a problemática da violência no namoro, contruímos um

questionário composto por 13 questões, especificamente: (1) Idade; (2) Sexo; (3) Escolaridade; (4) Retenções escolares; (5) Consumo de tabaco; (6) Consumo de álcool; (7) Consumo de drogas; (8) Tipologia habitacional; (9) Zona residencial; (10) Número de agregado familiar; (11) Remuneração familiar mensal; (12) Vítima de violência no namoro; (13) Agressor de violência no namoro (Apêndice I).

A autora definiu as variáveis acima descritas tendo em conta os objetivos do nosso estudo, triangulando esta visão com os fatores de risco relacionados com a violência no namoro, quer sejam eles fatores individuais, familiares, ambientais, situacionais ou contextuais, e que se encontram devidamente caracterizados na fase conceptual deste nosso trabalho.

A idade, o género, o agregado familiar e sua composição, a zona residencial, e a remuneração familiar mensal, agrupam-se aos nos fatores individuais. Classificando no que respeita à idade, apesar de causar alguma controvérsia na perpetração e/ou vitimação nas relações amorosas, pode ser um fator para o exercício de atos violentos (Caridade, 2011). Por conseguinte, relativamente ao género, a literatura no contexto da violência no namoro diz-nos que o género sexo feminino é mais propenso para sofrer danos físicos, psicológicos, sexuais do que o género sexo masculino (Caridade & Machado, 2008). O conceito de agregado familiar definido pelo Instituto da Segurança Social remete para todas as pessoas que vivam em economia comum e que tenham entre si determinados laços³¹, interligando-o ao agregado familiar doméstico, que define como todas as pessoas que vivem na mesma casa e com alguma relação de parentesco (Instituto da Segurança Social [ISS], 2020). As características do agregado familiar são uma importante variável apontada pela literatura que se debruça nesta problemática da violência no namoro, podendo ser fortemente interligada com a maior ou menor prevalência para se ser agressor ou vítima deste crime. No que diz respeito ao agregado doméstico em contexto nacional, os dados mais atuais, e que se reportam a 2019, indicam a existência de cerca de quatro milhões de agregados, onde a prevalência envolve as famílias com um filho, com 34% destes agregados, que de forma genérica se constituem por uma média de 2,5 pessoas por agregado (PORDATA, 2021)³². Esta atual conjectura familiar levou-nos a ajudar

³¹ No conceito de agregado familiar, engloba os seguintes laços: Cônjuge ou pessoa com quem viva em união de facto há mais de dois anos; Parentes e afins maiores em linha reta e em linha colateral, até ao 3º grau: pais; sogros; padrastra, madrasta, filhos, enteados, genro, nora, avós, netos, irmãos, cunhados, tios, sobrinhos, bisavós, bisnetos; Parentes e afins menores em linha reta e linha colateral (não têm limite de grau de parentesco); Adotados restritamente e os menores confiados administrativamente ou judicialmente a algum dos elementos do agregado familiar (Instituto da Segurança Social [ISS], 2020).

³² Dados da dimensão média dos agregados domésticos privados (PORDATA, 2021). Acedido em 02 de janeiro de 2021 em <https://www.pordata.pt/Portugal/Dimens%C3%A3o+m%C3%A9dia+dos+agregados+dom%C3%A9sticos+privados+511>. Dados dos agregados domésticos privados: total e por tipo de composição (PORDATA, 2021). Acedido

a delimitar a nossa amostra, após recolhida e analisada, em dois distintos grupos, nomeadamente, de duas a quatro pessoas, e de cinco a nove pessoas.

No que se refere à zona residencial e à remuneração familiar mensal, a maioria da literatura, apesar de alguns estudos que não o confirmam, diz-nos que as famílias com estatutos socioeconómicos baixos pode contribuir para que os jovens incidam na perpetração da violência no namoro (Araújo, 2013; Manuel, 2014).

Ao nível da escolaridade e das retenções escolares, estes reúnem-se nos fatores ambientais. A informação do ano de escolaridade, vai fornecer-nos a indicação sobre o ano de escolaridade em que se verificará ser mais elevado o nível de perpetração e/ou vitimação. Problemáticas como o absentismo e abandono escolar, as retenções escolares, podem ser consequência de uma vivência no contexto de violência no namoro, acabando por deixar de frequentar as aulas, atividades extracurriculares, contribuindo para a diminuição da concentração, da vontade de estudar, provocando assim o insucesso escolar e/ou as retenções (Barroso, 2008; Dahlberg & Krug, 2007; Rodrigues, 2017; Shorey, Stuart & Cornelius, 2011; Temple & Freeman, 2011).

Relativamente aos fatores situacionais ou contextuais, envolvem o consumo de álcool, drogas e/ou tabaco. A literatura diz-nos que nos adolescentes mais velhos, com idades compreendidas entre os 17 e 18 anos, a percentagem de consumo de álcool aumenta, o que pode levar, em alguns casos, a se associarem à experimentação de outras substâncias psicoativas (Balsa, Vital & Urbano, 2018; SICAD, 2015, 2016, 2018). Assim como pode estar relacionado com outros comportamentos de risco, como o consumo do tabaco, relações sexuais desprotegidas, ideação suicida, prática de atos violentos (DGS, 2012; Valim, Simionato & Gascon, 2017).

No que se refere à vitimação e ao agressor, a estrutura familiar por vezes contribui para a criança e/ou jovem ser vítima de violência no namoro, mas também para ser um potencial agressor, principalmente no que diz respeito ao sexo feminino, se existir um historial de violência familiar, este constitui um fator de risco, aumentando a possibilidade destas se tornarem vítimas deste tipo de violência (Félix, 2012). Em contrapartida, jovens do sexo masculino que testemunhem violência interparental têm maior probabilidade de virem a ser potenciais agressores das suas parceiras (ibidem).

Terminada a descrição do conjunto de fatores enumerados ao longo deste ponto, podemos perceber que a sua grande maioria contribui para que alguns jovens adolescentes sejam mais vulneráveis à vitimização e/ou à perpetração da violência no namoro. Contudo, existem exceções e nem sempre a violência no namoro pode ser justificada pela presença deste ou daquele fator em específico, visto que existem diferentes padrões relativamente aos fatores que aumentam o risco de violência no namoro entre jovens (Gover, Kaukinen & Fox, 2008).

2.7.2. Questionário EAVN

O questionário EAVN avalia as atitudes dos sujeitos com referência à violência psicológica, física e sexual, nas relações de intimidade na adolescência, tanto no sexo feminino, como no sexo masculino (Anexo I). Este questionário é uma adaptação da Attitudes Toward Dating Violence Scale, que foi desenvolvida por Price e Byers (1999). O inventário foi traduzido e adaptado para a população portuguesa por Machado, Martins e Saavedra (2008).

Através destes procedimentos, a “Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro”, é composta por 76 itens, divididos por seis subescalas, conforme o quadro seguinte representa:

Quadro 2 - Descrição das subescalas da EAVN

Subescalas da EAVN		
Subescala	Sigla	Parte/Itens
Atitudes acerca da Violência Psicológica Masculina	VPM	Parte A - 15 itens
Atitudes acerca da Violência Física Masculina	VFM	Parte B - 12 itens
Atitudes acerca da Violência Sexual Masculina	VSM	Parte C - 12 itens
Atitudes acerca da Violência Psicológica Feminina	VPF	Parte D - 13 itens
Atitudes acerca da Violência Física Feminina	VFF	Parte E - 12 itens
Atitudes acerca da Violência Sexual Feminina	VSF	Parte F - 12 itens

Fonte: Elaboração própria/2021, adaptado de Silva, 2017

Segundo a autora deste questionário:

A maioria dos itens são avaliados segundo uma escala de Likert de cinco pontos que varia desde discordo totalmente (1) a concordo totalmente (5), com a exceção de determinados itens cuja forma de avaliação é invertida, de maneira a controlar a forma negativa como as afirmações que são colocadas aos sujeitos. Os itens invertidos e as subescalas a que estes competem são os seguintes: violência psicológica masculina (1, 2, 5, 9, 10, 13), violência física masculina (1, 3, 5, 7), violência sexual masculina (2, 4, 5, 12), violência psicológica feminina

(1, 2), violência física feminina (7, 8, 10, 12) e violência sexual feminina (1, 2, 3, 4, 7, 8, 9, 10). As pontuações com valores mais elevados assinalam uma maior legitimação da utilização de comportamentos abusivos nos relacionamentos. Apesar de cada subescala não detenha o mesmo número de itens o valor de cada subescala será calculado pela soma dos seus itens e não pelas médias, de modo a manter os mesmos padrões de cálculo que foram aplicados noutros estudos portugueses cuja escala foi aferida. Na sua versão adaptada, o Alpha de Cronbach da escala total é de 0,95. Trata-se, portanto, de uma escala em que a sua consistência interna consta de acordo com as seguintes seis subescalas: VPM - 0.78; VFM - 0.81; VSM - 0.77; VPF - 0.76; VFF - 0.87; VSF - 0.84). Em suma, a EAVN não compromete a obrigatoriedade de experiência relacional de namoro visto que pode ser administrada a jovens alunos a partir do 9º ano de escolaridade ou com idade superior a 13 anos de idade (Machado, Martins & Saavedra, 2008; Saavedra, 2010).

A relevância do instrumento EAVN, no âmbito da problemática da violência no namoro entre jovens, encontra-se bem vincada na sua utilização em inúmeros estudos que encontramos em contexto nacional. Neste paradigma, encontra-se presente em diversificados temas e dimensões sobre a violência no namoro, tais como a violência nos relacionamentos íntimos, em relações de namoro de estudantes do secundário ou universitário, sobre estratégias na prevenção na violência no namoro, ou de análise social da violência no namoro (Albuquerque, 2018; Antunes, 2016; Coxinho, 2017; Cristóvão, 2012; Fonseca, 2015; Freitas, 2015; Gomes, 2017; Gonçalves, 2013; Monteiro, 2015; Moura, 2012; Pereira, 2018; Reforço, 2018; Santos, 2019; Silva, 2017; Teixeira, 2015; Veloso, 2013).

2.8. Procedimentos da recolha de dados

Os processos formais da presente investigação iniciaram-se com a solicitação de autorização à autora que adaptou, construiu e validou o instrumento EAVN, a qual autorizou (Apêndice II). Seguidamente solicitámos a autorização ao Conselho Executivo das quatro escolas envolvidas na investigação, nomeadamente, a Escola Secundária 2/3 de Alvide, a Escola Básica e Secundária Matilde Rosa Araújo, a Escola Básica e Secundária da Cidadela, e a Escola Básica e Secundária Ibn Mucana (Apêndice III).

Após a autorização para prosseguir com o estudo, foram solicitadas as autorizações aos Encarregados de Educação para a participação dos seus educandos na investigação (Apêndice IV).

Recolhidas as devidas e necessárias autorizações, foi determinado o procedimento de administração e de recolha de dados, procurando perceber junto do Conselho Executivo de cada Estabelecimento de Ensino a possibilidade da investigadora se deslocar à escola ou não, nomeadamente pela atual crise pandémica. Na Escola Secundária 2/3 de Alvide e na Escola Básica e Secundária da Cidadela, os questionários foram administrados aos alunos pelos diretores de turma, que foi comportado por um e-mail com notas operacionais e de apoio por parte da investigadora. Na Escola Básica e Secundária Matilde Rosa Araújo e na Escola Básica e Secundária Ibn Mucana, os questionários foram administrados presencialmente pela investigadora. Em acordo com as direções escolares, e por forma a não interferir com as disciplinas curriculares, os questionários foram administrados em disciplinas como «Assembleia de turma», disciplinas essas que eram ministradas pelo diretor de turma.

Aos participantes foram apresentados os objetivos do estudo, bem como esclarecer quaisquer dúvidas que pudessem existir.

A presente inquirição, que decorreu no atual ano letivo 2020/2021, envolveu a janela temporal entre outubro e dezembro de 2020, perfazendo assim 3 meses.

No decorrer de todo o processo que envolveu este estudo, foram assegurados todos os procedimentos éticos e deontológicos associados à investigação (Bogdan & Biklen, 2013). Fatores que dizem respeito à livre participação e confidencialidade das respostas foram escrupulosamente cumpridos, tendo sido sempre alertado no início de cada aula para não se identificarem no questionário, nem nada que os identificasse, independentemente de ser apenas a investigadora a ter acesso às respostas.

2.9. Procedimentos estatísticos

A análise estatística foi realizada recorrendo ao programa SPSS (Statistical Package for the Social Sciences) versão 22.0 de 2013 para Windows (International Business Machines [IBM], 2013).

O teste do Alfa de Cronbach possibilita demarcar o limite inferior da consistência interna de um grupo de variáveis ou itens. Este limite responde à correlação que se espera alcançar entre a escala usada e outras presumíveis escalas, do mesmo universo e com igual número de itens aplicados para medir a mesma característica (Coutinho, 2014; Marôco, 2014; IBM, 2012). O índice alfa (α) considera o quanto semelhantemente os itens colaboram para a soma não ponderada do instrumento, diversificando numa escala de 0 a 1. Esta propriedade é designada por consistência pela densidade interna da escala, sendo, o α , “(...) interpretado como

coeficiente médio de todos as estimativas de consistência interna que se obteriam se todas as divisões possíveis da escala fossem feitas” (Marôco & Garcia-Marques, 2006, p. 73). Este instrumento classifica-se como possuindo a credibilidade apropriada quando o α é superior a 0,70, nos quadros da investigação das ciências sociais, um α de 0,50 é aceitável (Marôco, 2014).

A estatística descritiva é explicitada na forma de média, desvio padrão, mediana, percentil 25, percentil 75, mínimo e máximo, para as variáveis quantitativas, e, na forma de frequências para as variáveis qualitativas. Foram efetuados os testes de normalidade de Kolmogorov-Smirnov-Lilliefors e Shapiro-Wilk para a realização da análise inferencial de acordo com as variáveis quantitativas (Marôco, 2014). Estes testes, são testes que avaliam a distribuição normal. Se o valor de “p” é superior a 0,05, a variável segue uma distribuição normal e os dados descritivos são apresentados com a média e o desvio de padrão. Se o valor for de $p < 0,05$, indica que é significativo e revela que os pressupostos de normalidade das variáveis quantitativas não foram verificados (Ibidem), tendo-se aplicado testes não paramétricos, testes U-Mann-Whitney e Kruskal-Wallis, nas dissemelhanças de grupos. Estes testes, não paramétricos, são aplicados para duas amostras independentes (U-Mann-Whitney) e para diversas amostras independentes (Kruskal-Wallis), proporcionando a relação entre duas populações (Marôco, 2014; Coutinho, 2014; IBM, 2013).

O nível de significância estatística aplicado em todo o trabalho foi de $p < 0,05$.

CAPÍTULO 3

APRESENTAÇÃO, ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Introdução

A intenção deste capítulo é responder à Pergunta de Partida, mediante a apresentação, análise e interpretação dos resultados alcançados, nos inquéritos por questionário. O processo de análise, com referência aos questionários, encontra-se planeado para dar resposta aos objetivos e hipóteses de investigação enunciados, apresentando-se organizado em dois momentos por cada objetivo e hipótese. Num primeiro item de cada ponto, faremos a apresentação geral dos resultados, e, num segundo momento, encontramos a análise descritiva, discussão desses resultados e confirmação ou infirmação das hipóteses, tendo em consideração não apenas os autores, e os seus estudos e reflexões, estudados na primeira parte desta investigação, como igualmente relatórios oficiais, particularmente, os que analisam e caracterizam a violência no namoro (APAV; Associação Plano i; CEJ; CIG; SGMAI; UMAR).

3.1. Apresentação e análise dos resultados

Como já referido anteriormente, foi aplicado um inquérito por questionário aos alunos das escolas de quatro escolas do Concelho de Cascais, particularmente, a Escola Secundária 2/3 de Alvide, a Escola Básica e Secundária Matilde Rosa Araújo, a Escola Básica e Secundária da Cidadela, e a Escola Básica e Secundária Ibn Mucana, procurando responder ao seguinte objetivo geral: Comparar as atitudes de legitimação face à violência no namoro segundo as características sociodemográficas dos jovens.

Com o intuito de dar resposta aos nossos objetivos específicos, facilitando a apresentação e análise dos resultados, recorreremos à utilização de tabelas percentuais para analisar os dados recolhidos ao nível das seis subescalas (VPM, VFM, VSM, VPF, VFF, VSF) de acordo com as diferenças de atitudes de legitimação face à violência psicológica, física e sexual, tanto no sexo masculino, como feminino.

3.2. Avaliação global da escala e subescalas dos níveis de legitimação face à Violência no Namoro

Neste ponto efetuamos a análise das pontuações dos níveis de legitimação face à violência no namoro, discriminando a avaliação global da escala e das suas subescalas (Tabela 2).

3.2.1. Apresentação dos resultados

Como já referido anteriormente, o nível de legitimação sobre as atitudes acerca da violência no namoro, avaliada pelo instrumento EAVN, aglomera seis dimensões/subescalas, organizado em três subescalas de atitudes face à violência masculina no namoro e três face à violência feminina (VPM; VFM; VSM; VPF; VFF; VSF), compreendendo 76 itens, já discriminados e patentes no questionário (Anexo I).

Os resultados gerais da inquirição à nossa amostra mostram-nos que assumiu uma média total de 125,78, com valores mínimos de 76 e máximo de 234.

Em termos gerais das seis dimensões, observa-se que os valores médios mais elevados e mais baixos encontram-se entre os 25,76 (VPM) e 18,02 (VSM), respetivamente.

Tabela 2 - Pontuações totais da escala e subescalas globais (n=1026/100%)

Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx
Violência Psicológica Masculina (VPM)	25,76+6,974	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00
Violência Física Masculina (VFM)	18,23+6,193	17,00 (13,00-22,00)	12,00	47,00
Violência Sexual Masculina (VSM)	18,02+5,614	16,00 (14,00-21,00)	12,00	44,00
Violência Psicológica Feminina (VPF)	23,78+6,216	23,00 (19,00-28,00)	13,00	45,00
Violência Física Feminina (VFF)	20,71+7,659	19,00 (14,00-26,00)	12,00	52,00
Violência Sexual Feminina (VSF)	19,29+6,679	18,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00
Escala Total	125,8	120,0	76,00	234,0

DP, Desvio Padrão; P25-P75, Percentil 25 - Percentil 75; Min. Mínimo; Máx, Máximo

3.2.1.1. Análise e discussão dos resultados

Ao nível das seis dimensões de atitudes de violência no namoro que o nosso instrumento materializa, observamos que a dimensão com maior nível de legitimação ocorre na Violência Psicológica Masculina (VPM), com uma média de 25,76. Num patamar inferior, com uma média de 23,78, surge a legitimação associada à Violência Psicológica Feminina (VPF). Com valores médios abaixo, 20,71, encontramos a Violência Física Feminina (VFF), decrescendo para a Violência Sexual Feminina (VSF), com uma média de 19,29. Com valores mais baixos, e próximos entre si, nomeadamente de 18,23 e 18,02, encontramos esta legitimação associada à Violência Física Masculina (VFM) e Violência Sexual Masculina (VSM), respetivamente.

Tendo como perspetiva a divisão das seis dimensões, especificamente nas três relativas a atitudes face à violência masculina e outras três face à violência feminina, observamos que não nos apontam níveis sequenciais de legitimação. Em concreto, percebemos que uma das tipologias relativa às atitudes face à violência masculina surge catalogada como a de maior legitimação (VPM - $M=25,76$), e, em sentido inverso, apresenta igualmente os dois valores inferiores (VFM; VSM - $M=18,23$; $M=18,02$). No que respeita às dimensões associadas às atitudes face à violência feminina, encontramos o segundo, terceiro, e quarto maior valor associado à mesma (VPF; VFF; VSF - $M=23,78$; $M=20,71$; $M=19,29$). Podemos concluir, sobre esta perspetiva, que não se observa uma lógica sequencial de dimensões de índole masculina ou feminina.

Relativamente à perspetiva das três tipologias integradas nestas dimensões, especificamente a psicológica, física e sexual, observamos que a tipologia psicológica é a que apresenta maiores níveis de legitimação, em comparação com as outras duas tipologias, sendo que a pontuação da VP Masculina é superior em comparação com a VP Feminina ($M=25,76$; $M=23,78$). No que respeita às outras duas tipologias, física e sexual, não se encontram sequenciais, ou seja, numa segunda tipologia mais legitimada, e como já referido, encontramos a VF Feminina ($M=20,71$), seguida da VS Feminina ($M=19,29$). Percebemos que é nas atitudes face à violência feminina que surgem os segundos maiores níveis de legitimação após a tipologia psicológica, e agora incorporando a tipologia física e sexual. Num patamar de menores níveis de legitimação, encontramos associações ao sexo masculino, com referências às tipologias física ($M=18,23$) e sexual ($M=18,02$), por esta ordem de pontuações.

Correlacionando as perspetivas analisadas, observamos que as violências associadas às atitudes face à violência masculina encontram-se nas que maior e menor legitimação apresenta, e, o sexo feminino surge num patamar intermédio, e inserido entre estes níveis encontrados no masculino. No que respeita às tipologias, a psicológica surge como a mais legitimada pelos nossos jovens, e, em sentido inverso, a física e sexual, por esta mesma ordem, são as que menores níveis de legitimação apresentam.

3.3. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no Namoro na subescala VPM

Neste primeiro ponto efetuamos a análise da relação das pontuações da avaliação do nível de legitimação dos jovens face às atitudes de legitimação acerca da Violência Psicológica Masculina (VPM), com as suas características sociodemográficas (Tabela 3).

3.3.1. Apresentação dos resultados

A subescala VPM compreende 15 itens³³, e os níveis gerais de legitimação assumiram valores mínimos de 15 e máximo de 48. Encontramos nesta relação 13 variáveis sociodemográficas.

Relativamente ao sexo destes jovens, verificamos que o sexo masculino apresenta um nível de legitimação sobre as atitudes acerca da VPM superior em relação ao sexo feminino (M=28,11; M=23,03).

Relativamente à idade, que se dividiu em dois grupos etários, os jovens do grupo etário entre os 14 e os 17 mostram um nível de legitimação VPM mais elevado (M=26,42), em comparação com o grupo mais velho, entre os 18 e os 20 (M=25,63).

No que respeita ao ano escolar em que estes jovens se encontram a frequentar, verificamos que o nível de legitimação VPM surge de forma decrescente consoante o ano escolar aumenta. Assim, as pontuações médias mais elevadas encontram-se presentes nos jovens do 10º ano (M=26,52), decrescendo para o 11º ano (M=25,52), e para o 12º ano (M=25,07).

Analisando a variável que discrimina a existência ou não de retenções escolares, observamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VPM surge no grupo que possuem mais retenções, nomeadamente, três ou mais retenções (M=29,85), vindo a decrescer

³³ VPM - 1. Um rapaz não deve insultar a namorada; 2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer; 3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos; 4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados; 5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada; 6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas; 7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado; 8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer; 9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz; 10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada; 11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso; 12. Um rapaz pode dizer mal da namorada; 13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada; 14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado; 15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer.

esta legitimação consoante diminui o número de retenções, surgindo os valores mais baixos nos casos em que não existem retenções (M=25,31).

Em relação à tipologia habitacional, ainda que os níveis de legitimação de VPM sejam próximos, os maiores níveis de legitimação encontram-se nos jovens que residem em habitação social (M=26,80), vindo a diminuir nas tipologias, apresentado as menores pontuações nos casos em que residem em habitação própria (M=25,51).

No que concerne à zona de residência, percebemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VPM residem em zona urbana (M=27,09), e com uma diferença ínfima, jovens que residem em zona semiurbana e rural (M=25,50; M=25,41).

Verificando o agregado familiar, que foi igualmente dividido em dois grupos, onde se observam diferenças residuais, no entanto, os maiores níveis de legitimação VPM ocorrem no agregado composto por maior número de pessoas, entre 5 a 9 pessoas (M=26,28), em comparação com o agregado de 2 a 4 pessoas (M=25,62).

Relativamente à remuneração familiar mensal, os maiores níveis de legitimação VPM ocorrem nas famílias dos jovens que ostentam uma maior remuneração mensal, nomeadamente, igual ou superior a 3 001 € (M=26,49), vindo esta legitimação a decrescer conforme a remuneração mensal igualmente decresce, surgindo os valores mais baixos nos casos de jovens de famílias com salários inferiores ao salário mínimo (M=25,10).

No âmbito do consumo de tabaco, os valores de legitimação VPM mais elevados encontram-se associados aos jovens fumadores (M=27,18), em detrimento dos que não fumam tabaco (M=25,56).

Relativamente ao consumo de álcool, observamos que jovens consumidores apresentam maiores níveis de legitimação VPM (M=26,55), do que jovens não consumidores de álcool (M=25,48).

No que respeita ao consumo de drogas, os valores de maior legitimação VPM surgem associados, com grande prevalência, aos jovens consumidores de drogas (M=29,37), comparativamente com os jovens não consumidores (M=25,52).

Analisando a variável que identifica jovens que sejam ou tenham sido vítimas de violência no namoro, observamos que os jovens que responderam negativamente apresentam maiores níveis de legitimação (M=25,85), do que os que indicaram ser ou terem sido vítimas de violência no namoro (M=24,38).

Em relação à condição do jovem ser ou ter sido agressor de violência no namoro, verificamos que os níveis de maior legitimação ocorrem nos jovens agressores (M=27,36), em comparação com jovens que não são agressores (M=25,74).

Tabela 3 - Pontuações da subescala VPM de acordo os dados sociodemográficos dos jovens

Subescala Violência Psicológica Masculina (VPM)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Sexo					
Masculino (n=552/53,8%)	28,11±7,08	28,00 (23,00-33,00)	15,00	48,00	<0,001 ^a
Feminino (n=474/46,2%)	23,03±5,75	22,00 (19,00-27,00)	15,00	48,00	
Idade (Grupos etários)					
14-17 (n=859/83,7%)	26,42±7,45	25,00 (21,00-31,00)	15,00	47,00	0,340 ^a
18-20 (n=167/16,3%)	25,63±6,88	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00	
Ano de escolaridade a frequentar					
10º Ano (n=376/36,6%)	26,52±6,91	26,00 (21,00-31,00)	15,00	48,00	0,013 ^b
11º Ano (n=362/35,3%)	25,52±7,21	25,00 (19,00-30,00)	15,00	47,00	
12º Ano (n=288/28,1%)	25,07±6,67	24,00 (20,00-29,00)	15,00	45,00	
Reprovações					
Nenhuma (n=718/70,0%)	25,31±6,81	25,00 (20,00-30,00)	15,00	46,00	<0,001 ^b
Uma vez (n=226/22,0%)	26,33±7,34	25,00 (21,00-32,00)	15,00	46,00	
Duas vezes (n=69/6,7%)	27,86±7,07	28,00 (22,00-33,00)	15,00	45,00	
Três ou mais vezes (n=13/1,3%)	29,85±5,05	29,00 (27,50-33,50)	22,00	39,00	
Habitação					
Habitação própria (n=517/50,4%)	25,51±7,11	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00	0,464 ^b
Renda (n=283/27,6%)	25,76±6,62	26,00 (21,00-30,00)	15,00	47,00	
Familiares/amigos (n=211/20,6%)	26,29±7,09	25,00 (21,00-31,00)	15,00	46,00	
Social (n=15/1,5%)	26,80±7,25	27,00 (20,00-34,00)	15,00	40,00	
Residência					
Urbano (n=816/79,5%)	27,09±7,34	27,00 (21,00-32,00)	15,00	48,00	0,019 ^b
Semiurbano (n=169/16,5%)	25,50±6,88	25,00 (20,00-30,00)	15,00	45,00	
Rural (n=41/4,0%)	25,41±6,71	24,00 (21,00-28,50)	15,00	46,00	
Agregado familiar					
2-4 (n=767/74,8%)	25,62±6,98	25,00 (20,00-30,00)	15,00	47,00	0,194 ^a
5-9 (n=249/24,3%)	26,28±6,97	25,00 (21,00-32,00)	15,00	48,00	
Remuneração familiar mensal					
Abaixo salário mínimo (-635€) (n=42/4,1%)	25,10±7,72	24,00 (19,00-28,25)	15,00	47,00	0,368 ^b
Salário mínimo (635€) (n=121/11,8%)	26,18±7,05	26,00 (20,00-31,00)	15,00	46,00	
Acima salário mínimo, mas inferior a 1 000€ (n=217/21,2%)	25,28±6,99	25,00 (19,00-30,00)	15,00	45,00	
Entre 1 001 € - 2 000€ (n=375/36,5%)	26,06±6,82	26,00 (21,00-31,00)	15,00	46,00	
Entre 2 001 € - 3 000€ (n=182/17,7%)	25,21±7,00	24,50 (20,00-29,25)	15,00	45,00	
Mais de 3 001€ (n=89/8,7%)	26,49±7,05	26,00 (20,50-31,00)	15,00	48,00	
Consumo de tabaco					
Sim (n=126/12,3%)	27,18±7,40	26,00 (21,00-32,00)	15,00	45,00	0,033 ^a
Não (n=900/87,7%)	25,56±6,89	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00	
Consumo de álcool					
Sim (n=265/25,8%)	26,55±7,28	26,00 (21,00-31,00)	15,00	47,00	0,040 ^a
Não (n=761/74,2%)	25,48±6,85	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00	

Consumo de drogas					<0,001 ^a
Sim (n=63/6,1%)	29,37±8,17	28,00 (23,00-37,00)	15,00	45,00	
Não (n=963/93,9%)	25,52±6,83	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00	
Vítima de violência no namoro					0,048 ^a
Sim (n=64/6,2%)	24,38±7,11	22,00 (19,00-28,75)	15,00	45,00	
Não (n=962/93,8%)	25,85±6,96	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00	
Agressor de violência no namoro					0,046 ^a
Sim (n=11/1,1%)	27,36±9,23	28,00 (19,00-35,00)	15,00	45,00	
Não (n=1 015/98,9%)	25,74±6,95	25,00 (20,00-30,00)	15,00	48,00	

DP, Desvio Padrão, P25-P75, Percentil 25 - Percentil 75; Min, Mínimo; Máx, Máximo; ^aTeste de U Mann-Withney; ^bTeste de Kruskall Wallis; P, p-value;

3.3.1.1. Análise e discussão dos resultados

Na análise geral da relação das pontuações dos níveis de legitimação sobre as atitudes acerca da VPM com as características sociodemográficas dos jovens, observamos diferenças nas avaliações entre todos os indicadores de cada variável, com pontuações médias que alternaram entre os 23,03 e os 29,85, com mínimos de 15 e máximos de 48.

Em termos gerais, nesta relação VPM com as variáveis sociodemográficas dos jovens, verificamos que uma maior legitimação é observada no sexo masculino (M=28,11), nos mais jovens (14-17 anos) (M=26,42), que frequentam o ano de escolaridade mais baixo (10º Ano) (M=26,52), que detêm mais retenções escolares (três ou mais) (M=29,85), que residem em habitação social (M=26,80) e zona urbana (M=27,09), de famílias com maior agregado familiar (5 a 9 pessoas) (M=26,28), de agregados com maior remuneração mensal (Mais de 3 001 €) (M=26,49), que consomem tabaco (M=27,18), álcool (M=26,55), e drogas (M=29,37), que não são ou foram vítimas de violência no namoro (M=25,85), e, que são ou foram agressores de violência no namoro (M=27,36).

Em relação às 13 variáveis correlacionadas com a VPM, podemos afirmar que apresentam diferenças estatisticamente significativas na maioria dos casos ($p < 0,05$), nomeadamente em nove variáveis, especificamente no sexo, ano de escolaridade, número de retenções, zona residencial, todos os consumos (tabaco, álcool e drogas), e as posições de vítima e/ou agressor de violência no namoro. As restantes quatro, correspondentes à idade, tipologia habitacional, agregado familiar, e remuneração mensal, apesar da existência de diferenças entre todas as médias dos seus indicadores, não apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Logo, podemos concluir que a **hipótese 1**, “Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da Violência Psicológica Masculina, segundo as diferentes características

sociodemográficas dos jovens”, se encontra parcialmente confirmada, uma vez que apesar de maioritariamente existem diferenças significativas, em alguns casos não se confirmam.

3.4. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no Namoro na subescala VFM

Neste ponto efetuamos a análise da relação das pontuações da avaliação do nível de legitimação dos jovens face às atitudes de legitimação acerca da Violência Física Masculina (VFM), com as suas características sociodemográficas (Tabela 4).

3.4.1. Apresentação dos resultados

A subescala VFM compreende 12 itens³⁴, e os níveis gerais de legitimação assumiram valores mínimos de 12 e máximo de 47. Encontramos nesta relação 13 variáveis sociodemográficas.

Em relação ao sexo destes jovens, apuramos que o sexo masculino apresenta um nível de legitimação sobre as atitudes acerca da VFM superior em relação ao sexo feminino (M=19,39; M=16,88).

Relativamente à idade, os jovens do grupo etário entre os 14 e os 17 exibem um nível de legitimação VFM relativamente superior em comparação com o grupo mais velho entre os 18 e os 20 (M=18,31; M=17,84).

Quanto ao ano escolar em que estes jovens se encontram a frequentar, confirmamos que o nível de legitimação VFM apresenta-se de forma decrescente, conforme o ano escolar aumenta. Logo, as pontuações médias mais elevadas encontram-se presentes nos jovens do 10º ano (M=19,13), decrescendo para o 11º ano (M=18,15), e para o 12º ano (M=17,16).

Analisando a variável que distingue a existência ou não de retenções escolares, observamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VFM surge no grupo que possui

³⁴ VFM - 1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater; 2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados; 3. Não é correto um rapaz bater na namorada; 4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada; 5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada; 6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita; 7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada; 8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada; 9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas; 10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada; 11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça; 12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer.

igualmente maior número de retenções escolares ($M=18,93$), apresentando pontuações menores no grupo que não indicou retenções ($M=17,85$).

Relativamente à tipologia habitacional, ainda que os níveis de legitimação de VFM sejam próximas, os mais elevados valores encontram-se nos casos em que residem em habitação social ($M=18,87$), e, menores valores de legitimação em jovens que residem em habitação própria ($M=18,04$).

No que diz respeito à zona de residência, compreendemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VFM residem em zona urbana ($M=20,73$), e com uma pequena diferença, jovens que residem em zona semiurbana e rural ($M=19,15$; $M=17,92$).

Em relação ao agregado familiar, destacamos maiores níveis de legitimação VFM no agregado composto entre 5 a 9 pessoas ($M=18,65$), em comparação com os agregados de 2 a 4 pessoas ($M=18,12$).

No que concerne à remuneração familiar, verificamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VFM resultam de famílias que usufruem do salário mínimo ($M=19,49$), surgindo os valores mais baixos nos casos de famílias que usufruem de remunerações mais elevadas, neste caso, com valores entre os 2 001 € e 3 000 ($M=17,47$).

Relativamente ao consumo do tabaco, os maiores níveis de legitimação VFM encontram-se nos jovens que são fumadores ($M=18,34$), em comparação com os que não são fumadores ($M=17,43$).

No consumo de álcool, os resultados indicam que os jovens consumidores apresentam maiores níveis de legitimação VFM ($M=18,31$), do que jovens não consumidores ($M=18,20$).

No contexto do consumo de drogas, um maior nível de legitimação VFM surge nos jovens consumidores de drogas ($M=18,68$), comparativamente com os jovens não consumidores ($M=18,20$).

Na variável que questionava a identificação de jovens que sejam ou tenham sido vítimas de violência no namoro, os níveis de legitimação VFM são mais elevados nos jovens que indicaram não ser vítimas ($M=18,32$), em comparação com os que indicaram ser vítimas ($M=16,94$).

Para a variável que analisou a possibilidade dos jovens serem ou terem sido agressores de violência no namoro, os níveis de legitimação VFM superior encontra-se nos jovens agressores ($M=18,23$), em comparação com jovens não agressores ($M=18,18$).

Tabela 4 - Pontuações da subescala VFM de acordo os dados sociodemográficos dos jovens

Subescala Violência Física Masculina (VFM)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Sexo					<0,001 ^a
Masculino (n=552/53,8%)	19,39±6,72	18,00 (13,00-24,00)	12,00	47,00	
Feminino (n=474/46,2%)	16,88±5,20	15,00 (12,00-20,00)	12,00	36,00	
Idade (Grupos etários)					0,189 ^a
14-17 (n=859/83,7%)	18,31±6,17	17,00 (13,00-23,00)	12,00	47,00	
18-20 (n=167/16,3%)	17,84±6,30	16,00 (12,00-21,00)	12,00	37,00	
Ano de escolaridade a frequentar					<0,001 ^b
10º Ano (n=376/36,6%)	19,13±6,30	18,00 (13,00-24,00)	12,00	42,00	
11º Ano (n=362/35,3%)	18,15±6,08	17,00 (12,00-22,00)	12,00	40,00	
12º Ano (n=288/28,1%)	17,16±6,03	15,00 (12,00-20,00)	12,00	47,00	
Reprovações					0,333 ^b
Nenhuma (n=718/70%)	17,85±6,19	18,00 (12,00-22,00)	12,00	37,00	
Uma vez (n=226/22%)	18,86±6,67	17,00 (13,00-24,00)	12,00	42,00	
Duas vezes (n=69/6,7%)	17,97±6,03	16,00 (13,00-22,00)	12,00	29,00	
Três ou mais vezes (n=13/1,3%)	18,93±6,19	18,00 (14,00-24,00)	12,00	47,00	
Habitação					0,798 ^b
Habitação própria (n=517/50,4%)	18,04±5,95	16,00 (13,00-23,00)	12,00	47,00	
Renda (n=283/27,6%)	18,23±6,21	17,00 (13,00-22,00)	12,00	43,00	
Familiares/amigos (n=211/20,6%)	18,45±6,59	17,00 (12,00-22,00)	12,00	39,00	
Social (n=15/1,5%)	18,87±4,36	20,00 (15,00-23,00)	12,00	24,00	
Residência					0,002 ^b
Urbano (n=816/79,5%)	20,73±6,07	20,00 (15,00-24,50)	12,00	47,00	
Semiurbano (n=169/16,5%)	19,15±6,44	17,00 (14,00-23,00)	12,00	42,00	
Rural (n=41/4%)	17,92±6,85	16,00 (12,00-22,00)	12,00	36,00	
Agregado familiar					0,199 ^a
2-4 (n=767/74,8%)	18,12±6,13	16,00 (12,00-22,00)	12,00	47,00	
5-9 (n=249/24,3%)	18,65±6,42	17,00 (13,00-24,00)	12,00	43,00	
Remuneração familiar mensal					0,047 ^b
Abaixo do salário mínimo (-635€) (n=42/4,1%)	17,95±6,02	16,00 (12,75-21,00)	12,00	36,00	
Salário mínimo (635€) (n=121/11,8%)	19,49±6,29	19,00 (13,50-24,00)	12,00	37,00	
Acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000€ (n=217/21,2%)	17,65±5,61	16,00 (12,00-22,00)	12,00	37,00	
Entre 1 001€ - 2 000€ (n=375/36,5%)	18,42±6,36	17,00 (13,00-23,00)	12,00	47,00	
Entre 2 001€ - 3 000€ (n=182/17,7%)	17,47±6,04	15,00 (12,00-21,00)	12,00	43,00	
Mais de 3 001€ (n=89/8,7%)	18,84±6,82	17,00 (12,00-24,00)	12,00	40,00	
Consumo de tabaco					0,205 ^a
Sim (n=126/12,3%)	18,34±6,27	17,00 (13,00-23,00)	12,00	36,00	
Não (n=900/87,7%)	17,43±5,59	16,00 (12,75-20,00)	12,00	47,00	
Consumo de álcool					0,811 ^a
Sim (n=265/25,8%)	18,31±6,26	18,00 (13,00-21,00)	12,00	47,00	
Não (n=761/74,2%)	18,20±6,17	16,00 (13,00-23,00)	12,00	42,00	
Consumo de drogas					0,447 ^a
Sim (n=63/6,1%)	18,68±6,16	17,00 (13,00-23,00)	12,00	36,00	
Não (n=963/93,9%)	18,20±6,20	17,00 (13,00-22,00)	12,00	47,00	
Vítima de violência no namoro					0,046 ^a
Sim (n=64/6,2%)	16,94±5,51	15,00 (12,00-21,75)	12,00	32,00	
Não (n=962/93,8%)	18,32±6,23	17,00 (13,00-23,00)	12,00	47,00	

Subescala Violência Física Masculina (VFM)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Agressor de violência no namoro					0,951 ^a
Sim (n=11/1,1%)	18,23±6,20	17,00 (13,00-22,00)	12,00	27,00	
Não (n=1 015/98,9%)	18,18±5,88	19,00 (12,00-24,00)	12,00	47,00	

DP, Desvio Padrão, P25-P75, Percentil 25 - Percentil 75; Máx, Máximo; ^aTeste de U Mann-Withney; ^bTeste de Kruskall Wallis; P, p-value;

3.4.1.1. Análise e discussão dos resultados

Na análise geral da relação das pontuações dos níveis de legitimação sobre as atitudes acerca da VFM com as características sociodemográficas dos jovens, analisamos diferenças nas avaliações entre todos os indicadores de cada variável, com pontuações médias que alternaram entre os 16,88 e os 20,73, com mínimos de 12 e máximos de 47.

Em termos gerais, nesta relação VFM com as variáveis sociodemográficas dos jovens, verificamos que uma maior legitimação é observada no sexo masculino (M=19,39), nos mais jovens (14-17 anos) (M=18,31), que frequentam o ano de escolaridade mais baixo (10º Ano) (M=19,13), possuem maior número de retenções escolares (M=18,93), que residem em habitação social (M=18,87) e em zona urbana (M=20,73), de famílias com maior agregado familiar (5-9 pessoas) (M=18,65), de agregados com o salário mínimo de remuneração mensal (M=19,49), que consomem tabaco (M=18,34), álcool (M=18,31) e drogas (M=18,68), que não são ou foram vítimas de violência no namoro (M=18,32), e que são ou foram agressores de violência no namoro M=18,23).

Em relação às 13 variáveis correlacionadas com o VFM, podemos afirmar que apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p < 0,05$), em cinco variáveis, especificamente, no sexo, ano de escolaridade, zona residencial, remuneração familiar mensal, e vítima de violência no namoro. As restantes oito, correspondentes à idade, retenções escolares, tipologia habitacional, agregado familiar, todos os consumos (tabaco, álcool e drogas), e a identificação de ser agressor de violência no namoro, apesar da existência de diferenças entre todas as médias dos seus indicadores, não apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Logo, podemos concluir que a **hipótese 2**, “Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da Violência Física Masculina, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens”, se encontra parcialmente confirmada, uma vez que apesar de maioritariamente existem diferenças significativas, em alguns casos não se confirmam.

3.5. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no Namoro na subescala VSM

Vamos neste ponto efetuar a análise da relação das pontuações da avaliação do nível de legitimação dos jovens face às atitudes de legitimação acerca da Violência Sexual Masculina (VSM), com as suas características sociodemográficas (Tabela 5).

3.5.1. Apresentação dos resultados

A presente subescala, VSM, compreende 12 itens³⁵, e os níveis gerais de legitimação assumiram valores mínimos de 12 e máximo de 44. Vamos igualmente encontrar nesta relação 13 variáveis sociodemográficas.

Relativamente ao sexo destes jovens, verificámos que o sexo masculino apresenta um nível de legitimação sobre as atitudes acerca da VSM mais elevado do que em o sexo feminino (M=19,81; M=15,93).

Em relação à idade, os jovens do grupo etário entre os 14 e os 17 exibem um nível de legitimação VSM mais elevado, comparativamente com o grupo mais velho, entre os 18 e os 20 anos (M=18,39; M=17,95).

No que diz respeito ao ano escolar em que estes jovens se encontram inseridos, compreendemos que o nível de legitimação VSM apresenta-se de forma decrescente, consoante o ano escolar aumenta. Assim, as pontuações médias mais elevadas encontram-se presentes nos jovens do 10º ano (M=18,56), decrescendo para o 11º ano (M=18,08), e para o 12º ano (M=17,22).

Quanto à variável que correlaciona a existência ou não de retenções escolares, verificamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VSM surgem no grupo que

³⁵ VSM - 1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele; 2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas; 3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais; 4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas; 5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira; 6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo; 7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem; 8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado; 9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele; 10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais; 11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado; 12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais.

contém mais retenções, nomeadamente, três ou mais retenções ($M=20,92$), vindo a decrescer esta legitimação consoante o número de retenções igualmente desce, surgindo os valores mais baixos nos casos em que não existem retenções ($M=17,55$).

No que concerne à tipologia habitacional, ainda que os níveis de legitimação de VSM sejam próximos, destacamos a habitação social ($M=18,40$), vindo a decrescer esta legitimação a jovens que residem em regime de renda ($M=17,90$).

Em relação à zona de residência, percebemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VSM residem em zona urbana ($M=19,24$), e com uma pequena diferença, jovens que residem em zona semiurbana e rural ($M=18,92$; $M=17,77$).

Relativamente ao agregado familiar, encontramos maiores níveis de legitimação VSM no agregado constituído entre 5 a 9 pessoas ($M=18,23$), em comparação com os agregados de 2 a 4 pessoas ($M=17,98$).

Analisando a remuneração familiar, constatamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VSM encontram-se em famílias que auferem entre 1 001 € e 2 000 € ($M=18,29$), surgindo os valores mais baixos nos casos em que essa remuneração se encontra acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000 € ($M=17,45$).

Relativamente ao consumo do tabaco, os níveis de legitimação VSM superiores surgem em jovens fumadores ($M=19,04$), em comparação com os não fumadores ($M=17,87$).

No âmbito do consumo de álcool, os maiores níveis de legitimação VSM ocorrem nos casos em que os jovens consomem ($M=18,88$), comparativamente aos jovens não consumidores ($M=17,72$).

No que respeita ao consumo de drogas, os níveis de legitimação VSM surgem com pontuações mais elevadas em jovens consumidores ($M=20,79$), comparativamente aos jovens não consumidores ($M=17,84$).

Para a variável que diferencia jovens que sejam ou tenham sido vítimas de violência no namoro, os níveis de legitimação VSM superiores encontram-se nos casos de jovens que não sejam vítimas ($M=18,14$), em comparação com os jovens vítimas ($M=16,16$).

Na variável que identifica jovens que são ou tenham sido agressores de violência no namoro, os níveis de legitimação VSM mais elevados encontram-se em jovens agressores ($M=18,82$), em comparação com jovens não agressores ($M=18,01$).

Tabela 5 - Pontuações da subescala VSM de acordo os dados sociodemográficos dos jovens

Subescala Violência Sexual Masculina (VSM)						
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P	
Sexo						
Masculino (n= 552/53,8%)	19,81±6,08	19,00 (15,00-24,00)	12,00	44,00	<0,001 ^a	
Feminino (n= 474/46,2%)	15,93±4,13	15,00 (12,75-18,00)	12,00	35,00		
Idade (Grupos etários)						
14-17 (n=859/83,7%)	18,39±5,89	17,00 (14,00-21,00)	12,00	44,00	0,384 ^a	
18-20 (n=167/16,3%)	17,95±5,56	16,00 (14,00-21,00)	12,00	38,00		
Ano de escolaridade a frequentar						
10º Ano (n=376/36,6%)	18,56±5,86	17,00 (14,00-22,00)	12,00	44,00	0,019 ^b	
11º Ano (n=362/35,3%)	18,08±5,69	17,00 (13,00-22,00)	12,00	42,00		
12º Ano (n=288/28,1%)	17,22±5,10	16,00 (14,00-20,00)	12,00	38,00		
Reprovações						
Nenhuma (n=718/70,0%)	17,55±5,30	16,00 (13,00-20,00)	12,00	42,00	<0,001 ^b	
Uma vez (n=226/22,0%)	19,06±6,45	17,00 (14,00-23,00)	12,00	44,00		
Duas vezes (n=69/6,7%)	18,96±5,46	17,00 (14,00-23,00)	12,00	33,00		
Três ou mais vezes (n=13/1,3%)	20,92±3,93	22,00 (17,50-24,50)	14,00	27,00		
Habitação						
Habitação própria (n=517/50,4%)	17,94±5,59	16,00 (13,50-21,00)	12,00	44,00	0,761 ^b	
Renda (n=283/27,6%)	17,90±5,56	16,00 (14,00-21,00)	12,00	42,00		
Familiares/amigos (n=211/20,6%)	18,35±5,82	17,00 (14,00-22,00)	12,00	36,00		
Social (n=15/1,5%)	18,40±4,67	18,00 (14,00-23,00)	12,00	26,00		
Residência						
Urbano (n=816/79,5%)	19,24±6,59	17,00 (15,50-21,00)	12,00	44,00	0,045 ^b	
Semiurbano (n=169/16,5%)	18,92±6,21	18,00 (14,00-23,00)	12,00	42,00		
Rural (n=41/4,0%)	17,77±5,41	16,00 (14,00-21,00)	13,00	39,00		
Agregado familiar						
2-4 (n=767/74,8%)	17,98±5,65	16,00 (14,00-21,00)	12,00	44,00	0,402 ^a	
5-9 (n=249/24,3%)	18,23±5,58	17,00 (14,00-22,00)	12,00	36,00		
Remuneração familiar mensal						
Abaixo do salário mínimo (-635€) (n=42/4,1%)	17,74±6,67	16,00 (12,75-19,00)	12,00	41,00	0,364 ^b	
Salário mínimo (635€) (n=121/11,8%)	18,16±5,37	17,00 (14,00-21,00)	12,00	36,00		
Acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000€ (n=217/21,2%)	17,45±5,37	16,00 (13,00-20,50)	12,00	38,00		
Entre 1 001€ - 2 000€ (n=375/36,5%)	18,29±5,52	17,00 (14,00-22,00)	12,00	42,00		
Entre 2 001€ - 3 000€ (n=182/17,7%)	18,24±6,14	16,00 (14,00-22,00)	12,00	44,00		
Mais de 3 001€ (n=89/8,7%)	17,73±5,28	17,00 (13,50-20,00)	12,00	36,00		
Consumo de tabaco						
Sim (n=126/12,3%)	19,04±6,36	17,00 (14,00-22,00)	12,00	44,00		0,047 ^a
Não (n=900/87,7%)	17,87±5,49	16,00 (14,00-21,00)	12,00	42,00		
Consumo de álcool						
Sim (n=265/25,8%)	18,88±5,67	17,00 (14,50-22,00)	12,00	38,00	<0,001 ^a	
Não (n=761/74,2%)	17,72±5,57	16,00 (13,00-21,00)	12,00	44,00		
Consumo de drogas						
Sim (n=63/6,1%)	20,79±7,66	19,00 (15,00-26,00)	12,00	44,00	0,002 ^a	
Não (n=963/93,8%)	17,84±5,41	16,00 (14,00-21,00)	12,00	41,00		
Vítima de violência no namoro						
Sim (n=64/6,2%)	16,16±4,32	15,50 (12,00-18,00)	12,00	32,00	0,006 ^a	
Não (n=962/93,8%)	18,14±5,67	16,00 (14,00-21,00)	12,00	44,00		

Subescala Violência Sexual Masculina (VSM)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Agressor de violência no namoro					0,476 ^a
Sim (n=11/1,1%)	18,82±5,19	18,00 (14,00-22,00)	12,00	28,00	
Não (n=1 015/98,9%)	18,01±5,62	16,00 (14,00-21,00)	12,00	44,00	

DP, Desvio Padrão, P25-P75, Percentil 25 - Percentil 75; Máx, Máximo; ^aTeste de U Mann-Withney; ^bTeste de Kruskall Wallis; P, p-value;

3.5.1.1. Análise e discussão dos resultados

Na análise geral da relação das pontuações dos níveis de legitimação sobre as atitudes acerca da VSM com as características sociodemográficas dos jovens, verificamos diferenças nas avaliações entre todos os indicadores de cada variável, com pontuações médias que alternaram entre os 15,93 e os 20,92, com mínimos de 12 e máximos de 44.

Em termos gerais, nesta relação VSM com as variáveis sociodemográficas dos jovens, observamos que uma maior legitimação é observada nos jovens do sexo masculino (M=19,81), mais novos (14-17 anos) (M=18,39), que frequentam o ano de escolaridade mais baixo (10º Ano) (M=18,56), que possuem mais retenções escolares (Três ou mais) (M=20,92), que residem em habitação social (M=18,40) e em zona urbana (M=19,24), de famílias com maior agregado familiar (5-9 pessoas) (M=18,23) e usufruem de remuneração mensal entre 1 001 € e 2 000 € (M=18,29), que consomem tabaco (M=19,04), álcool (M=18,88), e drogas (M=20,79), que não são ou foram vítimas de violência no namoro (M=18,14), e, que são ou foram agressores de violência no namoro (M=18,82).

Em relação às 13 variáveis correlacionadas, podemos afirmar que apresentam diferenças estatisticamente significativas na maioria dos casos ($p < 0,05$), nomeadamente em oito variáveis, especificamente no sexo, ano de escolaridade, número de retenções, zona residencial, todos os consumos (tabaco, álcool e drogas), e vítima de violência no namoro. As restantes cinco variáveis, correspondentes à idade, tipologia habitacional, agregado familiar, remuneração familiar mensal, e agressor de violência no namoro, apesar da existência de diferenças entre todas as médias dos seus indicadores, não apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Assim, podemos concluir que a hipótese 3, “Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da Violência Sexual Masculina, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens”, se encontra parcialmente confirmada, uma vez que apesar de maioritariamente existem diferenças significativas, em alguns casos não se confirmam.

3.6. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no Namoro na subescala VPF

Na seguinte exposição, vamos efetuar a análise da relação das pontuações da avaliação do nível de legitimação dos jovens face às atitudes de legitimação acerca da Violência Psicológica Feminina (VPF), com as suas características sociodemográficas (Tabela 6).

3.6.1. Apresentação dos resultados

A presente subescala VPF, compreende 13 itens³⁶, e os níveis gerais de legitimação assumiram valores mínimos de 13 e máximo de 45. Encontramos nesta relação 13 variáveis sociodemográficas.

Em relação ao sexo destes jovens, observamos que o sexo masculino apresenta um nível de legitimação consideravelmente superior sobre as atitudes acerca da VPF, em comparação com o sexo feminino (M=25,47; M=21,81).

Relativamente à idade, os jovens do grupo etário entre os 18 e os 20 anos exibem um nível de legitimação VPF superior em comparação com o grupo mais jovem, entre os 14 e os 17 anos (M=23,84; M=23,44).

Analisando o ano escolar em que estes jovens se encontram inseridos, percebemos que o nível de legitimação VPF surge de forma decrescente conforme o ano escolar aumenta. Assim, as pontuações médias mais elevadas encontram-se presentes nos jovens do 10º ano (M=24,56), decrescendo para o 11º ano (M=23,80), e para o 12º ano (M=22,74).

Na variável que definiu a existência ou não de retenções escolares, percebemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VPF surge no grupo que apresenta maior número de retenções (M=24,88), com os valores inferiores a surgirem no grupo que não apresenta retenções (M=23,53).

³⁶ VPF - 1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado; 2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado; 3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir; 4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer; 5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério; 6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer; 7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer; 8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados; 9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos; 10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado; 11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa; 12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem; 13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste.

No que diz respeito à tipologia habitacional, denotamos que os níveis de legitimação de VPF superiores encontram-se nos jovens que residem em habitação social ($M=24,33$), surgindo pontuações inferiores nos que residem em habitação própria ($M=23,47$).

Relativamente à zona de residência, compreendemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VPF residem em zona semiurbana ($M=24,65$), e com uma ínfima diferença, valores inferiores encontram-se presentes nos jovens que residem em zonas rurais e urbanas ($M=24,22$; $M=23,57$).

Relativamente ao agregado familiar, observam-se maiores níveis de legitimação VPF no agregado constituído entre 5 a 9 pessoas ($M=24,20$), comparativamente com os jovens de agregados de 2 a 4 pessoas ($M=23,65$).

Compreendendo a questão da remuneração familiar, percebemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VPF se encontram inseridos em famílias que auferem o salário mínimo ($M=24,64$), surgindo os valores mais baixos nos casos em que apresentam um salário superior ao mínimo, mas inferior a 1 000 € ($M=22,97$).

Ao nível do consumo do tabaco, os níveis de legitimação VPF superiores surgem nos jovens não fumadores ($M=23,82$), em comparação com os fumadores ($M=23,51$).

Para o consumo de álcool, os maiores níveis de legitimação VPF encontram-se indicados pelos jovens que não consomem ($M=23,82$), comparando com os jovens consumidores de álcool ($M=23,65$).

Relativamente ao consumo de drogas, os níveis de legitimação VPF mais elevados são indicados pelos jovens consumidores ($M=24,54$), comparativamente com os jovens que não consomem ($M=23,66$).

No que concerne à variável que identifica a presença de jovens que são ou tenham sido vítimas de namoro, observamos níveis de legitimação VPF superior em jovens que não são vítimas ($M=23,91$), comparando com os que são vítimas ($M=21,77$).

Na posição em que se caracterizou a figura do jovem que é ou tenha sido agressor de violência no namoro, verificamos que os níveis de legitimação VPF mais elevados são indicados pelos jovens que são agressores ($M=23,78$), em comparação com jovens que não são agressores ($M=23,27$).

Tabela 6 - Pontuações da subescala VPF de acordo os dados sociodemográficos dos jovens

Subescala Violência Psicológica Feminina (VPF)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Sexo					
Masculino (n= 552/53,8%)	25,47±6,51	25,00 (20,00-30,00)	13,00	45,00	<0,001 ^a
Feminino (n= 474/46,2%)	21,81±5,22	20,00 (17,00-25,00)	13,00	43,00	
Idade (Grupos etários)					
14-17 (n=859/83,7%)	23,44±6,18	23,00 (18,00-28,00)	13,00	44,00	0,433 ^a
18-20 (n=167/16,3%)	23,84±6,22	23,00 (19,00-28,00)	13,00	45,00	
Ano de escolaridade a frequentar					
10º Ano (n=376/36,6%)	24,56±6,39	23,50 (19,00-29,00)	13,00	43,00	0,003 ^b
11º Ano (n=362/35,3%)	23,80±6,51	23,00 (18,00-28,25)	13,00	45,00	
12º Ano (n=288/28,1%)	22,74±5,43	22,00 (18,00-26,00)	13,00	39,00	
Reprovações					
Nenhuma (n=718/70,0%)	23,53±5,99	23,00 (19,00-28,00)	13,00	44,00	0,297 ^b
Uma vez (n=226/22,0%)	24,19±6,78	23,00 (18,75-29,00)	13,00	43,00	
Duas vezes (n=69/6,7%)	24,31±5,31	24,00 (19,50-29,50)	13,00	45,00	
Três ou mais vezes (n=13/1,3%)	24,88±6,68	25,00 (19,50-29,00)	17,00	33,00	
Habitação					
Habitação própria (n=517/50,4%)	23,47±6,14	23,00 (18,00-28,00)	13,00	44,00	0,037 ^b
Renda (n=283/27,6%)	23,92±6,07	23,00 (19,00-28,00)	13,00	44,00	
Familiares/amigos (n=211/20,6%)	24,07±6,71	23,00 (18,00-28,00)	13,00	45,00	
Social (n=15/1,5%)	24,33±6,56	23,00 (19,00-29,00)	17,00	37,00	
Residência					
Urbano (n=816/79,5%)	23,57±6,16	23,00 (18,00-28,00)	13,00	44,00	0,109 ^b
Semiurbano (n=169/16,5%)	24,65±6,50	24,00 (19,00-30,00)	13,00	45,00	
Rural (n=417/4,0%)	24,22±6,00	24,00 (19,50-27,50)	13,00	39,00	
Agregado familiar					
2-4 (n=767/74,8%)	23,65±6,10	23,00 (19,00-28,00)	13,00	44,00	0,030 ^a
5-9 (n=249/24,3%)	24,20±6,52	23,00 (19,00-29,00)	13,00	45,00	
Remuneração familiar mensal					
Abaixo do salário mínimo (-635€) (n=42/4,1%)	24,36±6,78	22,00 (19,75-28,50)	13,00	41,00	0,045 ^b
Salário mínimo (635€) (n=121/11,8%)	24,64±7,00	24,00 (18,00-30,00)	13,00	45,00	
Acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000€ (n=217/21,2%)	22,97±5,74	23,00 (18,00-27,00)	13,00	39,00	
Entre 1 001€ - 2 000€ (n=375/36,5%)	24,00±6,26	23,00 (19,00-29,00)	13,00	44,00	
Entre 2 001€ - 3 000€ (n=182/17,7%)	23,30±6,02	22,00 (18,00-27,00)	13,00	41,00	
Mais de 3 001€ (n=89/8,7%)	24,34±6,01	24,00 (20,00-28,00)	13,00	41,00	
Consumo de tabaco					
Sim (n=126/12,3%)	23,51±6,15	23,00 (19,00-27,25)	13,00	45,00	0,629 ^a
Não (n=900/87,7%)	23,82±6,23	23,00 (19,00-28,00)	13,00	44,00	
Consumo de álcool					
Sim (n=265/25,8%)	23,65±6,16	23,00 (19,00-27,00)	13,00	45,00	0,786 ^a
Não (n=761/74,2%)	23,82±6,24	23,00 (18,00-28,00)	13,00	44,00	
Consumo de drogas					
Sim (n=63/6,1%)	25,54±7,52	25,00 (20,00-31,00)	13,00	45,00	0,047 ^a
Não (n=963/93,9%)	23,66±6,11	23,00 (19,00-28,00)	13,00	44,00	
Vítima de violência no namoro					
Sim (n=64/6,2%)	21,77±5,15	20,50 (17,00-24,75)	14,00	34,00	0,006 ^a
Não (n=962/93,8%)	23,91±6,26	23,00 (19,00-28,00)	13,00	45,00	

Subescala Violência Psicológica Feminina (VPF)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Agressor de violência no namoro					0,701 ^a
Sim (n=11/1,1%)	23,78±6,21	21,00 (19,00-28,00)	17,00	34,00	
Não (n=1 015/98,9%)	23,27±6,62	23,00 (17,00-32,00)	13,00	45,00	

DP, Desvio Padrão, P25-P75, Percentil 25 - Percentil 75; Máx, Máximo; ^aTeste de U Mann-Withney; ^bTeste de Kruskall Wallis; P, p-value;

3.6.1.1. Análise e discussão dos resultados

Num conceito geral de análise da relação das pontuações dos níveis de legitimação sobre as atitudes acerca da VPF com as características sociodemográficas dos jovens, observamos diferenças nas avaliações entre todos os indicadores de cada variável, com pontuações médias que alternaram entre os 21,77 e os 25,54, com mínimos de 13 e máximos de 45.

Em termos gerais, nesta relação VPF com as variáveis sociodemográficas dos jovens, observamos uma maior legitimação no sexo masculino (M=25,47), nos mais velhos (18-20 anos) (M=23,84), que frequentam o ano de escolaridade mais baixo (10º Ano) (M=24,56), possuem maior número de retenções escolares (M=24,88), que residem em habitação social (M=24,33) e em zona residencial semiurbana (M=24,65), de famílias com maior agregado familiar (5-9 pessoas) (M=24,20) e que usufruem o salário mínimo de remuneração mensal (M=24,64), que não consomem tabaco (M=23,82) nem álcool (M=23,82), mas consomem drogas (M=25,54), que não são ou foram vítimas de violência no namoro (M=23,91), e que são ou foram agressores de violência no namoro (M=23,78).

Em relação às 13 variáveis correlacionadas, podemos afirmar que apresentam diferenças estatisticamente significativas na maioria dos casos ($p < 0,05$), nomeadamente em sete variáveis, especificamente no sexo, ano de escolaridade, tipologia habitacional, agregado familiar, remuneração familiar mensal, consumo de drogas, e vítima de violência no namoro. Relativamente às outras seis, que correspondem à idade, retenções, zona residencial, consumo de tabaco e álcool, e agressor de violência no namoro, apesar da existência de diferenças entre todas as médias dos seus indicadores, não apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Logo, podemos concluir que a **hipótese 4**, “Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da Violência Psicológica Feminina, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens”, se encontra parcialmente confirmada, uma vez que apesar de maioritariamente existem diferenças significativas, em alguns casos não se confirmam.

3.7. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no Namoro na subescala VFF

Neste ponto efetuamos a análise da relação das pontuações da avaliação do nível de legitimação dos jovens face às atitudes de legitimação acerca da Violência Física Feminina (VFF), com as suas características sociodemográficas (Tabela 7).

3.7.1. Apresentação dos resultados

A subescala VFF compreende 12 itens³⁷, e os níveis gerais de legitimação assumiram valores mínimos de 12 e máximo de 52. Vamos encontrar, nesta relação, igualmente 13 variáveis sociodemográficas.

Em relação ao sexo destes jovens, percebemos que o sexo masculino apresenta um nível de legitimação superior sobre as atitudes acerca da VFF mais elevado do que o sexo feminino (M=22,95; M=18,10).

A variável idade demonstra que os jovens do grupo etário entre os 18 e os 20 anos apresentam um nível de legitimação VFF superior, em comparação com o grupo mais jovem, entre os 14 e os 17 anos (M=21,24; M=20,61).

Quanto ao ano escolar que estes jovens se encontram, compreendemos que o nível de legitimação VFF se apresenta de forma decrescente consoante o ano escolar aumenta. Logo, as pontuações médias mais elevadas encontram-se presentes nos jovens do 10º ano (M=21,58), decrescendo para o 11º ano (M=20,55), e para o 12º ano (M=19,77).

Analisando a variável que apresenta a existência ou não de retenções escolares, observamos que os jovens com níveis de legitimação VFF mais elevado surge no grupo que apresenta três ou mais retenções (M=24,08), vindo a decrescer esta legitimação para o grupo que nunca reteve nenhum ano (M=20,24).

³⁷ VFF - 1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer 2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado; 3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados; 4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada; 5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar; 6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece; 7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito; 8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada; 9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado; 10. Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado; 11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas; 12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear.

Relativamente à tipologia habitacional, os maiores níveis de legitimação de VFF encontram-se presentes nos que residem em habitação social (M=22,27), com os valores inferiores a surgirem nos jovens que residem em habitação própria (M=20,21).

Em relação à zona residencial onde habitam, compreendemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VFF residem em zona rural (M=22,51), e com uma pequena diferença, jovens que residem em zona semiurbana e urbana (M=21,47; M=20,46).

No que diz respeito ao agregado familiar, os maiores níveis de legitimação VFF ocorre em agregados compostos com 5 a 9 pessoas (M=21,22), em comparação com os agregados de 2 a 4 pessoas (M=20,51).

No que se refere à remuneração familiar mensal, percebemos que os jovens com maiores níveis de legitimação VFF se encontram inseridos em famílias que auferem o salário mínimo (M=22,28), surgindo os valores mais baixos em famílias que auferem entre os 2 001 € e os 3 000 € (M=19,94).

Relativamente ao consumo de tabaco, os níveis de legitimação VFF mais elevados ocorrem em jovens que não são consumidores (M=20,74), em comparação com os fumadores (M=20,47).

No consumo de álcool, os maiores níveis de legitimação VFF surgem nos jovens que não consomem (M=20,73), comparativamente aos que são consumidores (M=20,64).

No que respeita ao consumo de drogas, observam-se valores mais elevados de níveis de legitimação VFF em jovens consumidores (M=22,21), comparativamente aos jovens não consumidores (M=20,61).

Em relação à variável que indica a existência ou não de jovens que são ou foram vítimas de violência no namoro, observamos níveis de legitimação VFF mais elevados em jovens que não são vítimas (M=20,79), do que os que são vítimas (M=19,55).

Na variável que revela a existência do jovem ser ou ter sido agressor de violência no namoro, os níveis de legitimação VFF com maior pontuação encontram-se em jovens agressores (M=21,09), em comparação com jovens que não são agressores (M=20,71).

Tabela 7 - Pontuações da subescala VFF de acordo os dados sociodemográficos dos jovens

Subescala Violência Física Feminina (VFF)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Sexo					<0,001 ^a
Masculino (n= 552/53,8%)	22,95±7,99	22,00 (16,00-28,00)	12,00	52,00	
Feminino (n= 474/46,2%)	18,10±6,33	16,00 (12,00-22,00)	12,00	40,00	
Idade (Grupos etários)					0,371 ^a
14-17 (n=859/83,7%)	20,61±7,62	19,00 (14,00-26,00)	15,00	52,00	
18-20 (n=167/16,3%)	21,24±7,85	21,00 (14,00-27,00)	12,00	42,00	
Ano de escolaridade a frequentar					0,004 ^b
10º Ano (n=376/36,6%)	21,58±7,68	20,00 (15,00-27,00)	12,00	52,00	
11º Ano (n=362/35,3%)	20,55±7,72	18,50 (14,00-26,00)	12,00	42,00	
12º Ano (n=288/28,1%)	19,77±7,46	18,00 (13,00-25,00)	12,00	47,00	
Reprovações					0,016 ^b
Nenhuma (n=718/70,0%)	20,24±7,42	19,00 (14,00-25,00)	12,00	52,00	
Uma vez (n=226/22,0%)	21,45±8,19	20,00 (14,00-27,25)	12,00	45,00	
Duas vezes (n=69/6,7%)	22,55±7,97	22,00 (15,50-28,00)	12,00	42,00	
Três ou mais vezes (n=13/1,3%)	24,08±7,22	24,00 (19,00-29,00)	12,00	34,00	
Habitação					0,228 ^b
Habitação própria (n=517/50,4%)	20,21±7,40	18,00 (14,00-25,00)	12,00	47,00	
Renda (n=283/27,6%)	21,19±7,63	20,00 (14,00-27,00)	12,00	42,00	
Familiares/amigos (n=211/20,6%)	21,18±8,25	20,00 (13,00-27,00)	12,00	52,00	
Social (n=15/1,5%)	22,27±7,92	20,00 (15,00-30,00)	12,00	38,00	
Residência					0,048 ^b
Urbano (n=816/79,5%)	20,46±7,58	19,00 (14,00-26,00)	12,00	47,00	
Semiurbano (n=169/16,5%)	21,47±8,00	20,00 (14,50-27,00)	12,00	52,00	
Rural (n=41/4,0%)	22,51±7,60	23,00 (15,00-28,50)	12,00	39,00	
Agregado familiar					0,266 ^a
2-4 (n=767/74,8%)	20,51±7,49	19,00 (14,00-26,00)	12,00	47,00	
5-9 (n=249/24,3%)	21,22±8,05	19,00 (14,00-27,00)	12,00	52,00	
Remuneração familiar mensal					0,045 ^b
Abaixo do salário mínimo (-635€) (n=42/4,1%)	20,19±8,06	18,00 (12,00-28,00)	12,00	39,00	
Salário mínimo (635€) (n=121/11,8%)	22,28±8,45	21,00 (15,00-28,00)	12,00	52,00	
Acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000€ (n=217/21,2%)	20,33±7,08	19,00 (14,00-26,00)	12,00	42,00	
Entre 1 001€ - 2 000€ (n=375/36,5%)	20,80±7,60	20,00 (14,00-26,00)	12,00	47,00	
Entre 2 001€ - 3 000€ (n=182/17,7%)	19,94±7,65	18,00 (13,00-25,00)	12,00	43,00	
Mais de 3 001€ (n=89/8,7%)	20,96±7,87	19,00 (14,00-26,00)	12,00	43,00	
Consumo de tabaco					0,926 ^a
Sim (n=126/12,3%)	20,47±7,15	20,00 (14,00-25,00)	12,00	38,00	
Não (n=900/87,7%)	20,74±7,73	19,00 (14,00-26,00)	12,00	52,00	
Consumo de álcool					0,920 ^a
Sim (n=265/25,8%)	20,64±7,62	19,00 (14,00-25,00)	12,00	43,00	
Não (n=761/74,2%)	20,73±7,68	19,00 (14,00-26,00)	12,00	52,00	
Consumo de drogas					0,042 ^a
Sim (n=63/6,1%)	22,21±7,82	22,00 (15,00-27,00)	12,00	41,00	
Não (n=963/93,9%)	20,61±7,64	19,00 (14,00-26,00)	12,00	52,00	
Vítima de violência no namoro					0,048 ^a
Sim (n=64/6,2%)	19,55±7,46	17,50 (12,00-25,00)	12,00	40,00	
Não (n=962/93,8%)	20,79±7,67	19,00 (14,00-26,00)	12,00	52,00	

Subescala Violência Física Feminina (VFF)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Agressor de violência no namoro					0,942 ^a
Sim (n=11/1,1%)	21,09±8,31	20,00 (12,00-26,00)	12,00	34,00	
Não (n=1 015/98,9%)	20,71±7,66	19,00 (14,00-26,00)	12,00	52,00	

DP, Desvio Padrão, P25-P75, Percentil 25 - Percentil 75; Máx, Máximo; ^aTeste de U Mann-Withney; ^bTeste de Kruskall Wallis; P, p-value;

3.7.1.1. Análise e discussão dos resultados

Na análise geral da relação das pontuações dos níveis de legitimação sobre as atitudes acerca da VFF com as características sociodemográficas dos jovens, observamos diferenças nas avaliações entre todos os indicadores de cada variável, com pontuações médias que alternaram entre os 18,10 e os 25,47, com mínimos de 12 e máximos de 52.

Em termos gerais, nesta relação VFF com as variáveis sociodemográficas dos jovens, verificamos que uma maior legitimação é observada no sexo masculino (M=22,95), nos jovens mais velhos (18-20 anos) (M=21,24), que frequentam o ano de escolaridade mais baixo (10º Ano) (M=21,58), que possuem mais retenções escolares (Três ou mais) (M=24,08), que residem em habitação social (M=22,27) e em zona rural (M=22,51), de famílias com maior agregado familiar (5-9 pessoas) (M=21,22) e que usufruem do salário mínimo como remuneração mensal (635 €) (M=22,28), que não consomem tabaco (M=20,74) nem álcool (M=20,73), mas consomem drogas (M=22,21), que não são ou foram vítimas de violência no namoro (M=20,79), e, que são ou foram agressores de violência no namoro (M=21,09).

Relativamente às 13 variáveis correlacionadas, podemos comprovar que apresentam diferenças estatisticamente significativas numa maioria dos casos ($p < 0,05$), nomeadamente em sete variáveis, especificamente, no sexo, ano de escolaridade, retenções, zona residencial, remuneração familiar mensal, consumo de drogas, e a posição de ser ou não vítima de violência no namoro. No que respeita às restantes seis, correspondentes à idade, tipologia habitacional, agregado familiar, consumos associados ao tabaco e álcool, e a posição de ser ou não agressor de violência no namoro, ainda que não existam diferenças entre todas as médias dos seus indicadores, não apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Logo, podemos concluir que a **hipótese 5**, “Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da Violência Física Feminina, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens”, se encontra parcialmente confirmada, uma vez que apesar de maioritariamente existem diferenças significativas, em alguns casos não se confirmam.

3.8. Influência das características sociodemográficas dos jovens, nos níveis de legitimação face à Violência no Namoro na subescala VSF

Vamos neste ponto cumprir a análise da relação das pontuações de avaliação do nível de legitimação dos jovens face às atitudes de legitimação acerca da Violência Física Feminina (VSF), com as suas características sociodemográficas (Tabela 8).

3.8.1. Apresentação dos resultados

A presente subescala VSF compreende 12 itens³⁸, e os níveis gerais de legitimação assumiram valores mínimos de 12 e máximo de 45. Encontramos para estas correlações 13 variáveis sociodemográficas.

Relativamente ao sexo destes jovens, verificamos que o sexo masculino apresenta um nível de legitimação sobre as atitudes acerca da VSF consideravelmente mais elevado, em comparação com o sexo feminino (M=21,97; M=16,17).

Em relação à idade, os jovens do grupo etário entre os 18 e os 20 mostram um nível de legitimação VSF superior, em comparação com o grupo com idades entre os 14 e os 17 anos (M=20,47; M=19,06).

A respeito do ano escolar em que estes jovens se encontram inseridos, compreendemos que o nível de legitimação VSF surge de forma decrescente à medida que o ano escolar aumenta. Assim, as pontuações médias mais elevadas encontram-se presentes nos jovens do 10º ano (M=19,91), decrescendo para o 11º ano (M=19,28), e para o 12º ano (M=18,49).

Relativamente à variável que identifica a existência ou não de retenções escolares, verificamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VSF surge no grupo que apresenta mais retenções (M=28,08), vindo a decrescer esta legitimação consoante decresce igualmente

³⁸ VSF - 1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira; 2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais; 3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais; 4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer; 5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais; 6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la; 7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles; 8. Mesmo se um rapaz tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias; 9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais; 10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas; 11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada; 12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele.

o número de retenções, surgindo os valores mais baixos nos casos em que não existem retenções (M=18,69).

Em referência à tipologia habitacional, os níveis de legitimação de VSF são mais elevados em jovens residentes em habitação social (M=22,73), apresentando menor pontuação nos que residem em habitação própria (M=18,95).

No que respeita à zona de residência, observamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VSF residem em zona rural (M=20,83), e com uma estreita diferença, jovens que residem em zona semiurbana e urbana (M=19,95; M=19,07).

Quanto à variável do agregado familiar, os maiores níveis de legitimação VSF ocorrem em jovens de maiores agregados, composto entre 5 a 9 pessoas (M=19,34), surgindo os menores valores nos casos de agregados inferiores, 2 a 4 pessoas (M=19,29).

Analisando a remuneração familiar, constatamos que os jovens com maiores níveis de legitimação VSF provêm de famílias em que esta remuneração é mais elevada, mais de 3 001 € (M=19,65), apresentando os valores mais baixos nos casos de remuneração mensal inferior ao salário mínimo nacional (M=18,73).

Relativamente ao consumo do tabaco, os níveis de legitimação VSF surgem mais elevados em jovens fumadores (M=19,54), em comparação com os não fumadores (M=19,25).

No consumo de álcool, os maiores níveis de legitimação VSF ocorrem nos casos em que estes jovens consomem (M=20,35), em comparação com os que não são consumidores (M=18,92).

Na avariável do consumo de drogas, os mais elevados níveis de legitimação VSF reportam-se aos jovens consumidores (M=21,30), comparativamente com os jovens não consumidores (M=19,16).

Analisando a variável que identifica a posição dos jovens serem ou terem sido vítimas de violência no namoro, os níveis de legitimação VSF mais elevados encontram-se nos casos em que estes não são vítimas (M=19,46), comparativamente com os que são vítimas (M=16,66).

Reportando à variável que posiciona a existência de jovens que são ou terão sido agressores de violência no namoro, observamos que os níveis de legitimação VSF com maior pontuação são associados aos jovens a agressores, (M=20), em comparação com jovens que não são agressores (M=19,28).

Tabela 8 - Pontuações da subescala VSF de acordo os dados sociodemográficos dos jovens

Subescala Violência Sexual Feminina (VSF)						
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P	
Sexo						
Masculino (n= 552/53,8%)	21,97±6,87	22,00 (16,00-27,00)	12,00	45,00	<0,001 ^a	
Feminino (n= 474/46,2%)	16,17±4,86	14,00 (12,00-19,00)	12,00	36,00		
Idade (Grupos etários)						
14-17 (n=859%/83,7%)	19,06±6,48	18,00 (13,00-24,00)	12,00	42,00	0,049 ^a	
18-20 (n=167/16,3%)	20,47±7,54	18,00 (14,00-26,00)	12,00	45,00		
Ano de escolaridade a frequentar						
10º Ano (n=376/36,6%)	19,91±6,58	19,00 (14,00-25,00)	12,00	39,00	0,009 ^b	
11º Ano (n=362/35,3%)	19,28±6,87	18,00 (13,00-24,00)	12,00	42,00		
12º Ano (n=288/28,1%)	18,49±6,49	17,00 (12,00-23,00)	12,00	45,00		
Reprovações						
Nenhuma (n=718/70,0%)	18,69±6,41	17,00 (13,00-23,00)	12,00	45,00	<0,001 ^b	
Uma vez (n=226/22,0%)	20,27±6,88	19,50 (14,00-25,25)	12,00	39,00		
Duas vezes (n=69/6,7%)	20,67±6,95	20,00 (13,50-26,50)	12,00	36,00		
Três ou mais vezes (n=13/1,3%)	28,08±7,85	28,00 (23,50-34,00)	15,00	42,00		
Habitação						
Habitação própria (n=517/50,4%)	18,95±6,43	17,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00	0,042 ^a	
Renda (n=283/27,6%)	19,34±6,46	19,00 (13,00-24,00)	12,00	42,00		
Familiares/amigos (n=211/20,6%)	19,80±7,40	17,00 (13,00-26,00)	12,00	42,00		
Social (n=15/1,5%)	22,73±7,67	25,00 (15,00-29,00)	12,00	36,00		
Residência						
Urbano (n=816/79,5%)	19,07±6,42	18,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00	0,387 ^b	
Semiurbano (n=169/16,5%)	19,95±7,43	18,00 (13,00-25,00)	12,00	42,00		
Rural (n=41/4,0%)	20,83±8,10	19,00 (13,50-28,00)	12,00	38,00		
Agregado familiar						
2-4 (n=767/74,8%)	19,29±6,83	17,00 (13,00-24,00)	12,00	42,00	0,399 ^a	
5-9 (n=249/24,3%)	19,34±6,21	18,00 (14,00-24,00)	12,00	45,00		
Remuneração familiar mensal						
Abaixo do salário mínimo (-635€) (n=42/4,1%)	18,83±7,37	16,00 (12,00-22,75)	12,00	37,00	0,615 ^b	
Salário mínimo (635€) (n=121/11,8%)	19,63±6,76	18,00 (13,00-24,00)	12,00	36,00		
Acima do salário mínimo, mas inferior a 1 000€ (n=217/21,2%)	19,00±6,39	17,00 (13,00-24,00)	12,00	37,00		
Entre 1 001€ - 2 000€ (n=375/36,5%)	19,58±6,88	18,00 (13,00-24,00)	12,00	42,00		
Entre 2 001€ - 3 000€ (n=182/17,7%)	18,73±6,53	17,00 (13,00-24,00)	12,00	39,00		
Mais de 3 001€ (n=89/8,7%)	19,65±6,41	19,00 (14,00-23,50)	12,00	45,00		
Consumo de tabaco						
Sim (n=126/12,3%)	19,54±6,79	18,00 (13,00-25,00)	12,00	42,00		0,664 ^a
Não (n=900/87,7%)	19,25±6,67	18,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00		
Consumo de álcool						
Sim (n=265/25,8%)	20,35±7,17	19,00 (14,00-26,00)	12,00	42,00	0,009 ^a	
Não (n=761/74,2%)	18,92±6,46	17,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00		
Consumo de drogas						
Sim (n=63/6,1%)	21,30±7,78	21,00 (13,00-27,00)	12,00	42,00	0,046 ^a	
Não (n=963/93,9%)	19,16±6,58	18,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00		
Vítima de violência no namoro						
Sim (n=64/6,2%)	16,66±5,23	15,50 (12,00-19,00)	12,00	36,00	<0,001 ^a	
Não (n=962/93,8%)	19,46±6,73	18,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00		

Subescala Violência Sexual Feminina (VSF)					
Variáveis	Média±DP	Mediana (P25-P75)	Mín	Máx	P
Agressor de violência no namoro					0,884 ^a
Sim (n=11/1,1%)	20,00±7,77	19,00 (12,00-24,00)	12,00	36,00	
Não (n=1 015/98,9%)	19,28±6,67	18,00 (13,00-24,00)	12,00	45,00	

DP, Desvio Padrão, P25-P75, Percentil 25 - Percentil 75; Máx, Máximo; ^aTeste de U Mann-Withney; ^bTeste de Kruskall Wallis; P, p-value;

3.8.1.1. Análise e discussão dos resultados

Na análise geral da relação das pontuações dos níveis de legitimação sobre as atitudes acerca da VSF com as características sociodemográficas dos jovens, compreendemos diferenças nas avaliações entre todos os indicadores de cada variável, com pontuações médias que alternaram entre os 16,17 e os 28,08, com mínimos de 12 e máximos de 45.

Em termos gerais, nesta relação VSF com as variáveis sociodemográficas dos jovens, verificamos que uma maior legitimação é observada nos jovens do sexo masculino (M=21,97), mais velhos (18-20 anos) (M=20,47), que frequentam o ano de escolaridade mais baixo (10º Ano) (M=19,91), que possuem mais retenções escolares (três ou mais) (M=28,08), que residem em habitação social (M=22,73) e em meio rural (M=20,83), de famílias com maior agregado familiar (5-9 pessoas) (M=19,34) e com maiores remunerações mensais (Mais de 3 001 €) (M=19,65), que consomem tabaco (M=19,54), álcool (M=20,35), e drogas (M=21,30), que não são ou foram vítimas de violência no namoro (M=19,46), e, que são ou foram agressores de violência no namoro (M=20).

Em relação às 13 variáveis correlacionadas, podemos afirmar que apresentam diferenças estatisticamente significativas na grande maioria dos casos ($p < 0,05$), nomeadamente em oito variáveis, nomeadamente na variável sexo, idade, ano de escolaridade, retenções, tipologia habitacional, consumo de álcool e drogas, e a posição de ser ou não vítima de violência no namoro. As restantes cinco, correspondentes à área residencial, ao agregado familiar, à remuneração familiar mensal, consumo de tabaco, e a posição de ser ou não agressor de violência no namoro, apesar da existência de diferenças entre todas as médias dos seus indicadores, não apresentam diferenças estatisticamente significativas ($p > 0,05$).

Desta forma, podemos concluir que a **hipótese 6**, “Encontramos diferenças de atitudes face à legitimação da Violência Sexual Feminina, segundo as diferentes características sociodemográficas dos jovens”, se encontra parcialmente confirmada, uma vez que apesar de maioritariamente existem diferenças significativas, em alguns casos não se confirmam.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação procurou contribuir para o entendimento do fenómeno da violência no namoro dos adolescentes, pretendendo conhecer que contributo tem as características sociodemográficas dos jovens para a legitimação de comportamentos e/ou atitudes violentas no contexto da relação de namoro.

A elaboração deste estudo, pretendeu ainda contribuir para aquisição de novos conhecimentos referentes à importância e influência que os fatores de risco podem ter na construção de vida dos adolescentes, quer sejam eles individuais, ambientais, familiares e/ou contextuais/situacionais, abarcando também a relevância da prevenção da violência no namoro, compreendendo de modo particular as estratégias utilizadas neste domínio, ao nível formal ou informal.

Intervir na adolescência é determinante, pois é nesta etapa do ciclo vital que começam a surgir as primeiras relações amorosas, pelo que é o período mais adequado para quebrar crenças que legitimem determinados comportamentos de violência no namoro. É, nesse sentido, que a escola se assume como o espaço de socialização por excelência no que diz respeito à sinalização das várias formas de violência no namoro entre os adolescentes.

Numa visão geral deste problema, complexo e multifacetado, foi nossa intenção centrarmo-nos em investigar a análise sobre o fenómeno da violência no namoro em jovens adolescentes, estudando a perpetração da violência física, psicológica ou sexual nos jovens e de que forma as características sociodemográficas dos jovens podem ser potenciais influenciadoras, numa região onde nos deparamos com uma ausência de estudos sobre a problemática, nomeadamente o Concelho de Cascais. Desta forma, relembramos a pergunta de partida que foi o fio condutor dos objetivos deste estudo:

- De que forma as características dos jovens influenciam as suas atitudes de legitimação face à violência no namoro, a nível psicológico, físico, sexual?

Na procura de respondermos a esta pergunta de partida, construímos as hipóteses de investigação e os objetivos específicos, que se adequaram às diferentes especificidades comportadas pelo objetivo geral do nosso estudo.

Após a recolha dos questionários em quatro escolas do Concelho, procedeu-se à análise dos dados, triangulando a discussão com outros estudos, também a nível nacional, com destaque para os estudos anuais realizados pela UMAR e APAV sobre a problemática, e pela relevância que delatam à violência no namoro. As hipóteses da pesquisa foram parcialmente confirmadas, os objetivos foram atingidos e, de seguida, enumeram-se as conclusões.

Neste seguimento, o instrumento utilizado no nosso estudo, o questionário EAVN, cumpre a avaliação do nível de legitimação sobre as atitudes acerca da violência no namoro, compreendendo seis distintas dimensões, que se dividem em três subdimensões de atitudes face à violência masculina no namoro [Violência Psicológica Masculina (VPM; Violência Física Masculina (VFM); Violência Sexual Masculina (VSM)], e três subdimensões de atitudes face à violência feminina [Violência Psicológica Feminina (VPF); Violência Física Feminina (VFF); Violência Sexual Feminina (VSF)], envolvendo 76 itens (Anexo I). Com a recolha dos questionários, procedemos à análise dos dados e discussão dos resultados. As hipóteses da pesquisa foram parcialmente confirmadas, e os objetivos foram atingidos, possibilitando enumerar as principais conclusões de seguida.

Os resultados gerais da nossa amostra em relação às dimensões e subdimensões indicou níveis de maior legitimação associados à violência psicológica, com prevalência da masculina. Num patamar inferior, os níveis de legitimação encontram-se associados à violência física feminina, seguida da violência sexual feminina. Por fim, os níveis com menor legitimação encontram-se associados à violência física e sexual masculina, por esta ordem respetivamente.

Discriminando e correlacionando as subdimensões das violências e suas tipologias com as características da nossa amostra, os resultados indicam-nos, relativamente às violências masculinas, em todas as tipologias (psicológica, física e sexual), uma quase prevalência total e generalizada de características comuns entre os jovens que níveis de legitimação mais elevados apresentaram. Estas características mostram-nos jovens do sexo masculino, mais jovens (14-17 anos), que se encontram a frequentar o ano escolar mais baixo - 10º ano, que possuem mais retenções escolares (três ou mais), residem em habitação social e zonas urbanas, provenientes

de famílias com maior agregado familiar (5 a 9 pessoas), que consomem tabaco, álcool e drogas, que não são ou foram vítimas de violência no namoro, e que são ou foram agressores de violência no namoro. A única característica que não prevalece comum aos jovens que mais legitimam a violência masculina psicológica, física e sexual, respeita à questão económica, uma vez que encontramos jovens oriundos de famílias com maior e menor remuneração familiar mensal (desde o ordenado mínimo a valores iguais ou superiores a 3 001 €), inseridos no grupo que mais legitima esta dimensão de violência.

Numa perspetiva em que discriminamos e correlacionamos as subdimensões das violências e suas tipologias com as características da nossa amostra, mas relativamente às violências femininas, igualmente em todas as suas tipologias (psicológica, física e sexual), os resultados mostram-nos igualmente uma quase prevalência total e generalizada de características comuns entre os jovens que exibem níveis de legitimação mais elevados. Estas características descrevem-nos jovens do sexo masculino, mais velhos (18-20 anos), que se encontram a frequentar o ano escolar mais baixo - 10º ano, que possuem mais retenções escolares (três ou mais), residem em habitação social, provenientes de famílias com maior agregado familiar (5 a 9 pessoas), que consomem drogas, que não são ou foram vítimas de violência no namoro, e que são ou foram agressores de violência no namoro. As características que não prevalecem comuns aos jovens que mais legitimam a violência feminina psicológica, física e sexual, respeita à zona residencial (onde encontramos casos ligados a zona semiurbana e/ou rural), à questão económica (onde encontramos jovens oriundos de famílias com maior e menor remuneração familiar mensal), e fatores ligados ao consumo de tabaco e/ou álcool (observando-se casos em que tanto jovens com estes consumos, como jovens que não apresentam consumos destas substâncias, podem ou não legitimar mais ou menos).

Correlacionando estas duas perspetivas anteriores, podemos concluir que as características dos jovens que se apresentam como transversais a uma maior legitimação de todas as tipologias violências no namoro analisadas neste estudo, encontram-se intrinsecamente associadas ao jovem do sexo masculino, que frequenta o ano escolar mais baixo do ensino secundário (10º ano), que possuem maior número de retenções escolares (três ou mais), que habitam em residências sociais, pertencentes a agregados familiares de maior dimensão (5 a 9 pessoas), que são ou foram consumidores de drogas, que não são ou foram vítimas de violência no namoro, e que são ou foram agressores de violência no namoro.

Conforme os estudos efetuados pela Associação UMAR, já referenciados e analisados na parte teórica deste nosso trabalho, indicam que ao nível da legitimação da violência no

namoro, existe uma pequena percentagem de jovens que não reconhece determinados tipos de comportamentos como sendo violentos. Deste modo, a legitimação média das várias formas de violência, por região geográfica, situa-se entre os 10% (Viseu) e os 27% (Faro), onde 1 975 são do sexo masculino e 2 577 do sexo feminino. Relativamente aos indicadores de vitimação autorreportados, que só foram analisadas respostas de jovens que estiveram ou estejam numa relação de namoro, verificou-se que 6% dos jovens (Bragança) e 16% (Açores, Aveiro e Setúbal) já vivenciou alguma situação violenta, sendo que 1 284 pertencem ao sexo masculino e 1 786 ao sexo feminino. A prevalência das diversas formas de violência nas relações de namoro, bem como o não reconhecimento destes comportamentos abusivos revelam que, independentemente do contexto geográfico, é fundamental trabalhar a consciencialização sobre esta problemática social. Neste estudo, embora as vítimas de violência no namoro sejam tanto do sexo feminino como do masculino, o sexo feminino é mais predominante ao nível da legitimação, de acordo com os resultados descritos acima. No que diz respeito aos indicadores de vitimação, o estudo mostrou-nos uma maior significância no que diz respeito ao sexo feminino e masculino, pois o número de jovens do sexo feminino que já vivenciou algum tipo de violência é mais elevado do que o sexo masculino. Em comparação com os resultados do nosso estudo, é possível indicar igualmente maiores níveis de vitimação no sexo feminino do que no sexo masculino.

Relativamente aos jovens do sexo masculino que já retiveram 3 ou mais anos escolares, o nosso estudo aponta para uma quase prevalência total desta característica, uma vez que o absentismo escolar pode ser uma consequência de uma vivência no contexto de violência no namoro (Barroso, 2008; Dahlberg & Krug, 2007; Rodrigues, 2017; Shorey, Stuart & Cornelius, 2011; Temple & Freeman, 2011).

Uma das características que não prevalece comum aos jovens que mais legitimam a violência masculina psicológica, física e sexual, respeita à questão económica. Deste modo, a literatura diz-nos que as famílias com estatutos socioeconómicos baixos podem contribuir para que os jovens incidam na perpetração da violência no namoro (Araújo, 2013; Manuel, 2014), o que não se observa no nosso estudo, uma vez que os resultados observados indicam, nos casos de maior legitimação, jovens provenientes de famílias que usufruem desde o ordenado mínimo nacional aos mais elevados.

A literatura mostra-nos igualmente que os consumos de tabaco, álcool e drogas pelos adolescentes aumenta o risco quer de cometerem atos violentos (Caridade, 2011), indo ao encontro dos resultados da nossa pesquisa, onde se observou que os jovens que consomem ou

consumiram este tipo de substâncias, praticamente em todos os casos, apresentaram maiores níveis de legitimação em todas as dimensões de violência no namoro.

Deste modo, é com a esperança de que o contexto escolar seja visto como o espaço ideal de identificação, sensibilização, prudência e mudança no que diz respeito à violência no namoro, que consideramos fundamental fortalecer a informação e as ferramentas que proporcionem a intervenção e o encaminhamento de forma idónea os casos diagnosticados.

Assim, as parcerias com as escolas na conceção e implementação de programas de prevenção da violência no namoro entre os adolescentes são essenciais para uma divulgação suportada dos conhecimentos e informações neste âmbito, bem como para se conseguir intervir prematuramente na diminuição de condutas erradas, podendo contar através de uma atuação concertada, envolvendo a família, a escola e as entidades vocacionadas para esta problemática, beneficiando a via da educação e da consciencialização de todos os intervenientes.

Esperamos que os resultados desta investigação ajudem na promoção e mudança de comportamentos violentos que possam existir na violência no namoro entre os adolescentes, e, acima de tudo, que seja mais uma ferramenta a poder ajudar na mudança de mentalidades e atitudes prejudiciais e antagónicas nas relações de namoro, bem como na íntegra assimilação do conceito de igualdade de género.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Aguinha, R. (2013). *APTUS - Programa de Prevenção da Violência nas Relações de Intimidade Juvenil: da implementação à avaliação*. Dissertação apresentada à Escola de Ciências Sociais e Humanas, do Instituto Universitário de Lisboa, para obtenção do grau de mestre, orientada por Joana Dias e Helena Carvalho, Lisboa.
- Ahonen, L., & Loeber, R. (2016). Dating violence in teenage girls: Parental emotion regulation and racial differences. *Criminal Behavior and Mental Health*, 26(4), 240-250.
- Albuquerque, A. (2018). *Namoros marcados por violência: uma análise social*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, para obtenção do grau de mestre, orientada por Jacqueline Marques, Coimbra.
- Alves, R. (2016). *Adolescência, os anos da mudança*. Lisboa: Vogais.
- Andreas, J. B., & Jackson, K. M. (2015). Adolescent Alcohol Use Before and After the High School Transition. *Alcoholism: Clinical and Experimental Research*, 39(6), 1034-1041.
- Antunes, J. & Machado, C. (2012). Violência nas relações íntimas ocasionais de uma amostra estudantil. *Análise Psicológica*, 30(1-2), 93-117.
- Antunes, O. (2016). *Violência nos Relacionamentos íntimos em Estudantes Universitários*. Dissertação apresentada à Escola de Psicologia e Ciências da Vida, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, para obtenção do grau de mestre, orientada por Américo Baptista, Lisboa.
- Araújo, H. (2013). *Violência nas relações de namoro: Das motivações inerentes ao comportamento abusivo*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, da Universidade Fernando Pessoa, para obtenção do grau de mestre, orientada por Sónia Caridade, Porto.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2020). *Folha informativa - Violência no Namoro*. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2018). *Estatísticas APAV. Relatório anual 2018*. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2017). *Estatísticas APAV. Relatório anual 2017*. Lisboa: APAV.

- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2015). *Folha informativa – Violência no Namoro*. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2014). *Relatório anual 2014 - Estatísticas APAV*. Lisboa: APAV.
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2011). *Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir*. Lisboa: APAV
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima [APAV]. (2010). *Manual Crianças e Jovens vítimas de violência: Compreender, intervir e prevenir*. Lisboa: APAV.
- Ayers, J., & Davies, S. (2011). Adolescent dating and intimate relationship violence: Issues and implications for school psychologists. *School Psychology Forum: Research in Practice*, 5(1), 1-12.
- Balsa, C., Vital, C., & Urbano, C. (2018). IV Inquérito Nacional ao consumo de substâncias psicoativas na população geral, Portugal 2016/17. Lisboa: Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD).
- Barbosa, A. (2014). *Experiências Adversas Precoces, Vinculação Romântica e Experiências de Violência entre Jovens Adultos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia, da Universidade Lusófona do Porto, para obtenção do grau de mestre, orientada por Joana Cabral, Porto.
- Barros, N. (2010) *Bullying - Violência nas Escolas*. Lisboa: Bertrand Editora
- Barros, S. (2014). *Violência nas relações de namoro juvenis e ideação e comportamentos suicidas*. Dissertação apresentada à Universidade do Porto, do Instituto de Ciências Biomédicas Abel Baltazar, para obtenção do grau de mestre, orientada por Sónia Caridade, Porto.
- Barroso, Z. (2008). Violência nas relações amorosas. *VI Congresso Português de Sociologia*, Universidade Nova de Lisboa. Atas. Lisboa: UNL.
- Beckman, L., Svensson, M., Geidne, S., & Eriksson, C. (2017). Effects on alcohol use of a Swedish school-based prevention program for early adolescents: a longitudinal study. *BMC Public Health*, 17(1), 1-9.
- Beserra, M., Leitão, M., Fabião, J., Dixe, M., Veríssimo, C., & Ferriani, M. (2016). Prevalência e características da violência no namoro entre adolescentes escolares de Portugal. *Esc Anna Nery* 20(1), 183-191.

- Bittar D., & Nakano A. (2017). Symbolic violence among adolescents in affective dating relationships. *Revista Escola Enfermagem da USP*, 51, 1-8.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (2013). *Investigação qualitativa em educação: Uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto Editora.
- Borges, J., Heine, J., & Dell’Aglia, D. (2020). Variáveis pessoais e contextuais predictoras de perpetração de violência no namoro na adolescência. *Acta Colombiana de Psicología*, 23(2), 438-448.
- Brooks-Russell, A., Foshee, V., & Ennett, S. (2013). Predictors of latent trajectory classes of physical dating violence victimization. *Journal of Youth and Adolescence*, 42(4), 566-580.
- Brown, C. (2008). Gender-role implications on same-sex intimate partner abuse. *Journal of Family Violence*, 23(6), 457-462.
- Callahan, M., Tolman, R., & Saunders, D. (2003). Adolescent dating violence victimization and psychological well-being. *Journal of Adolescent Research*, 18(6), 664-681.
- Câmara, R. (2013). Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Revista Interinstitucional de Psicologia*, 6(2), 179-191.
- Capaldi, D., Knoble, N., Shortt, J., & Kim, H. (2012). A systematic review of risk factors for intimate partner violence. *Partner Abuse*, 3(2), 231-280.
- Caridade, S., & Barros, S. (2018). Violência nas relações íntimas juvenis e ideação e comportamentos suicidas. *Psicologia, Saúde & Doenças*, 19(2), 323-336.
- Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimação à perpetração. *Análise Psicológica*, 24(4), 485-493.
- Caridade, S. & Machado, C. (2008). Violência sexual no namoro: relevância da prevenção. *Psicologia*, 22(1), 77-104.
- Caridade, S. Machado, C & Martins, C. (2010). Violence in juvenile dating relationships self-reported prevalence and attitudes in a Portuguese Sample. *Journal of Family Violence*. 25(11), 43-52.
- Caridade, S. (2011). *Vivências íntimas violentas: Uma abordagem científica*. Coimbra: Edições Almedina.
- Caridade, S., Saavedra, R., & Machado, C. (2012). Práticas de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil: Orientações gerais. *Análise Psicológica* 30(1-2), 131-142.

- Caridade, S., & Machado, C. (2013). Violência nas relações íntimas juvenis: Uma revisão da investigação, prática e teoria [Violence in juvenile intimate relations: A review of research, practice, and theory]. *Psicologia*, 27(1), 91-113.
- Caridade, S., Pereira, R., & Soeiro, C. (2018). O papel da escola no controlo da violência no namoro: Perceções dos agentes. *Revista Portuguesa de Investigação Educacional*, (18),111-133.
- Caridade, S. (2018). Violência no namoro: Contextualização teórica e empírica. In S. Neves & A. Correia (Coord.), *Violências no Namoro* (pp. 9-40). Maia: Edições ISMAI.
- Carter-Snell, C. (2015). Youth dating violence: A silent epidemic. In Taylor, M., & Pooley, J. (Coord.), *Overcoming Domestic Violence* (pp-49-65). New York: Nova Science Publishers.
- Carrilho, M. (2018). *O crime de violência doméstica e a proteção da vítima*. Dissertação apresentada à Faculdade de Direito, da Universidade Lusíada de Lisboa, para obtenção do grau de mestre, orientada por Ana Brito, Lisboa.
- Castro, R. & Ruíz, A. (2004). Prevalencia y severidad de la violencia contra mujeres embarazadas, México. *Revista de Saúde Pública*, 38(1), 62-70.
- Carvalhosa, S., Moleiro, C., & Sales, C. (2009). A situação do bullying nas escolas portuguesas. *Interações*, 5, 125-146.
- Centers for Disease Control and Prevention (CDC). (2016). Understanding teen dating violence. *Fact Sheet*, 1-2.
- Centro de Estudos Judiciários [CEJ]. (2016). *Violência Doméstica - Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários & Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Centro de Estudos Judiciários [CEJ] (2018). *Violência(s) Doméstica(s) - Jurisdição Penal e Processual Penal*. Lisboa: Centro de Estudos Judiciários & Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género.
- Charmaramanetal. (2013). Is it bullying or sexual harassment? Knowledge, attitudes, and professional development experiences of middle school staff. *The Journal of School Health*, 83,438-444.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG]. (2016). Processos e dinâmicas abusivas. In Centro de Estudos Judiciários [CEJ] & Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género [CIG], *Violência Doméstica - Implicações sociológicas, psicológicas e jurídicas do fenómeno* (pp-38-39). Lisboa: CEJ & CIG.

- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. [CIG]. (2019). *Guião para a prevenção da Violência no namoro em contexto Universitário*. Lisboa: CIG.
- Comissão para a Cidadania e a Igualdade de Género. [CIG]. (2020). *Guia de Intervenção integrada junto de crianças ou jovens vítimas de violência doméstica*. Lisboa: CIG.
- Conti, M., Gambardella, A., & Frutuoso, M. (2005). Insatisfação com a Imagem Corporal em adolescentes e sua relação com a maturação sexual. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15(2), 36-44.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática* (2ª ed.). Coimbra: Almedina.
- Couto, J. M. (2013). *Crenças, distorções cognitivas e violência em relações de namoro*. Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, para obtenção do grau de mestre, orientada por Cristina Soeiro, Lisboa.
- Coxinho, D. (2017). *Tretas embrulhadas em Corações ou as dificuldades de saber amar e ser amad@*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, para obtenção de grau de mestre, orientada por Ana Almeida, Coimbra.
- Cristóvão, C. (2012). *Quanto mais me bates mais gosto de ti: Um estudo exploratório sobre a violência no namoro*. Dissertação apresentada ao Instituto Universitário das Ciências Psicológicas Sociais e da Vida (ISPA), para obtenção do grau de mestre, orientada por Joaquim Sá, Lisboa.
- Dahlberg, L., & Krug, E. (2007). Violência: Um problema global de saúde pública. *Ciência e Saúde Coletiva*, 11, 1163-1178.
- Davenport, G., Midford, R., Ramsden, R., Cahill, H., Venning, L., Lester, L., ... Pose, M. (2012). Starting to drink: the experiences of Australian lower secondary students with alcohol. *Journal of Drug Education*, 42(1), 87-98.
- Direção Geral da Saúde [DGS]. (2012). *Abordagem da Intoxicação Alcoólica Aguda em Adolescentes e Jovens*. Lisboa: DGS
- Direção-Geral da Saúde [DGS] (2014). *Violência interpessoal- Abordagem, Diagnóstico e Intervenção nos Serviços de Saúde*. Lisboa: DGS.
- Direção-Geral da Saúde [DGS] (2015). *Programa Nacional Saúde Escolar 2015*. Lisboa: DGS.
- Direção Geral de Educação/ Direção Geral da Saúde [DGE/DGS]. (2017). *Referencial de Educação para a Saúde*. Lisboa: DGE/DGS.

- Donat, J., Moura, T., Carvalho, J., & Kristensen, C. (2016). Professores e maus-tratos: Uma revisão teórica sobre reconhecimento, denúncia e capacitação. *Revista Educação*, 39, 66-73.
- Dourado, S., & Noronha, C. (2014). A face marcada: As múltiplas implicações da vitimização feminina nas relações amorosas. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, 24(2), 623-643.
- Duarte, A., & Lima, M. (2006). Prevalência da violência física e psicológica nas relações de namoro de jovens estudantes portugueses. *Psychologica*, 43, 105-124.
- Duarte, M. (2011). *Violência no namoro: Campanha gráfica de sensibilização no âmbito do espaço escolar*. Dissertação apresentada à Faculdade de Arquitetura da Universidade Técnica de Lisboa, para obtenção do grau de mestre, orientada por Alexandra Quintas, Lisboa.
- Duarte, C. (2019). *Violência no Namoro: Taxa de incidência em estudantes universitários*. Projeto de Graduação apresentado à Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, da Universidade Fernando Pessoa, para obtenção do grau de licenciada, orientada por José Martins, Porto.
- Exner-Cortens, D., Eckenrode, J., & Rothman, E. (2013). Longitudinal associations between teen dating violence victimization and adverse health outcomes. *Pediatrics*, 131(1), 71-78.
- Félix, D. (2012). *Crenças de legitimação da violência de género e efeitos de campanhas de prevenção: um estudo exploratório*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de mestre, orientada por Maria João Alvarez, Lisboa
- Fernandes, A. (2013). *Programas de sensibilização de violência no namoro. Impacto nos jovens* Dissertação apresentada ao Instituto Universitário das Ciências Psicológicas Sociais e da Vida (ISPA), para obtenção do grau de mestre, orientada por António Pires, Lisboa.
- Fernandes, L. & Seixas, S. (2012). *Plano Bullying. Como apagar o bullying da Escola*. Lisboa: Plátano Editora.
- Fernández-Artamendi, S., Secades-Villa, R., Fernández Hermida, J. R., García-Fernández, G., & García-Rodríguez, O. (2013). Gender Differences in Early Alcohol and Tobacco Use as a Risk Factor in Spanish Adolescents. *Substance Use & Misuse*, 48(6), 429-437.

- Ferreira, J. (2013). *Stalking como forma de Violência nas Relações de Namoro*. Dissertação apresentada ao Instituto Superior de Ciências da Saúde Egas Moniz, para obtenção do grau de mestre, orientada por Cristina Soeiro, Lisboa.
- Filipe, S. (2013). *Modelos percebidos de causalidade da violência entre parceiros íntimos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de mestre, orientada por José Oliveira, Lisboa.
- Filho, S. (2017). *Violência no namoro: avaliação de um programa de prevenção*. Dissertação apresentada ao Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, para obtenção do grau de Doutor, orientada por Lúcia Williams, São Carlos - Brasil.
- Fonseca, C. (2015). *Violência no Namoro e Atitudes Associadas: Estudo Comparativo entre Adolescentes Institucionalizados e Adolescentes Não-Institucionalizados*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, para obtenção de grau de mestre, orientada por Luiza Lima, Coimbra.
- Fortin, M. (2009a). *Fundamentos e Etapas do Processo de Investigação*. Loures: Lusodidacta.
- Fortin, M. (2009b). *O processo de investigação: Da concepção à realização* (5ª Ed). Loures: Lusociência.
- Foshee, V., Reyes, H., Gottfredson, N., Chang, L., & Ennett, S. (2013). A longitudinal examination of psychological, behavioral, academic, and relationship consequences of dating abuse victimization among a primarily rural sample of adolescents. *Journal of Adolescent Health, 53*(6), 723-729.
- Franco, C., Fernandes, C., Soares, J., Beltrão, K., Barbosa, M., & Alves, M. (2003). O referencial teórico na construção dos questionários contextuais do Saeb 2001. *Estudos em Avaliação Educacional, 28*, 39-74.
- Freitas, C. (2015). *A submissão associada à violência no namoro. Um contributo para a promoção de competências sociais e emocionais*. Dissertação apresentada ao Departamento de Ciências da Educação da Universidade dos Açores, para obtenção do grau de mestre, orientada por Célia Carvalho e Suzana Caldeira, Ponta Delgada.
- Gama, A., Veríssimo, A., & Tomás, C. (2017). *Violência no namoro na Escola Superior de Educação de Lisboa*. *Ex Aequo, 36*, pp.77-98.
- Gaspar, A. (2016) *Vítimas silenciosas: Crianças expostas à violência interparental*. Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia e Sociologia da Universidade

- Autónoma de Lisboa para obtenção do grau de mestre, orientada por Tito Laneiro, Lisboa.
- Gatti, B. (2004). Estudos quantitativos em educação. *Educação e Pesquisa*, 30(1), 11-30.
- Gehring, K., & Vaske, J. C. (2015). Out in the open the consequences of intimate partner violence for victims in same-sex and opposite-sex relationships. *Journal of Interpersonal Violence*, 1-24.
- Gomes, L. (2017). *Violência no namoro na Adolescência*. Relatório final apresentado à Escola Superior de Saúde de Viseu, do Instituto Politécnico de Viseu, orientada por Maria Carvalho, Viseu.
- Gonçalves, M. (2013). Namoro na adolescência: atitudes de legitimação de violência e estratégias de resolução de conflitos em adolescentes nos Açores. Dissertação apresentada à Universidade dos Açores, para obtenção de grau de Mestre, orientada por Suzana Caldeira, Ponta Delgada.
- Gover, A., Kaukinen, C. & Fox, K. (2008). The relationship between violence in the family of origin and dating violence among college students. *Journal of Interpersonal Violence*, 23(12), 1667-1693.
- González, M. (2007). *Relaciones interpersonales violentas en las parejas jóvenes: Estilos de comunicación, estilos de amor y personalidad*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia da Universidade de Valencia, para obtenção do grau de Doutor, orientado por M^a José Puigcerver e M^a Ángeles Mateo, Valencia.
- Guerreiro, A., Pontedeira, C., Sousa, R., Magalhães, M. J., Oliveira, E., & Ribeiro, P. (2015). Intimidade e violência no namoro: refletir a problemática nos/as jovens. *Colóquio Internacional @s jovens e o crime - transgressões e justiça tutelar* (pp.16-17), Universidade de Coimbra. Atas. Coimbra: Centro de Estudos Sociais.
- Guerreiro, A., Teixeira, A., Dias, A., Pontedeira, C., Cordeiro, J., Magalhães, M., & Mendes, T. (2017). *Violência no namoro: Resultados nacionais apontam a gravidade do problema*. Porto: União de Mulheres Alternativa e Reposta (UMAR).
- Hamby, S., & Turner, H. (2013). Measuring teen dating violence in males and females: Insights from the national survey of children's exposure to violence. *Psychology of Violence*, 3(4), 323-339.
- Hammond, C., Mayes, L., & Potenza, M. (2014). Neurobiology of Adolescent Substance Use and Addictive Behaviors: Prevention and Treatment Implications. *Adolesc Med State Art Rev*, 25(1), 15-32.

- Hedge, J., Sianko, N., & McDonell, J. (2017). Professional help-seeking for adolescent dating violence in the rural south: The role of social support and informal help-seeking. *Violence Against Women*, 23(12), 1442-1461.
- Herculan, M., Sousa, A., Sousa, C., Gurgel, L., Cordeiro, A., Lima, M., Pimentel, M., Herculano, G., Santana, W., & Luz, D. (2020). Representações sociais de violência no namoro em adolescentes: uma revisão sistemática. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 12(7), 1-12.
- Hill, M., & Hill, A. (2012). *Investigação por questionário* (2ª ed.). Lisboa: Edições Sílabo.
- International Business Machines [IBM]. (2013). *IBM SPSS Statistics 22 Brief Guide*. U.S. (Government Users Restricted Rights): IBM Corporation.
- Instituto da Segurança Social [ISS]. (2020). *Guia Prático - Condição de Recursos*. Lisboa: ISS.
- Jennings, W., Okeem, C., Piquero, A., Sellers, C., Theobald, D., & Farrington, D. (2017). Dating and intimate partner violence among young persons ages 15-30: Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 33, 107-125.
- Khubchandani, J., Clark, J., Wiblishause, M. et al. (2017). Preventing and responding to teen dating violence: A national study of school principals' perspective and practices. *Violence and Gender*, 4(4), 144-151.
- Lameira, T. (2013). *Análise da influência da vivência prévia de violência sobre as representações sociais em torno da violência entre parceiros íntimos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra, para obtenção do grau de mestre, orientada por Isabel Alberto, Coimbra.
- Lammers, J., Goossens, F., Conrod, P., Engels, R., Wiers, R. W., & Kleinjan, M. (2015). Effectiveness of a selective intervention program targeting personality risk factors for alcohol misuse among young adolescents: Results of a cluster randomized controlled trial. *Addiction*, 110(7), 1101-1109.
- Lavikainen, H., Salmi, V., Aaltonen, M., & Lintonen, T. (2011). Alcohol-related harms and risk behaviours among adolescents: Does drinking style matter. *Journal of Substance Use*, 16(3), 243-255.
- Leitão, M. (2013). Violência nas relações de intimidade. *Fazer diferente para fazer a diferença*, 5, 23-42.

- Leitão, M., Fernandes, M., Fabião J., Sá, M., Veríssimo, C., & Dixe, M. (Eds). (2013). *Prevenir a violência no namoro - n(amor)o (im)perfeito: fazer diferente para fazer a diferença*. Coimbra: Unidade de Investigação em Ciências da Saúde/Enfermagem, Escola Superior de Enfermagem de Coimbra.
- Linhares, F. (2013). *A discussão como metodologia de educação em ciências no ensino superior*. Tese apresentada ao instituto de educação da Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de doutora, orientada por Pedro Reis, Lisboa.
- Lo, C., Weber, J., & Cheng, T. (2013). A spatial analysis of student binge drinking, alcohol-outlet density, and social disadvantages. *American Journal on Addictions*, 22(4), 391-401.
- Lopes, A. (2013). *Violência doméstica*. Dissertação apresentada à Universidade do Porto, para obtenção do grau de mestre, orientada por Fernando Torrão, Porto.
- Machado, A., Hines, D., & Matos, M. (2018). Characteristics of Intimate Partner Violence Victimization Experienced by a Sample of Portuguese Men. *Violence and Victims*. 33(1), 157-175.
- Machado, L., (2010). *Crenças e Representações Sociais dos Adolescentes sobre a Violência Interpessoal*. Dissertação apresentada à Escola de Estudos Pós-graduados e de Investigação, da Universidade Fernando Pessoa, para obtenção do grau de mestre, orientada por Ana Sani, Porto.
- Machado, C., Matos, M., & Moreira, A. I. (2003). Violência nas relações amorosas: Comportamentos e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33, 69-83.
- Machado, M. (2015). *Adolescentes* (55º ed). Lisboa. Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Magalhães, T. (2010). *Violência e Abuso: Respostas simples para questões complexas*. Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.
- Manita, C., Ribeiro, C. & Peixoto, C. (2009). *Violência doméstica: compreender para intervir, guia de boas práticas para profissionais de saúde*. Lisboa: Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género.
- Manuel, S. (2014). *A violência no namoro entre jovens adultos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto, para obtenção do grau de mestre, orientada por Sílvia Fraga, Porto.
- Marôco, J. (2014). *Análise Estatística com o SPSS Statistics*. Pêro Pinheiro: ReportNumber.

- Matos, M., Machado, C., Caridade, S., & Silva, M. (2006). Prevenção da violência nas relações de namoro: Intervenção com jovens em contexto escolar. *Revista Psicologia: Teoria e Prática*, 8, 55-76.
- Matos, M. G., Gonçalves, A. & Gaspar, T. (2005). *Aventura Social e risco, prevenção do VIH numa comunidade migrante*. Lisboa: CMDT/Edições IHMT.
- Makepeace, J. (1981). «*Courtship violence among college students*». *Family Relations*, 30(1), 97-102.
- Medeiros, T. (2015). *Adolescência: desafios e riscos* (2ª ed.). Ponta Delgada: Letras Lavadas.
- Mendes, E., & Cláudio V. (2010). Crenças e atitudes dos estudantes de Enfermagem, Engenharia e Psicologia acerca da violência doméstica. *VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia*. (pp. 3219-3230) Atas. Braga: Instituto Superior de Psicologia Aplicada da Universidade do Minho.
- Monteiro, A. (2015). *Avaliar atitudes para prevenir comportamentos: as atitudes dos jovens universitários acerca da violência no namoro*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada por José Lima e Alexandra Serra, Porto.
- Monteiro, M. (2013). *Prevenção da violência no namoro: Avaliação do Workshop Ver, Pensar e Agir - Projeto (O)usar & Ser laço branco*. ESEnfC. Coimbra, Portugal.
- Moura, G. (2012). *Violência no namoro e estilos parentais na adolescência: Compreensão das atitudes face à violência nas relações de namoro em adolescentes e a relação com a sua percepção dos estilos parentais*. Dissertação apresentada ao Instituto Universitário das Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, para obtenção do grau de mestre, orientada por José Morgado e Francisco Peixoto, Lisboa.
- Narayan, A., Englund, M., & Egeland, B. (2013). Developmental timing and continuity of exposure to interparental violence and externalizing behavior as prospective predictors of dating violence. *Development and Psychopathology*, 25(4), 973-990.
- Neto, V., Coelho, M., Miranda, K., Cabral, R., Bezerra, S., & Almeida, P. (2015). Analysis of Risk Behavior Among School Adolescents. *Journal of Nursing UFPE / Revista de Enfermagem UFPE*, 9, 7572-7581.
- Neves, A., Cameira, M., Machado, M., Duarte, V., & Machado, F. (2016). Beliefs on marital violence and self-reported dating violence: A comparative study of Cape Verdean and Portuguese adolescents. *Journal of Child & Adolescent Trauma*, 11(2), 197-204.

- Neves, S., Ferreira, M., Borges, J., Correia, M., Abreu, A., Correia, A., Topa, A., & Silva, E. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no namoro em Contexto Universitário: Crenças e Práticas - 2017/2019*. Porto: Associação Plano i.
- Nichols, E. M., Bonomi, A., Kammes, R., & Miller, E. (2018). Service seeking experiences of college-aged sexual and intimate partner violence victims with a mental health and/or behavioral disability. *Journal of American College Health*, 66(6), 487-495.
- Offenhauer, P., & Buchalter, A. (2011). *Teen dating violence: A literature review and annotated bibliography*. USA: U.S. Department of Justice.
- Oliveira, Q., Assis, S., Njaine, K., & Pires, T. (2014). *Namoro na adolescência no Brasil: circularidade da violência psicológica nos diferentes contextos relacionais*. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(3), 707-718.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2009). *Violence prevention: The evidence*. Genebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2012). *Understanding and addressing violence against women*. Genebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2014). *Relatório mundial sobre a prevenção da violência*. Genebra: OMS
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2016). *Violence against women: Intimate partner violence and sexual violence against women*. Genebra: OMS
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2018). *Global Status Report on Alcohol and Health*. Genebra: OMS.
- Organização Mundial de Saúde [OMS]. (2019). *Violence against women. Intimate partner and sexual violence against women*. Genebra: OMS.
- Paulino, M., & Rodrigues, M. (2016). *Violência doméstica: Identificar, avaliar, intervir*. Estoril: Primebooks.
- Pereira, O. (2018). *Violência no namoro: Táticas de resolução de conflito, autoestima, inteligência emocional, sintomatologia psicopatológica e atitudes legitimadoras acerca da violência, numa amostra de jovens universitários Portugueses*. Dissertação apresentada ao Departamento de Educação e Psicologia, da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, para obtenção do grau de mestre, orientada por Otilia Fernandes e Inês Relva, Vila Real.
- Pinto, T. (2011). *Conceção de um programa de prevenção da violência nas relações de intimidade juvenis em contexto escolar*. Dissertação apresentada ao Departamento de

- Psicologia Social da Universidade de Lisboa, para obtenção do grau de mestre, orientada por Carla Moreiro, Lisboa.
- Pires, D., Pereira, M., Paiva, S., & Silva, C. (2017). *Intervenção psicológica em perturbações de personalidade*. Lisboa: Pactor.
- Price, E., Byers, E. & The Dating Violence Team (1999). The attitudes towards dating violence scales: development and initial validation. *Journal of Family Violence*, 14, 351-375.
- Punch, K. (2011). *Introduction to social research: Quantitative & qualitative approaches* (2^a ed.). London: SAGE Publications.
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Raimondo, M., Fegadol, D., Meier, M., Wall, M., Labronici, L., & Raimondo-Ferraz, M. (2012). Produção científica Brasileira fundamentada na Teoria de Enfermagem de Orem: Revisão integrativa. *Revista Brasileira de Enfermagem*, 65(3), 529-534.
- Reforço, R. (2018). *“Na Escola...- Uma estratégia na prevenção na violência no namoro”*. Dissertação apresentada à Escola Superior de Enfermagem de São João de Deus, da Universidade de Évora, para obtenção do grau de mestre, orientada por Ana Gato, Évora.
- Reyes, H., Foshee, V., Bauer, D., & Ennett, S. (2011). The role of heavy alcohol use in the developmental process of desistance in dating aggression during adolescence. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 39(2), 239-250.
- Ribeiro, M., & Sani, A. (2009). Risco, Proteção e Resiliência em situações de violência. *Revista da Faculdade de Ciências da Saúde*, 6, 400-407.
- Rodrigues, C. Figueiredo, A., Rocha, S., Ward, S., & Tavares, H. (2018). Risky Behaviors on a Student’s Population. *Journal of Alcohol & Drug Education*, 62(1), 46-70.
- Rodrigues, J., & Sousa C. (2018). A Violência Doméstica e as suas implicações sócio-psicológicas e processuais. *CEEAPLA-A-Working Paper Series*, 1-35.
- Rodrigues, M. (2017). *Violência Doméstica e envolvimento parental na escola: perspetivas de mães e filhos*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração do Instituto de Educação, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, para obtenção do grau de doutor, orientada por Alcina Martins, Lisboa.

- Saavedra, R. (2010). *Prevenir antes de remediar Prevenção da violência nos relacionamentos íntimos juvenis*. Dissertação apresentada à Universidade do Minho, da Escola de Psicologia, para obtenção do grau de doutor, orientada por Carla Machado, Minho.
- Saavedra, R., Machado, C., & Martins, C. (2008). *Escala de atitudes sobre a violência no namoro (EAVN)*. In L. S. Almeida, M. R. Simões & M. M. Gonçalves (Eds.), *Instrumentos e contextos de avaliação psicológica*. Coimbra: Almedina.
- Sabina, C., & Ho, L. (2014). Campus and college victim responses to sexual assault and dating violence: Disclosure, service utilization, and service provision. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15(3), 201-226.
- Santos, A., Caridade, S., & Cardoso, J. (2019). Violência nas relações íntimas juvenis: (Des)ajustamento psicossocial e estratégias de coping [Violence in juvenile intimate relationships: psychosocial (des)adjustment and coping strategies]. *Contextos Clínicos*, 12(1) 1-25.
- Santos, J. (2013). *Violência no namoro: Conceções e perceções dos jovens em função do género*. Dissertação apresentada à Escola Superior de Enfermagem, para obtenção do grau de mestre, orientada por Maria Leitão e Joana Fabião, Coimbra.
- Santos, M. (2019). *Atitudes e comportamentos perante o adolescente*. Dissertação apresentada ao Instituto Politécnico de Setúbal, da Escola Superior de Saúde para obtenção do grau de mestre, orientada por Maria Cruz, Setúbal.
- Sampaio, D. (1994), *Inventem-se novos pais* (12^a ed.). Lisboa: Caminho.
- Sarmiento, M. (2008). *Guia prático sobre metodologia científica para elaboração, escrita e apresentação de teses de doutoramento, dissertações de mestrado e trabalhos de investigação aplicada* (2^a Ed). Lisboa: Universidade Lusíada Editora.
- Sears, H., & Byers, E. (2010). Adolescent girls' and boys' experiences of psychologically, physically, and sexually aggressive behaviors in their dating relationships: Co-occurrence and emotional reaction. *Journal of Aggression, Maltreatment & Trauma*, 19(5), 517-539
- Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna [SGMAI]. (2016). *Violência Doméstica 2015. Relatório Anual de Monitorização*. Lisboa: SGMAI.
- Secretaria-Geral do Ministério da Administração Interna [SGMAI]. (2020). *Relatório Anual de Segurança Interna durante o ano 2019*. Lisboa: SGMAI.

- Semedo, C. (2019). *Projeto para a Mudança de Comportamentos face à Violência no Namoro em Portugal*. Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, para obtenção de grau de mestre, orientada por Ivone Ferreira e Mafalda Eiró-Gomes, Lisboa.
- Shorey, R., Stuart, G. & Cornelius, T. (2011). Dating violence and substance use in college students: a review of the literature. *Aggressive Violent Behavior*, 16(6), 541-550.
- Shorey, R., Cornelius, T., & Bell, K. (2008). A critical review of theoretical frameworks for dating violence: Comparing the dating and marital fields. *Aggression and Violent Behavior*, 13, 185-194.
- Shorey, R., Stuart, G., Moore, T., & McNulty, J. (2014). The Temporal Relationship Between Alcohol, Marijuana, Angry Affect, and Dating Violence Perpetration: A Daily Diary Study with Female College Students. *Psychologic Addict Behaviour*, 28, 516-523.
- Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. [SICAD]. (2015). *Os Jovens o Álcool e a Lei. Consumos, Atitudes e Legislação*. Lisboa: SICAD.
- Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. [SICAD]. (2016). *Relatório Anual - A situação do país em matéria de álcool*. Lisboa: SICAD.
- Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências. [SICAD]. (2018). *Relatório Anual 2017 - A situação do país em matéria de álcool*. Lisboa: SICAD.
- Silva, A. (2015). *Violência contra a mulher em contexto íntimo de namoro. Olhares no feminino*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, para obtenção do grau de mestre, orientada por Pedro Ferreira, Porto.
- Silva, M. (2017). *Violência no namoro: estudo com adolescentes de uma escola secundária de bragança*. Relatório de estágio apresentado à Escola Superior de Saúde, do Instituto Politécnico de Bragança, para obtenção de grau de mestre, orientada por Manuel Brás e Adília Fernandes, Bragança.
- Silva, K., Coutinho, M., Bú, E., Cavalcanti, J., & Pinto, A. (2020). Representações sociais da violência no namoro elaboradas por adolescentes. *Pensando famílias*, 24(1), 160-174.
- Simas, T. (2011). *Violência nas relações de intimidade: o impacto na saúde mental da vítima*. Dissertação de mestrado apresentado à Escola de Psicologia da Universidade do Minho, para obtenção do grau de mestre, orientada por Carla Machado e Marlene Matos, Minho.
- Sousa, A. (2010). *Investigação em educação* (3ª ed.). Lisboa: Livros Horizonte.

- Soares, J., Lopes, M., & Njaine, K. (2013). Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: Busca de ajuda e rede de apoio. *Cadernos de Saúde Pública*, 29(6), 1121-1130.
- Straus, M. (2004). Prevalence of violence against dating partners by male and female university students worldwide. *Violence Against Women*, 10(7), 790-811.
- Strecht, P. (2008). *A Minha Escola Não é esta: Dificuldades de aprendizagem e comportamentos em crianças e adolescentes*. Odivelas: Artes Gráficas.
- Strøm, H., Adolfsen, F., Handegård, B., Natvig, H., Eisemann, M., Martinussen, M., & Kuposov, R. (2015). Preventing alcohol use with a universal school-based intervention: results from an effectiveness study. *BMC Public Health*, 15(1), 2-11.
- Teixeira, A. (2015). *Violência Física no Namoro em Jovens Universitários*. Dissertação apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, para obtenção do grau de mestre, orientada por Ricardo Barroso e Elisete Correia, Vila Real.
- Temple, J. & Freeman, D. (2011). Dating violence and substance use among ethnically diverse adolescents. *Journal of Interpersonal Violence*. 26(4), 701-718.
- Tuckman, B. (2012). *Manual de investigação em educação: Metodologia para conceber e realizar o processo de investigação científica* (4ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- União de Mulheres Alternativa e Resposta. [UMAR]. (2019). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro*. Dados: 2019. Lisboa: UMAR.
- União de Mulheres Alternativa e Resposta [UMAR]. (2020). *Estudo Nacional sobre a Violência no Namoro*. Dados: 2020. Lisboa: UMAR.
- União de Mulheres Alternativa e Resposta [UMAR]. (2021). Resultados dos Distritos e das Regiões Autónomas
- União de Mulheres Alternativa e Resposta [UMAR]. (2021). Resultados dos Distritos e das Regiões Autónomas do Estudo Nacional sobre Violência no Namoro. Dados: 2020. Lisboa: UMAR.
- Valente, S., Monteiro, A., & Lourenço, A. (2019). The relationship between teachers' emotional intelligence and classroom discipline management. *Psychology in the Schools*, 56(5), 741-750.
- Valim, G., Simionato, P., & Gascon, M. (2017). O consumo de álcool na adolescência: uma revisão literária. *Adolescência e Saúde*.14(4), 184-194.

- Veloso, N. (2013). *Violência no Namoro em Estudantes Universitários: Prevalência e Diferenças entre Géneros*. Dissertação apresentada à Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação, da Universidade de Coimbra, para obtenção de grau de mestre, orientada por Eduardo Sá, Coimbra.
- Ventura, M. (2014). *Violência no Namoro: Crenças e Autoconceito nas Relações Sociais de Género. Modelo de Intervenção em Enfermagem*. Tese apresentada ao Instituto de Ciências Biomédicas Abel Salazar da Universidade do Porto, para obtenção de grau de doutor, orientada por Maria Ferreira. Porto.
- Baptista, I. (2013). *Prevenção da violência nas relações de intimidade juvenil - Guião para docentes e outros agentes educativos*. Cascais: Câmara Municipal Cascais.
- Whitlock, J., Wyman, P., & Moore, S. (2014). Connectedness and suicide prevention in adolescents: Pathways and implications. *Suicide and Life-Threatening Behavior*, 44(3), 246-272.

APÊNDICE I

Questionário Sociodemográfico

Questionário Sociodemográfico

O meu nome é Carolina Fernandes Martins e estou a realizar um estudo que se insere no âmbito do Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais, sob orientação do Professor Doutor Miguel Oliveira Rodrigues. Gostaríamos de saber a vossa opinião relativamente a alguns aspetos sobre a Violência no Namoro.

A tua opinião é muito importante e por isso, pedimos-te que respondas com o máximo de sinceridade, pois não existem respostas certas nem erradas. Os dados que forneceres serão confidenciais e anónimos. Agradecemos a tua participação!

Assinala com uma cruz (x) a resposta que for adequada ao teu caso (ou completa-a, se for caso disso), em relação às seguintes questões. Selecciona apenas uma hipótese por questão:

1. **Idade:** _____ Anos
2. **Sexo:** Feminino Masculino
3. **Ano que estás a frequentar:** 10º Ano 11º Ano 12º Ano
4. **Alguma vez reprovaste?** Nenhuma 1 Vez 2 Vezes 3 ou mais Vezes
5. **Resides numa:** Habitação própria Renda Familiares/amigos Social
6. **Resides em zona:** Urbana Semiurbana Rural
7. **Quantas pessoas compõem o teu agregado familiar?** _____
8. **Qual é aproximadamente a remuneração familiar mensal:**
 Abaixo do salário mínimo (-635 €) Salário mínimo (635€)
 Acima do salário mínimo, mas inferior a 1000€ Entre 1001€-2000€
 Entre 2001€-3000€ Mais de 3001€
9. **Fumas, ou tens por hábito fumar?** Sim Não
10. **Ingeres, ou tens por hábito ingerir bebidas alcoólicas?** Sim Não
11. **Consumes, ou tens por hábito consumir drogas?** Sim Não
12. **És ou já foste vítima de Violência no Namoro?** Sim Não
13. **És ou já foste agressor de Violência no Namoro?** Sim Não

APÊNDICE II

Autorização da autora do Questionário EAVN

DECLARAÇÃO DE AUTORIZAÇÃO

Eu, Rosa Maria Melim Saavedra, autorizo a aluna Carolina Fernandes Martins, do Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades atuais: Análise e Intervenção Social, orientado pelo Instituto de Serviço Social, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, a utilizar o instrumento traduzido e adaptado por mim “Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro” (EAVN) para obtenção do grau de mestre com o tema “VIOLÊNCIA NO NAMORO: Estudo com Adolescentes em Escolas no Concelho de Cascais”.

Porto, 16 de Setembro, 2020



APÊNDICE III

Autorização de Direção das Escolas

Ao Conselho executivo do
Agrupamento de Escolas de Alvide

Assunto: Pedido para Administração de questionário

No âmbito da Dissertação do Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias vimos por este meio solicitar a autorização para administração de um questionário sobre a Violência no Namoro, integrado no tema da Dissertação: "Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes em Escolas no Concelho de Cascais"

Pretende-se que a população da presente investigação seja constituída por estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, já que o estudo procura analisar a Violência no Namoro nesta população, bem como as crenças associadas a esta temática.

Mais se informa que os instrumentos de recolha de dados que irão ser administrados, são inteiramente inócuos e os dados serão confidenciais e anónimos.

Autorizo
Não Autorizo

Assinatura:

A handwritten signature in blue ink is written over a circular blue stamp. The stamp contains the text "AGRUPAMENTO DE ESCOLAS DE ALVIDE" around the perimeter and "ALVIDE" in the center.

Na expectativa de um bom acolhimento para o presente projeto, apresentamos os nossos melhores cumprimentos,

Carolina Fernandes Martins

Cascais, Setembro de 2020

Ao Conselho executivo do
Agrupamento de Escolas Matilde Rosa Araújo

Assunto: Pedido para Administração de questionário

No âmbito da Dissertação do Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias vimos por este meio solicitar a autorização para administração de um questionário sobre a Violência no Namoro, integrado no tema da Dissertação: " Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes em Escolas no Concelho de Cascais"

Pretende-se que a população da presente investigação seja constituída por estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, já que o estudo procura analisar a Violência no Namoro nesta população, bem como as crenças associadas a esta temática.

Mais se informa que os instrumentos de recolha de dados que irão ser administrados, são inteiramente inócuos e os dados serão confidenciais e anónimos.

Autorizo

Não Autorizo

Assinatura:




Na expectativa de um bom acolhimento para o presente projeto, apresentamos os nossos melhores cumprimentos,

Carolina Fernandes Martins

Cascais, Setembro de 2020

Ao Diretor do
Agrupamento de Escolas da Cidadela

Assunto: Pedido para Administração de questionário

No âmbito da Dissertação do Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias vimos por este meio solicitar a autorização para administração de um questionário sobre a Violência no Namoro, integrado no tema da Dissertação: "Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes em Escolas no Concelho de Cascais"

Pretende-se que a população da presente investigação seja constituída por estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, já que o estudo procura analisar a Violência no Namoro nesta população, bem como as crenças associadas a esta temática.

Mais se informa que os instrumentos de recolha de dados que irão ser administrados, são inteiramente inócuos e os dados serão confidenciais e anónimos.

Autorizo
Não Autorizo

Assinatura:

(Diretor do Agrupamento de Escolas da Cidadela)



Na expectativa de um bom acolhimento para o presente projeto, apresentamos os nossos melhores cumprimentos,

Carolina Fernandes Martins

Cascais, Setembro de 2020

Ao Conselho executivo do
Agrupamento de Escolas Ibn Mucana

Assunto: Pedido para Administração de questionário

No âmbito da Dissertação do Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais, da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias vimos por este meio solicitar a autorização para administração de um questionário sobre a Violência no Namoro, integrado no tema da Dissertação: "Violência no Namoro: Estudo com Adolescentes em Escolas no Concelho de Cascais"

Pretende-se que a população da presente investigação seja constituída por estudantes do 10º, 11º e 12º ano de escolaridade, já que o estudo procura analisar a Violência no Namoro nesta população, bem como as crenças associadas a esta temática.

Mais se informa que os instrumentos de recolha de dados que irão ser administrados, são inteiramente inócuos e os dados serão confidenciais e anónimos.

Autorizo

Não Autorizo

Assinatura:



Na expectativa de um bom acolhimento para o presente projeto, apresentamos os nossos melhores cumprimentos,

Carolina Fernandes Martins

Cascais, Setembro de 2020

APÊNDICE IV

Autorização aos Encarregados de Educação

Solicitação de Autorização aos Encarregados de Educação

No âmbito do estudo de Dissertação de Mestrado em Riscos e Violências nas Sociedades Atuais, realizada pela mestranda Carolina Fernandes Martins, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa, vimos por este meio pedir autorização do Encarregado de Educação do(a) aluno(a) _____, para a realização da recolha dos dados essenciais para a realização do estudo de investigação intitulado “Violência no Namoro: Estudos com Adolescentes em Escolas no Concelho de Cascais”.

Informa-se que os Instrumentos a serem administrados são inteiramente inócuos e os dados serão confidenciais e anónimos.

Por favor coloque uma cruz na opção que se refere ao seu educando:

Autorizo

Não autorizo

(Assinatura do Encarregado de Educação)

Obrigada pela colaboração

Carolina Fernandes Martins

Cascais, Setembro de 2020

ANEXO I

Questionário EAVN

Escala de Atitudes acerca da Violência no Namoro (EAVN)

(Autores: Price, Byers, & The Dating Violence Research Team, 1999; Tradução Portuguesa: Saavedra, Machado, & Martins, 2008)

Versão para Investigação

Instruções

Vais encontrar de seguida um conjunto de afirmações em relação a situações de violência no namoro. Pede-se que leias atentamente essas frases e exprimas a tua opinião em relação a cada uma delas.

Não existem respostas certas ou erradas. A tua opinião é o mais importante. Por favor, tenta responder de acordo com a tua forma de pensar e sentir e não como achas que deveria ser.

Avalia cada afirmação, colocando um (X) na opção que melhor traduza o teu modo de pensar. Assegura-te de que respondeste a todas as questões, devendo optar apenas por uma das hipóteses apresentadas.

As respostas a este questionário são absolutamente confidenciais.

Obrigado pela tua colaboração!

Por favor, lê atentamente cada afirmação e responde de acordo com as seguintes opções:

1. Discordo Totalmente
2. Discordo
3. Não Concordo nem Discordo
4. Concordo
5. Concordo Totalmente

PARTE A	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Totalmente
1. Um rapaz não deve insultar a namorada				
2. Um rapaz não deve dizer à namorada o que fazer				
3. Uma rapariga deve pedir autorização ao namorado para sair com os amigos				
4. Os relacionamentos resultam melhor quando as raparigas procuram agradar os namorados				
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz ameaçar a namorada				
6. Por vezes, os rapazes não conseguem evitar insultar as namoradas				
7. Uma rapariga deve mudar a sua forma de ser para agradar ao namorado				
8. Uma rapariga deve fazer sempre o que o namorado lhe diz para fazer				
9. Um rapaz não precisa de saber tudo o que a namorada faz				
10. Não existe nenhuma razão para um rapaz insultar a namorada				
11. É normal um rapaz gritar com a namorada quando está furioso				
12. Um rapaz pode dizer mal da namorada				
13. Não existe nenhuma razão para um rapaz gritar e berrar com a namorada				
14. Uma rapariga não deve estar com os amigos se isso aborrecer o namorado				
15. É importante que uma rapariga se vista sempre da forma que o namorado quer				
PARTE B	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Totalmente
1. Uma rapariga deve acabar o namoro se o namorado lhe bater				
2. Algumas raparigas merecem levar uma bofetada dos namorados				
3. Não é correto um rapaz bater na namorada				
4. Por vezes os rapazes não conseguem evitar dar murros na namorada				
5. Não existe nenhuma razão para um rapaz empurrar a namorada				
6. Por vezes um rapaz não consegue evitar bater na namorada quando ela o irrita				
7. Não existe nenhuma razão para um rapaz dar uma bofetada à namorada				
8. Por vezes o ciúme põe um rapaz tão louco que ele bate na namorada				
9. As raparigas que traem os namorados merecem ser esbofeteadas				
10. Por vezes, o amor faz com que um rapaz fique tão louco que ele bate na namorada				
11. Normalmente um rapaz não bate na namorada a não ser que esta mereça				
12. Um rapaz pode bater na namorada se ela merecer				

PARTE C	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Totalmente
1. Quando um rapaz paga a conta num encontro pode pressionar a namorada para ter relações sexuais com ele				
2. Os rapazes não são donos do corpo das namoradas				
3. Quando os rapazes ficam muito excitados sexualmente, não conseguem evitar ter relações sexuais				
4. Os rapazes nunca devem embriagar as namoradas para conseguirem ter relações sexuais com elas				
5. Um rapaz não deve tocar na namorada a não ser que ela queira				
6. Um rapaz pode forçar a namorada a beijá-lo				
7. Às vezes os rapazes têm de ser brutos com as namoradas para as excitarem				
8. Para provar o seu amor uma rapariga deve ter relações sexuais com o namorado				
9. Uma rapariga que entra no quarto de um rapaz está a concordar ter relações sexuais com ele				
10. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais				
11. Não tem mal pressionar uma rapariga para ter relações sexuais se ela já teve relações no passado				
12. Depois de um casal assumir um compromisso, o rapaz não tem o direito de forçar a namorada para ter relações sexuais				
PARTE D	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Totalmente
1. Não existe nenhuma desculpa para uma rapariga ameaçar o namorado				
2. Não existe nenhuma razão para uma rapariga insultar o namorado				
3. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados como se devem vestir				
4. Um rapaz deve fazer sempre o que a namorada lhe diz para fazer				
5. Se uma rapariga berrar e gritar com o namorado, não o magoa a sério				
6. As raparigas têm o direito de dizer aos namorados o que fazer				
7. É importante que um rapaz se vista sempre da forma que a namorada quer				
8. Por vezes as raparigas não conseguem evitar insultar os namorados				
9. Um rapaz deve pedir sempre autorização à namorada para sair com os amigos				
10. Uma rapariga pode dizer mal do namorado				
11. É normal uma rapariga gritar com o namorado quando fica furiosa				
12. Por vezes as raparigas têm de ameaçar os namorados para eles as ouvirem				
13. Uma rapariga não deve controlar o que o namorado veste				

PARTE E	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Totalmente
1. Uma rapariga pode bater no namorado se ele merecer				
2. Não tem mal se uma rapariga empurrar o namorado				
3. Por vezes, as raparigas não conseguem evitar dar murros nos namorados				
4. Alguns rapazes merecem levar uma bofetada da namorada				
5. Por vezes, uma rapariga tem de bater no namorado para ele a respeitar				
6. Normalmente uma rapariga só bate no namorado quando ele merece				
7. Uma rapariga não deve bater no namorado, independentemente do que ele tenha feito				
8. Não existe nenhuma razão para um rapaz levar uma bofetada da namorada				
9. Puxar o cabelo é uma boa forma de uma rapariga se vingar do namorado				
10. Nunca está correto uma rapariga dar uma bofetada ao namorado				
11. Algumas raparigas têm que bater nos namorados para serem ouvidas				
12. Um rapaz deve terminar o namoro com uma rapariga se esta o esbofetear				
PARTE F	Discordo Totalmente	Discordo	Não Concordo Nem Discordo	Concordo Totalmente
1. Uma rapariga não deve tocar no namorado a não ser que ele queira				
2. Não tem nada de mal um rapaz mudar a sua opinião sobre ter relações sexuais				
3. Um rapaz deve terminar o namoro com a namorada se ela o obrigar a ter relações sexuais				
4. Uma rapariga só deve tocar o namorado nos sítios onde ele quer				
5. Um rapaz que entra no quarto de uma rapariga está a concordar em ter relações sexuais				
6. Não tem nada de mal uma rapariga forçar o namorado a beijá-la				
7. As raparigas nunca devem embriagar os namorados para conseguirem ter relações sexuais com eles				
8. Mesmo se um rapaz tiver dito “sim” sobre ter relações sexuais, tem sempre o direito de mudar de ideias				
9. Depois de um casal assumir um compromisso, a rapariga não tem o direito de forçar o namorado a ter relações sexuais				
10. As raparigas nunca devem mentir aos namorados para eles terem relações sexuais com elas				
11. Para provar o seu amor, um rapaz deve ter relações sexuais com a namorada				
12. Uma rapariga pode dizer a um rapaz que gosta dele só para conseguir ter relações sexuais com ele				